

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

TONY WÉRISON DE SOUSA RAMOS

**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS:
PRÁTICA E PRECE PELA EMANCIPAÇÃO SOCIAL DE PENTECOSTE**

PRECE

FORTALEZA

2009

Tony Wérison De Sousa Ramos

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS: PRÁTICA E
PRECE PELA EMANCIPAÇÃO SOCIAL DE PENTECOSTE

Monografia submetida à Coordenação do Curso em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Graduado em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Doutor Eduardo Girão Santiago

FORTALEZA

2009

Tony Wérison De Sousa Ramos

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS: PRÁTICA E
PRECE PELA EMANCIPAÇÃO SOCIAL DE PENTECOSTE

Monografia submetida à Coordenação do Curso em Ciências Sociais da
Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de
Graduado em Ciências Sociais.

Aprovada em: 15/12/2009

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Girão Santiago (Orientador)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Maria Neyara de Oliveira Araújo
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Domingos Sávio Abreu
Universidade Federal do Ceará - UFC

À minha avó Anita

AGRADECIMENTOS

Nessa caminhada rumo à construção do conhecimento muitas pessoas me ajudaram, amigos, colegas e professores, no entanto, nada foi tão importante nesse processo quanto a minha família, sempre me orientando e incentivando nos meus estudos. Aproveito essa oportunidade para agradecer aos meus pais pela educação, os princípios e o direcionamento correto através dos meandros dessa vida.

Às minhas queridas irmãs, que sempre acreditaram e torceram por mim e minha avó querida que sempre colaborou, nunca esquecendo de me colocar em suas orações.

Não poderia deixar de agradecer uma pessoa que foi muito importante nesse processo, meu grande amigo Manoel Andrade, obrigado pela força, o incentivo e as palavras sábias nos momentos difíceis.

Ao meu orientador Professor Eduardo, pela sábia orientação e valiosas contribuições, sempre indicando a direção a ser tomada, um interlocutor interessado em minhas inquietações e que de forma atenciosa e generosa me guiou pelos cuidadosos caminhos da pesquisa em Ciências Sociais.

Agradeço, especialmente, ao PRECE, essa rede de estudantes solidários e cooperativos que nos ensina a cada ação que nada e nem ninguém é mais forte que todos nós juntos, que é possível colaborar para a qualidade e o bem viver de nosso torrão de origem. Obrigado a todos os precistas pelo apoio. Foram muitas prosas e ensinamentos compartilhados que marcaram nossas pegadas até aqui.

“Para termos cidadania ativa, temos de ter uma cidadania informada, e isto começa cedo. A educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la”.

(Ladislau Dowbor)

RESUMO

O presente trabalho de monografia tem como objeto de pesquisa a experiência do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) no município de Pentecoste, Ceará. Através desse programa, estudantes de origem popular estão ingressando na universidade pública e retornando às suas comunidades de origem para desenvolver projetos sociais na área de educação, desenvolvimento econômico e empoderamento comunitário. Verificamos em nosso trabalho teórico-empírico, que o PRECE se configura como uma rede social de desenvolvimento comunitário, pautada em laços de confiabilidade e cooperação entre seus membros. Nossa disposição foi, primeiramente, demonstrar a experiência do PRECE como uma manifestação ativa de formação de capital social no semi-árido nordestino. Posteriormente, comprovar a importância de uma educação transformadora e emancipatória como vetor fundamental para o desenvolvimento local. Mesmo em um município com vícios políticos enraizados reforçados por uma estrutura de poder local atrasada, o PRECE vem induzindo a formação de lideranças comprometidas com a transformação da realidade local e a emancipação social de suas comunidades.

Palavras chave: Educação; Desenvolvimento Local; Emancipação;

ABSTRACT

The present work has the experience of Cooperative Cells Education Program (PRECE) in the countryside town Pentecoste CE as the research object. Through this program, students of popular origin are entering the public university and returning to their origin communities in order to develop social projects concerning education, economic development and community empowerment. We could verify that in our theoretical-empirical work PRECE appears as a social network of community development, guided by reliability and cooperation ties among its members. We firstly aimed to demonstrate the experience of PRECE as an active manifestation of social capital formation in the Brazilian Northeast semiarid. Afterwards, we aimed to prove the importance of a transformational and emancipatory education as a fundamental vector to local development. Even acting in a town rooted in political misconduct which is reinforced by an exceeded local power structure, PRECE has been inducing the formation of leaders committed with the transformation of their local reality and the social emancipation of their communities.

Keywords: Education; Local Development; Emancipation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADEL – Agência de Desenvolvimento Local
COAMPE – Central das Associações Organizativas do Município de Pentecoste
DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra As Secas
EPC – Escola Popular Cooperativa
IPECE – Instituto de Planejamento do Estado do Ceará
ICE – Instituto Coração de Estudante
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IES – Índice de Desenvolvimento Social
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDIS – Instituto para o Desenvolvimento de Investimento Social
NAJUCOM – Núcleo de Assessoria Jurídica e Contábil
NOCOM – Núcleo de Psicologia Comunitária da UFC
PIB – Produto Interno Bruto
PRECE – Programa de Educação em Células Cooperativas
PSF – Programa Saúde da Família
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
QI-MCS – Questionário Integrado para Medir Capital Social
SUS – Sistema Único de Saúde
SEDUC – Secretária de Educação do Estado do Ceará
SINDSEP – Sindicato dos Servidores Públicos do Município de Pentecoste
UAVRC – União das Associações do Vale do Rio Canindé
UFC – Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO _____	11
II – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS _____	14
Capítulo 1 _____	19
1.1 – Capital Social: Perspectivas Conceituais _____	19
1.2 – O município de Pentecoste _____	27
Capítulo 2 _____	34
2.1 – A experiência do PRECE no semi-árido nordestino _____	34
2.2 – Uma manifestação ativa de capital social no sertão nordestino _____	46
Capítulo 3 _____	74
3.1 – O poder emancipatório do PRECE _____	74
3.2 – Rede PRECE: uma experiência de desenvolvimento comunitário e indução na perspectiva de desenvolvimento local _____	88
III – CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	97
IV – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	103
V – APÊNDICES _____	107
VI – ANEXOS _____	118

I - INTRODUÇÃO

O Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) é uma das experiências de educação, protagonismo social e desenvolvimento local de maior notoriedade nos últimos anos no Estado do Ceará.

O PRECE surge em 1994 na comunidade rural de Cipó, no município de Pentecoste - Ce. Envolvendo, primeiramente, sete estudantes, filhos de agricultores e pescadores, a maioria fora da faixa etária e vitimados pela precariedade do ensino público nas áreas rurais. Através da estratégia da aprendizagem cooperativa e o apoio de um professor universitário nascido na comunidade, estes estudantes conseguiram, primeiramente, concluir seus estudos através do supletivo (atualmente Educação de Jovens e Adultos - EJA) e, posteriormente ingressaram na Universidade Federal do Ceará. Após o ingresso no ensino superior, os novos universitários continuaram retornando às suas comunidades de origem e criando projetos de desenvolvimento comunitário nas mais diversas localidades, de acordo com suas áreas de interesse ou curso universitário.

No decorrer dos anos, o PRECE cresceu e se multiplicou tanto em número de atividades desenvolvidas como em expansão para outros municípios. Foram criadas as EPC's (Escolas Populares Cooperativas), empreendimentos educacionais geridos pelos estudantes (pré-universitários e universitários) e graduados que ingressaram na universidade. O PRECE passou a se estruturar em uma rede de entidades associativas.

Após 15 anos, a multiplicação permitiu a formação de 13 EPC's em sete municípios do Estado do Ceará envolvendo aproximadamente 2000 estudantes. No município de Pentecoste o PRECE já proporcionou o ingresso de mais de 150 estudantes de origem popular na Universidade Federal do Ceará.

As entidades associativas que compõem a Rede PRECE (a rede traz o nome do principal programa largamente conhecido na região) no município de Pentecoste, vêm nos últimos anos, ampliando suas ações visando colaborar para com o desenvolvimento local e fortalecer a democracia participativa através da efetivação de processos democrático-participativos.

Na medida em que se organizam, as EPC's formam uma rede de atuação para pensar estratégias e potencializar suas ações em três grandes áreas: Educação, com ênfase na formação de lideranças comunitárias; Desenvolvimento Local Sustentável, com ênfase na formação de empreendedores locais comprometidos com a sua comunidade; Controle Social e Governança, com ênfase na formação de cidadãos conscientes de sua realidade e capazes de transformá-la. As EPC's do município de Pentecoste são as pioneiras na criação e sistematização de uma rede social na região.

Observando algumas variáveis que integram a definição do conceito de capital social, vislumbrei uma relação com a dimensão estrutural (rede social) em que se configura o PRECE atualmente. Depois de me aprofundar no tema, debrucei-me em uma pesquisa buscando verificar o estoque de capital social dessa experiência e a relação com o desenvolvimento comunitário no município.

Estudar a experiência dessas entidades associativas como foco de constituição de capital social em Pentecoste decorre da motivação de saber como esses estudantes, em sua maioria, filhos de pequenos agricultores e pescadores, vivendo em comunidades rurais tão desassistidas pelo poder constituído, foram capazes de forjar uma correlação de forças sociais para aprimorar as condições objetivas de promoção de uma educação focada no desenvolvimento das comunidades e sua emancipação. Além do mais, a falta de produção científica sobre essa experiência no semi-árido cearense me instigou, ainda mais, a realizar a pesquisa.

Atualmente, venho percebendo o aumento no número de pesquisas sobre a temática do capital social, sendo que algumas delas já chegaram ao consenso sobre sua importância para o desenvolvimento. Os debates, não só no meio acadêmico, como também em agências de desenvolvimento se intensificaram, pois se entende que as várias dimensões e a intensidade do capital social podem condicionar o desenvolvimento.

Em Pentecoste, o PRECE permitiu a formação de sete associações estudantis (EPC's), além da Agência de Desenvolvimento Econômico Local (ADEL) desenvolvendo projetos sociais que beneficiam 33 comunidades.

As Escolas Populares Cooperativas do PRECE são espaços de protagonismo juvenil, todos os programas e projetos desenvolvidos nos empreendimentos educacionais (EPC's) são geridos e executados pelos próprios

estudantes das comunidades assistidas. Através da mútua educação, da cooperação e a solidariedade como princípios e estratégias de ação, o PRECE promove o investimento e desenvolvimento de capital humano nas comunidades.

Para Amaral Filho (2000) comunidades com maiores níveis de capital social são mais propensas a se desenvolverem do que comunidades com baixos níveis de capital social. Isso se deve ao benefício que surge do acúmulo de articulações sociais e ao grau de organização da sociedade, gerando melhorias na qualidade de vida da população e criando alternativas para superar os problemas existentes na região (Kliksberg, 1999).

Minha disposição, primeiramente, foi a de demonstrar a experiência da rede PRECE no município de Pentecoste – Ce, como uma manifestação ativa de formação de capital social no semi-árido nordestino, buscando levantar dados sobre confiabilidade e cooperação em relação aos membros que compõem a rede associativa. Para tanto, busquei medir o grau de capital social comunitário - o capital social referente à capacidade que os indivíduos possuem para gerar relações sociais baseadas em reciprocidade e confiança - nas entidades associativas que desenvolvem projetos sociais, nas comunidades atendidas pela rede PRECE. Além das relações da rede com outras entidades associativas no município, ou seja, o capital social extracomunitário, as relações que ocorrem com grupos sociais externos.

Um outro fator importante do presente estudo, foi analisar o papel das entidades associativas do PRECE, no que diz respeito a sua influência na participação e engajamento cívico dos membros da rede em suas comunidades de origem. Confiança e engajamento cívico estão fortemente correlacionados; confiança e engajamento cívico são duas facetas do capital social. Busquei verificar a relação entre o capital social existente na rede, sua contribuição para o desenvolvimento local, e o poder emancipatório do PRECE em um município com práticas e vícios políticos que reforçam uma estrutura atrasada de poder local. Nossa abordagem é a de promover uma reflexão do capital social como fator de transformação, não apenas em espaços comunitários favoráveis à participação, mas, também, e, principalmente, em um ambiente desfavorável politicamente ao desenvolvimento, como é o caso de Pentecoste.

II – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

1. Área de Estudo

A pesquisa de campo foi realizada durante o período de abril a julho de 2009. A área de estudo compreende comunidades beneficiadas diretamente pelos programas da rede PRECE no município de Pentecoste, localizado na Mesoregião do norte do Estado do Ceará, a 86 km de Fortaleza. O município pertence à microrregião do Médio Curú. As vias de acesso ao município, a partir da capital cearense (Fortaleza), são as rodovias BR-222 e CE- 341 (IBGE/IPECE).

2. Fontes de dados

Neste estudo de caso, entendemos capital social como um elemento que emerge das relações humanas, contribui para a consolidação das relações sociais e pode transformá-las em instrumentos de otimização das iniciativas coletivas. O capital social é multidimensional incorporando vários níveis e unidades de análise, o que certamente me levou a adotar técnicas de pesquisa divergentes em determinado momento.

Os dados primários utilizados na análise provêm da aplicação de um questionário a membros das sete entidades associativas que compõem a rede PRECE. Para a aplicação do questionário, foram escolhidos lideranças estudantis ligadas a ADEL (Agência de Desenvolvimento Econômico Local) e as EPC's que compõem a rede PRECE nas comunidades, totalizando 40 questionários aplicados. Além disso, foram utilizados métodos quantitativos e qualitativos através de entrevistas semi-abertas com lideranças estudantis e comunitárias.

Os dados secundários utilizados provêm do IPECE (Instituto de Planejamento do Estado do Ceará), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Estatísticas da Educação Básica do Governo do Estado do Ceará, Estudos e Relatórios de Atividades anuais do ICE (Instituto Coração de Estudante), sites, livros, publicações, dissertações e relatórios de pesquisa, além de uma ampla revisão de literatura sobre os temas sobre capital social.

3. Técnicas de Pesquisa

As técnicas de pesquisa utilizadas nesse estudo foram a aplicação de um questionário semi-aberto para verificar o nível de capital social da Rede PRECE, observação participante com visitas as comunidades, entrevistas com lideranças comunitárias e estudantis, pesquisa bibliográfica e documental.

No primeiro momento, abril de 2009, foi realizado um contato com as principais lideranças do PRECE onde realizei levantamentos preliminares sobre a rede, o número de projetos desenvolvidos em cada EPC e de estudantes beneficiados. Meu envolvimento com uma das associações da rede facilitou meu contato com as outras entidades associativas. Além disso, comecei a preparação dos instrumentos de coletas de dados.

No segundo momento, iniciei o trabalho de campo. Realizei, primeiramente, uma série de visitas às EPC's do PRECE e às comunidades beneficiadas onde participei de reuniões, fóruns, debates e eventos nas Escolas Populares Cooperativas, atuando nesses espaços como observador participante. Uma técnica de coletas de dados com a observação do cotidiano e das atividades do grupo, análise qualitativa de textos (discursiva). Além disso, realizei, com a ajuda da orientação, um encontro em maio de 2009 com um grupo de lideranças estudantis do PRECE onde pude fazer uma coleta de dados qualitativos sobre a atuação da rede no município (conversa livre).

Na parte de elaboração do questionário busquei basear-me no modelo de Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS) do Banco Mundial. Entretanto, tive que construir, com a ajuda da orientação, um questionário reduzido e adaptado à realidade de uma rede de associações comunitárias, além das questões quantitativas foram elaboradas, também, questões qualitativas.

Quanto ao processo amostral, partimos do universo de 479 beneficiados diretos (estudantes e agricultores) pelos programas da Rede PRECE. Considerando a sua distribuição geográfica, calculamos 10% desse total distribuídos proporcionalmente ao número de beneficiados pelas entidades associativas da Rede PRECE. Vale ressaltar que as crianças do ensino fundamental que participam do Projeto Estudante Cooperativo, 135 estudantes, não foram levados em consideração

na amostra para a aplicação do questionário. Incluindo as crianças, o número de beneficiados pela Rede PRECE chegaria a 637 estudantes oriundos de 33 comunidades do município de Pentecoste. As crianças não tinham condições de responder as perguntas referentes ao questionário.

No quadro abaixo está exposto o nome de cada entidade associativa que compõe a Rede PRECE no município de Pentecoste, cntando com o número de beneficiados e questionários aplicados em cada associação estudantil.

Quadro I – Entidades Associativas da Rede PRECE – Pentecoste – CE

Entidade Associativa	Nº de beneficiados diretos	Nº de questionários aplicados
EPC Pentecoste	180 estudantes	18
EPC Cipó	40 estudantes	4
EPC Boa Vista	108 estudantes	8
EPC Providência	37 estudantes	1
EPC Estrela D’Alva	32 estudantes	2
EPC Ombreira	40 estudantes	3
ADEL	42 agricultores	4
TOTAL	479 beneficiados	40 questionários

Fonte: Pesquisa Direta - maio de 2009

Vale salientar as dificuldades que tive para a aplicação dos questionários, principalmente no que diz respeito à chegada nas comunidades rurais beneficiadas. As aplicações dos questionários ocorreram no período de maio a julho de 2009, coincidindo com as fortes chuvas que causaram enchentes e assolaram o Ceará este ano. Algumas comunidades ficaram ilhadas, foi o caso da comunidade rural de Providência onde atua uma pequena associação estudantil do PRECE. Nesse período a EPC parou suas atividades e, somente consegui aplicar um questionário a uma beneficiada, pois não consegui chegar à comunidade. O mesmo ocorreu com a comunidade rural de Estrela D’Alva, que fica na extrema do município e, que na época, por conta dos rios que transbordaram e das estradas de difícil acesso, não consegui chegar à EPC que desenvolve atividades naquela comunidade. Somente consegui aplicar dois questionários, em um horário previamente marcado, a beneficiados que se encontravam na sede Instituto Coração de Estudante em Fortaleza. Somente em outubro consegui realizar uma visita a essas comunidades beneficiadas e pude observar os projetos sociais desenvolvidos.

Um outro ponto a salientar é que os dados referentes ao número de beneficiados em cada entidade variam no decorrer dos meses, isso por conta do número crescente de jovens que procuram participar dos projetos sociais, independente do período do ano, e também, as evasões, que apesar de pequena, ocorrem por conta das dificuldades que muitos estudantes pobres tem de estudar. Esses dados são da atual configuração da rede PRECE em maio deste ano, apesar de que, no decorrer do ano, a variação no número de beneficiados não tem grandes mudanças.

O Questionário para averiguar o nível de capital social inscrito na rede PRECE abordou questões relevantes sobre os indicadores determinantes de capital social, a saber:

- Grupos e Redes

Esta é a categoria mais comumente associada ao capital social. As questões nesta seção consideram a natureza e a extensão da participação dos membros do PRECE em vários projetos e / ou outras organizações sociais e redes informais, assim como as várias contribuições dadas e recebidas nestas relações.

- Confiança e Solidarietà

São duas das principais características de capital social. Além das perguntas tradicionais sobre confiança presentes em um número notável de *surveys* nacionais, esta categoria buscou levantar dados sobre a confiança em relação aos membros que compõem a rede PRECE.

- Ação Coletiva e Cooperação

Esta categoria investigou se e como os membros da rede têm trabalhado em projetos comuns e com outras pessoas em sua comunidade, em projetos conjuntos. Também considera as expectativas em relação à participação.

- Coesão

Questões relativas às formas cotidianas de interação social entre os membros da rede PRECE.

- **Emancipação e Ação Política**

As questões nesta seção buscam averiguar o grau de participação dos membros da rede PRECE em ações políticas, avaliação das reivindicações e do governo local.

Realizei uma série de entrevistas abertas com estudantes e lideranças comunitárias representantes de organizações da sociedade civil organizada (nas quais o entrevistado teve a possibilidade de expressar-se livremente sobre o tema), onde pude coletar informações sobre a relação do PRECE com outras entidades organizativas no município.

Por fim, foi realizada uma tabulação de dados da pesquisa e logo em seguida, montada séries estatísticas sobre os indicadores determinantes de capital social na rede PRECE, a análise das informações obtidas na coleta de dados foi realizada de forma qualitativa à luz do referencial teórico.

Quanto à estrutura dos capítulos, no primeiro, procuraremos tecer, no primeiro momento, uma abordagem sobre os principais teóricos que debatem a temática do capital social. No segundo momento, uma visão geral sobre o município de Pentecoste, informações sócio-econômicas e um breve apanhado da cultura política do município.

No segundo capítulo, procuramos tecer, no primeiro momento, uma definição detalhada do PRECE, os programas e projetos desenvolvidos na rede, trazendo o histórico, os resultados quantitativos e qualitativos desses quinze anos de atuação em Pentecoste. No segundo momento, promovemos um relato detalhado da pesquisa, descrevendo o processo de formação ativa de capital social na rede PRECE relacionando os resultados da pesquisa com recortes teóricos, e, ao mesmo tempo, tecendo um diálogo com os autores mais importantes na temática do capital social.

No terceiro e último capítulo, iniciamos uma abordagem sobre o capital social como um fator de transformação, primeiramente, no que tange ao poder emancipatório do PRECE numa região com práticas e vícios políticos que reforçam uma estrutura atrasada de poder local, e no segundo momento, o olhar teórico sobre o capital social gerado na rede PRECE e sua contribuição para o desenvolvimento comunitário e indução das perspectivas de desenvolvimento local em Pentecoste.

1. CAPÍTULO I

1 - Capital Social: Perspectivas Conceituais

Nos últimos anos, as pesquisas, discussões e debates a cerca do tema capital social vem recebendo considerável atenção, particularmente entre sociólogos, economistas e cientistas políticos, além de organizações públicas e privadas. As razões para sua difusão estão relacionadas com a valorização das relações e estruturas sociais no discurso político e na ótica econômica, bem como a preocupação de certas correntes da sociologia em introduzir uma dimensão normativa em sua análise.

Na maior parte dos estudos sobre o tema, destacam-se alguns teóricos ligados ao conceito de capital social como Robert Putnam e James Coleman. No Brasil destacam-se estudos de Marcelo Baquero e Augusto de Franco. Em função de diferentes objetivos e vertentes de estudo, cada um desses autores define o conceito de uma forma distinta, mantendo-se, todavia, algumas características comuns.

Robert Putnam é um dos autores mais citados sobre o tema. Ele popularizou o conceito de capital social e pode reivindicar a responsabilidade de sua incorporação no discurso político. O capital social para Putnam (1995, p. 4),

“refere-se a características da organização social, tais como confiança, normas e redes que podem aumentar a eficácia de uma sociedade facilitando ações coordenadas [...] Confiança compreende uma previsão sobre o comportamento de um ator independente. Normas de reciprocidade generalizadas e redes de engajamento cívico estimulam a confiança social e a cooperação porque reduzem os incentivos à defecção, reduzem a incerteza e fornecem modelos para a cooperação futura”.

Dois pressupostos estão implícitos em tal conceituação: redes ("redes de engajamento cívico") e normas estão empiricamente associadas e têm conseqüências econômicas importantes para a comunidade, supondo, portanto um papel instrumental para o capital social. O autor acredita que a confiança lubrifica a

vida social; e que sociedades com elevados graus de confiança tornam-se e permanecem ricas porque são cívicas. A confiança é por sua vez alcançada quando há um conhecimento mútuo entre os membros de uma comunidade e uma forte tradição de ação comunitária.

Na visão de Putnam, a dimensão política se sobrepõe à dimensão econômica: as tradições cívicas permitem-nos prever o grau de desenvolvimento, e não o contrário. A “performance institucional” está condicionada pela comunidade cívica. Para Putnam (1996, p. 182-185):

“toda sociedade – moderna ou tradicional, autoritária ou democrática, feudal ou capitalista – se caracteriza por sistemas de intercâmbio e comunicação interpessoais, tanto formais quanto informais. Alguns desses sistemas são basicamente horizontais, congregando agentes que têm o mesmo status e o mesmo poder. Outros são basicamente verticais, juntando agentes desiguais em relações assimétricas de hierarquia e dependência [...]. Os sistemas horizontais de participação cívica (cooperativas, associações, partidos, clubes desportivos, sindicatos, associações culturais e de ajuda mútua) ajudam os participantes a solucionar os dilemas da ação coletiva, então quanto mais horizontalizada for a estrutura de uma organização, mais ela favorecerá o desempenho institucional na comunidade em geral [...]. Um sistema vertical, por mais ramificado e por mais importante que seja para seus membros, é incapaz de sustentar a confiança e a cooperação sociais”.

O autor afirma que a complementação entre as ações institucionais de caráter público e as ações coletivas aumenta e fortalece o engajamento cívico. Assim, segundo Putnam, “a sinergia entre público e privado amplia a confiança e a transparência, permitindo a implementação de políticas públicas que promovam transformação social e aumentem o bem-estar” (ABU-EL-HAJ, 1999: 69).

Putnam aplicou o conceito na compreensão da participação, engajamento da sociedade e seus efeitos, nas instituições democráticas e na qualidade do governo em algumas regiões da Itália (melhor desempenho institucional das regiões situadas ao Norte da Itália, cultura cívica). Comunidades baseadas no associativismo, com normas transparentes e redes de solidariedade (horizontal) devem apresentar níveis elevados de engajamento cívico e organização comunitária que contribuem para um alto desempenho econômico, garantem níveis altos de bem-estar entre seus cidadãos, produzindo estabilidade econômica. Putnam afirma que existem mecanismos de retroalimentação que reforçariam constantemente as normas e comportamentos existentes ao longo do tempo e em ciclos intermináveis, levando todo o sistema sociocultural a um equilíbrio positivo,

de acumulação de capital social, ou a um equilíbrio negativo, o de sociedade ‘acívica’.

Apóia-se em uma inclinação de especificidades culturais para explicar a formação de laços de confiança. Assim, localidades com histórico de práticas associativistas ou engajamento cívico e político determinam a existência de capital social.

Segundo Abu-El-Haj, em sua interessante crítica sobre o capital social, nos mostra como o ponto de vista de Putnam acaba sendo de profundo ceticismo:

“associando as possibilidades de avanço democrático à existência de ingredientes culturais naturais a certas sociedades, o autor destitui a grande maioria dos países em desenvolvimento da possibilidade de alcançar a civilidade”. (Abu-El-Haj, 1999:71).

Entretanto, em sua última pesquisa sobre o declínio do capital social americano, Robert Putnam teria recuado de seu “excessivo determinismo cultural” (Abu-El-Haj, 1999, p.70).

Depois da longa pesquisa realizada em províncias italianas, Putnam se tornou conhecido e discutido na obra publicada em 2000 “Bowling Alone”, onde aborda o declínio da vida associativa e correlaciona este fato a uma queda da participação cívica na sociedade americana. Putnam atribui que a erosão do capital social nos Estados Unidos pode ser atribuída a fatores como a maior participação das mulheres no mercado de trabalho, ruptura do casamento e os laços familiares, as mudanças tecnológicas como as TIC’s (Tecnologias de Informação e Comunicação), televisão, Internet, etc. Além da urbanização, mobilidade física do local de trabalho e moradia. Tanto nessa obra, como no estudo sobre a Itália, Putnam coletou uma série de evidências para comprovar a suposta relação entre engajamento cívico e o desempenho das instituições sociais e governamentais.

Na obra *Comunidade e Democracia* (1995), Putnam no estudo sobre a democracia italiana, identifica que o número elevado de associações e as relações reciprocidade são premissas para uma democracia ativa e um engajamento cívico efetivo. Putnam salienta que, em uma comunidade ou uma sociedade “abençoada” por estoques significativos de capital social, redes sociais de compromisso cívico incitam a prática geral da reciprocidade e facilitam o surgimento da confiança mútua.

Putnam recorre à distinção entre "bonding social capital" (capital social comunitário), que tende a fortalecer, acima de tudo, o próprio grupo e reforçar as identidades excludentes e os grupos homogêneos, e "bridging social capital" (capital social extracomunitário) que visa fortalecer as relações com o mundo fora do grupo e que abarcam pessoas de diferentes setores sociais. O primeiro reforça os laços de confiança entre os membros de grupos específicos, enquanto o segundo pode gerar reciprocidades e identidades mais abrangentes e criar laços de conectividade entre diversos grupos diferentes.

James Coleman (adepto da teoria da escolha racional), define capital social pelo seu efeito ou função. Não é uma única entidade, mas uma variedade de entidades tendo duas características em comum: elas são uma forma de estrutura social e facilitam algumas ações dos indivíduos que se encontram dentro desta estrutura social. Deve ser entendido como um recurso para as pessoas e, sendo assim, ele é produzido a partir das mudanças das relações interpessoais que facilitam determinadas ações. Dessa forma, "o capital social depende da ação individual para a produção de um bem coletivo e é sustentado por dois pilares, a confiança e a reciprocidade. O mais interessante nesta perspectiva é que aqueles que geram capital social beneficiam-se apenas de uma pequena parte do todo que foi produzido" (COLEMAN, 1999: 39). O conceito de capital social apresenta-se como um componente primordial na produção de laços de reciprocidade dentro de grupos ou comunidades.

Os aspectos ou formas de estrutura social citados por Coleman referem-se ao cumprimento das obrigações, expectativas, e das normas e sanções efetivas que restringem ou encorajam certos tipos de comportamento no ambiente de relações entre as pessoas.

O processo de desenvolvimento não precisa seguir um único modelo como paradigma e o capital social em si, sem se retroalimentar com outros fatores, pode não ser eficiente. Segundo Jawdat Abu-El-Haj (1999, p.70):

"Coleman levantou a hipótese de que existe uma complementaridade entre capital físico-econômico (insumos, infra-estrutura e financiamento), capital humano (educação e preparação técnica) e capital social (relações de confiança). A otimização do capital físico, do capital-econômico e do capital humano é alcançada na medida em que as relações de confiança e reciprocidade aumentam na comunidade".

Em comunidades onde o nível educacional e os recursos financeiros são constantes, o bom nível de desenvolvimento de seus membros é resultado dos laços de confiança existentes entre os integrantes da comunidade, permitindo mobilização social coletiva e a otimização dos recursos individuais existentes.

O conceito de capital social é multifacetado e podemos observar outras contribuições. Para Bernardo Kliksberg, a idéia de capital social está associada à noção de cultura. O capital social e a cultura são componentes chaves. As pessoas, as famílias, os grupos são, essencialmente, capital social e cultura. São portadoras de atitudes de cooperação, valores, tradições, visões da realidade – que constituem sua própria identidade. Quando isto é ignorado, deteriorado, desrespeitada sua ordem natural, são inutilizadas importantes capacidades aplicáveis ao desenvolvimento e liberadas poderosas resistências. Se, pelo contrário, se reconhece, explora, valoriza e potencializa sua contribuição, ela pode ser muito relevante e propiciar círculos virtuosos com as demais dimensões do desenvolvimento.

Kliksberg nos apresenta a influência positiva de um componente central do capital social, a família. Quanto mais sólido for esse capital social maiores são os resultados no quesito educação e mais produtivos tendem a ser as outras formas de capital. Kliksberg aponta estudos que mostram que confiança e compromisso cívico, o capital social integrado por esses dois componentes é maior em sociedades menos polarizadas quanto à desigualdade e às diferenças étnicas.

Segundo Kliksberg, a cultura cruza todas as dimensões do capital social de uma sociedade. Ela fica subjacente aos componentes básicos considerados capital social, como a confiança, o comportamento cívico, o grau de associativismo. Segundo o relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO (1996) “Cultura é maneiras de viver juntos... ela molda nosso pensamento, nossa imagem e nosso comportamento”. A cultura engloba valores, percepções, imagens, formas de expressão e de comunicação e inúmeros outros aspectos que definem a identidade das pessoas e das nações.

Woolcock (2002) observa que, ao final da década de 90, a temática do capital social começou a fazer parte da literatura que enfatiza o papel das instituições e organizações comunitárias no processo de desenvolvimento. Para Castilhos (2002, p.09), “a expressão capital social procura dar significado,

essencialmente, à importância da presença e da ‘qualidade’ das relações sociais para o desencadeamento do processo de desenvolvimento”.

Em sua definição sobre capital social, Woolcock busca dissociar o capital social de suas conseqüências benéficas, tentando mostrar que laços sociais têm custos tanto quanto benefícios. Pois as pessoas podem ter laços sociais negativos que, por exemplo, negue o acesso destas a um recurso-chave. Portanto, define capital social como as normas e redes que permitem a ação coletiva. Essa definição dá ênfase nas fontes e não nas conseqüências. Nesse sentido, as propostas de desenvolvimento devem investir em normas e redes que gerem conseqüência positivas combatendo as negativas, propiciando que as pessoas tenham acesso a recursos-chaves.

A noção de capital social como um recurso produtivo pode ser vista em Abramovay (2000), o autor destaca que as estruturas sociais devem ser vistas como recursos, como um ativo de capital de que os indivíduos podem dispor. Dessa forma, o capital social ganha contorno de recurso produtivo, pois possibilita que se construa algo, que se alcancem objetivos que não seriam possíveis na sua ausência. Durston (2000) também enxerga o capital social como um recurso, ou uma via de acesso a recursos, que podem gerar benefícios. Da mesma forma, Monastério que em seus estudos sobre investimentos em capital físico e as relações com o capital social sugere este último como um recurso para as pessoas. Entretanto, somente quando se distingue as formas e dimensões do capital social é que a discussão entre capital social e desenvolvimento se amplia e avança.

Distinguem-se, usualmente, segundo Monastério (2000 b, p. 5), os seguintes tipos de capital social:

i - *Capital social institucional (“linking”)*: é o que descreve as relações sociais existentes entre a sociedade civil e o Estado (os diversos órgãos e ‘espaços públicos’ com que se relacionam os cidadãos). São as ligações verticais entre os pobres e as pessoas ocupantes de postos de decisão em organizações formais. Comunidades, nas quais abunda esse tipo de capital, têm governos permeáveis às demandas oriundas dos estratos inferiores da pirâmide social.

ii - *Capital social extracomunitário (“bridging”)*: é o que descreve as relações sociais geradoras de capital que determinada comunidade estabelece com grupos sociais e econômicos externos. Esse tipo de capital social é muito importante, pois permite que os indivíduos estabeleçam as relações sociais em que são efetuadas ‘trocas econômicas’ (relações de mercado) e o acesso às informações (conhecimento) presentes em meios ‘externos’ à sua comunidade [...] quando o capital social do tipo “bridging” é abundante, tem-se uma sociedade fluída e integrada na qual, por exemplo, a despeito das

diferenças sociais, pobres e ricos confiam uns nos outros e compartilham informações.

iii - *Capital social comunitário* (“*bonding*”): é aquele que corresponde às relações sociais comunitárias dos indivíduos. Refere-se à capacidade que estes (indivíduos) possuem para gerar relações sociais baseadas em reciprocidade e confiança nas suas comunidades, além do potencial organizativo que essas mesmas comunidades possuem. Envolve os vínculos entre agentes de mesma posição [...].

Em países menos desenvolvidos, os pobres têm se beneficiado de grandes estoques de capital social comunitário, pouco extracomunitário e quase nenhum institucional, Woolcock (2002), Narayan (1999) e o World Bank (2000) concordam entendendo que as diferentes combinações dessas formas de capital social (“*bonding*”, “*bridging*” e “*linking*”) são responsáveis por uma série de severas conseqüências no desenvolvimento e meio ambiente e permitem a compreensão da condição dos pobres em países em desenvolvimento.

Uma variável que integra as definições de capital social nas visões institucionais é a de rede. As redes são instrumentos ou estrutura de expansão do capital social, elas podem e devem se constituir como meio de articulação dos princípios, virtudes e relações sociais que dão vida ao capital social.

A visão mais estreita o define como um conjunto de normas e redes sociais que afetam o bem-estar da comunidade na qual estão inscritas. Nesse caso, as relações de base para a formação das redes seriam entre iguais, isto é, entre indivíduos similares do ponto de vista de suas características demográficas. (capital social comunitário).

As redes assim constituídas não permitem que a comunidade rompa suas próprias fronteiras, embora essa ruptura seja fundamental para a construção de metas comuns e confiança entre seus membros. Dessa forma, as redes devem se ampliar para criar ligações com outras comunidades semelhantes e assim ampliar o alcance de suas ações (*bridging social capital* ou “capital social de ponte”).

Embora ampliada em termos de comunidades, essa rede ainda possui características horizontais. Assim, para se entender o seu alcance, deve-se identificar laços com indivíduos que estejam em posição de autoridade, isto é, que podem intermediar recursos adicionais para o desenvolvimento da comunidade (*linking social capital* ou “capital social de conexão”). O uso da metodologia de análise de redes sociais vem se difundindo rapidamente nos últimos anos, trazendo

contribuições significativas para a compreensão do papel do capital social no desenvolvimento.

“O desenvolvimento comunitário acontece quando há desenvolvimento de capital humano, ou seja, fomento ao protagonismo da comunidade e aumento do capital social. As Redes Sociais de Desenvolvimento Comunitário são uma forma de organização pautada pela ética, com estrutura horizontal, orgânica e autônoma, na qual a participação é incentivada, a diversidade é valorizada e o protagonismo é desenvolvido”. (Portal IDIS - Instituto para o Desenvolvimento de Investimento Social). Disponível em www.idis.org.br/, acessado em 23 de setembro de 2009.

Segundo Augusto de Franco, são as relações cooperativas entre os indivíduos – que geram padrões replicáveis de convivenciabilidade – que produzem capital social. Logo, um bom desenvolvimento humano é um fator positivo, mas não é suficiente para produzir o desenvolvimento comunitário.

Para Augusto de Franco, desenvolvimento implica sempre uma ampliação da esfera da liberdade humana. Pode haver crescimento econômico sem mais-liberdade, mas não pode haver desenvolvimento. Ele define o capital social como:

(...) “o conjunto dos recursos associados à existência de redes de conexão entre pessoas e grupos que promovem a parceria – por exemplo, o reconhecimento mútuo, a confiança, a reciprocidade, a solidariedade e a cooperação – e o empoderamento – ou seja, a democratização do poder que se efetiva com o aumento da possibilidade e da capacidade das populações influírem nas decisões públicas”.(De Franco, 2001, p. 153).

O capital social pode, assim, ser medido a partir da porcentagem de pessoas que participam de organizações da sociedade civil, conselhos de políticas públicas e fóruns de desenvolvimento.

Na Ciência Política o capital social vem sendo institucionalizado como área de estudo. Segundo Marcello Baquero:

“A base para poder compreender a produção científica sobre capital social diz respeito a e se insere num conjunto de esforços (institucional, cultural, político e econômico) que procuram viabilizar uma participação mais qualificada e coletiva por parte das pessoas (...) este conceito implica a existência de um conjunto de expectativas institucionalizadas de que os cidadãos serão recíprocos em atividades

cooperativas. Associada a este princípio, está a idéia de fortalecer a democracia, promover a cidadania ativa, fomentar formas alternativas de participação política e institucionalizar a democracia participativa”. (BAQUERO, 169-170)

São novas formas de organização cidadã nas quais figura o capital social, estruturado na forma de redes sociais que não só empoderam o indivíduo, mas agem no sentido de promover a ação coletiva. As chamadas redes sociais de engajamento cívico, são fundamentais no sentido de possibilitarem a criação de normas de reciprocidade generalizada, estimulam a confiança social, além de facilitar a informação e a comunicação, reduzem os dilemas da ação coletiva.

A construção de redes sociais e a conseqüente aquisição de capital social estão condicionadas por fatores culturais, políticos e sociais. O capital social se manifesta através da ação dos indivíduos nos espaços comunitários (atividades educativas, ação voluntária, filantropia, mutirão, cotização) institucionais (associações comunitárias, sindicato, igreja, cooperativa, etc) e em redes (rede de defesa dos direitos humanos, rede de economia solidária, articulação do semi-árido, rede Brasil, etc). O capital social possui uma natureza multidimensional.

1.2 – O município de Pentecoste

Pentecoste está situado no semi-árido nordestino com a maior parte de seu relevo localizado na depressão sertaneja sob o clima Tropical quente semi-árido do Estado do Ceará. Quanto à divisão político administrativa, o município possui quatro distritos: Pentecoste, Matias, Porfírio Sampaio e Sebastião de Abreu (IPECE 2008). Sua população em 2007, era de 33.717 habitantes com uma população urbana de 20.359 hab - 60,38 %, e rural de 13.358 hab - 39,62%. A população de homens é um pouco maior, 50,51%, mulheres, 49,49% (IBGE/IPECE 2008). Pentecoste possui uma densidade demográfica de 24,46 habitantes por Km² e uma taxa de urbanização de 60,4%. A estimativa da população para o ano de 2009 é de aproximadamente 35.116 hab (IBGE 2009).

Sua economia está baseada na agricultura de subsistência das culturas de milho, feijão e mandioca, além de banana e coco em áreas irrigadas, próximas à

faixa do rio Curú perenizado e do açude Pereira de Miranda. Próximo ao açude se localiza o Centro de Pesquisas em Aqüicultura do DNOCS, um dos maiores Centros de Pesquisas da América Latina, de onde são exportados alevinos de várias espécies e tecnologia de desenvolvimento de criatórios e reprodução para todo o Estado e regiões do Norte e Nordeste. Segundo o DNOCS, em 2008, o Centro de Pesquisa tinha capacidade para produzir 10 milhões de alevinos/ano, a produção é destinada para o peixamento de açudes públicos, particulares e para produtores.

O município tem uma receita municipal de R\$ 25.635.000 (IPECE 2008), seu Produto Interno Bruto – PIB (R\$ mil) é de 81.481.000 (IPECE 2008), discriminado por setor (%), Agropecuária – 13,36 %, Indústria – 11,90 %, Serviços – 74,74 %. E seu PIB *per capita* (R\$ 1,00) é de 2.483 (IPECE 2008). A geração de emprego e renda é um dos graves problemas, o que vem aumentando a economia informal e a migração de jovens para grandes centros urbanos, notadamente Fortaleza. O município possui uma indústria calçadista que emprega parte da população jovem, aproveitando-se da mão de obra barata desqualificada e dos incentivos fiscais, sua produção é voltada para o mercado externo. O setor terciário, principalmente o comércio, se destaca. Entretanto, a maior fonte de renda do município é originária do funcionalismo público, do setor previdenciário e dos programas assistenciais do governo federal. O município possui uma renda per capita muito baixa, com uma renda na faixa de R\$ 80,00. Os baixos valores de nível de renda per capita refletem nos níveis de pobreza. Entretanto, Pentecoste é considerado o município pólo da micro-região do Médio Curú tendo uma movimentação maior no setor do comércio e de serviços.

Pentecoste possui quinze unidades ligadas ao Sistema único de Saúde - SUS, incluindo um hospital geral. A cobertura populacional do Programa Saúde da Família – PSF é de 73,84 (IBGE 2005). A taxa de mortalidade infantil/1000 nascidos vivos é 17,18 (IPECE 2008). Quanto a taxas de cobertura de abastecimento de água, Pentecoste possui uma cobertura de 58,9%, sendo que 98% dessa taxa na zona urbana. Quanto ao esgotamento sanitário uma cobertura de apenas 35,9%, sendo que 72% na zona urbana (IPECE 2008). Os dados mostram uma precariedade de abastecimento de água na zona rural e problema no que diz respeito a saneamento básico. O município possui um elevado índice de desnutrição 24,50%.

Pentecoste possui um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,635 (IPECE 2008). Segundo a classificação do PNUD o município está inserido nas regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). O IES (Índice de Exclusão Social) do município é de 56,78. (LEMOS 2008).

Segundo a SEDUC (Secretária de Educação Básica do Estado do Ceará), 97,73% dos estabelecimentos que ministram o ensino fundamental estão no setor público, e destes, 77,27% estão localizados na zona rural. Quanto ao ensino médio, 66,67% dos estabelecimentos estão no setor público, 100% localizados na zona urbana. Algumas escolas centrais no município atendem à população urbana com razoável eficiência, principalmente no que tange aos dados de estabelecimento de ensino por infra-estrutura disponível (biblioteca-66,67%, laboratório de informática e de ciências-33,33%, quadra-100%). Entretanto, as escolas rurais funcionam abaixo das condições operacionais mínimas para garantir qualidade no ensino. São problemas como a falta de infra-estrutura física adequada, a dificuldade de acesso de professores e alunos às escolas, o predomínio de classes multiseriadas com educação de baixa qualidade, baixos salários e sobrecarga de trabalho dos professores. Apenas 6,82% possuem bibliotecas e todas são desprovidas de laboratórios de ciências e informática. Ainda segundo a SEDUC, os dados sobre a composição da função docente por nível de formação, apontam 95,07% dos professores do ensino fundamental com nível superior, apenas 4,93% com ensino médio. No caso do ensino médio, 100% dos docentes possuem nível superior. No entanto, um dos principais problemas da educação do município é a formação de professores, a maioria dos docentes possui formação em pedagogia (grande parte graduado no curso de pedagogia em regime especial da Universidade Vale do Acaraú ofertado em Pentecoste) e são poucos aqueles que possuem habilitação para lecionar em áreas específicas como matemática, física, química, etc.

A participação do setor público na matrícula do ensino médio é de 98,45%. Quanto ao ensino fundamental a participação é de 96,85%. Como podemos observar mais de 95% dos estudantes de Pentecoste estudam na escola pública, daí a importância de se buscar constantemente a melhoria na qualidade da educação pública. Alguns indicadores educacionais, como as taxas de aprovação no ensino fundamental e médio que são, respectivamente, de 82,6% e 82,9%. Quanto à de reprovação, no ensino fundamental é de 9,2%, no médio de 2,7%. A taxa de abandono é de 8,2 % no ensino fundamental, no médio esse dado sobe para 14,4%.

Quanto à taxa de repetência, no ensino fundamental é de 8,9%, no ensino médio de 6,6%(IPECE). Indicadores educacionais gerais como Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, Pentecoste ocupa 64º lugar nos municípios cearenses, IDEB - 3,5. No resultado do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE) Pentecoste ocupou a posição de 147 lugar entre os 184 municípios cearenses. Os dados e avaliações apontam uma precariedade da educação básica do município que ainda precisa avançar bastante.

As origens de Pentecoste remontam ao século XIX, quando o fazendeiro Bernardino Gomes Bezerra, morador de Acaraú, constrói nas proximidades da fazenda Barrinha uma casa onde fixaria morada em 1860. Surgiram em conseqüência outros moradores e quatro anos depois no pequeno povoado é edificada a primeira capela. O pequeno povoado chamou-se primitivamente Barra da Conceição ou Conceição da Barra. A primeira missa ocorre no domingo de Pentecostes, causa do nome que consagraria o reduto. Em 23 de agosto de 1873 (Lei 1.542), Pentecoste é elevado de povoado à categoria de Vila. A elevação à categoria de município provém do Dec-Lei nº 448, de 20 de Dezembro de 1938. As eleições diretas em Pentecoste ocorreram somente após a Ditadura getulista do Estado Novo.

Desde esse período o município de Pentecoste apresenta, no decorrer de sua história política, a alternância de oligarquias, famílias tradicionais da região, reproduzido práticas tradicionais (mandonismo, clientelismo, empreguismo, nepotismo) na tentativa de se perpetuar no poder. O que ocorre, de fato, é uma estrutura política na qual uma família, á frente do poder executivo municipal, tira vantagens econômicas para sustentar a dominação política local. Oligarquias como as dos “Paraíbas” que dominaram o cenário político de Pentecoste por mais de três décadas. A família depois de ter elegido seu prefeito em 1950 nunca permitiu que um outro candidato os derrotasse, sendo que nesta fase de 1950-1981, apenas em três ocasiões as eleições não foram com candidato único. Contando com membros da oligarquia na Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, depois no Congresso Nacional, os “Paraíbas” reproduzindo práticas tradicionais da política local dominaram o cenário político no município. “O coronelismo é um sistema político com uma complexa rede de relações que vai desde o coronel até o presidente da República, envolvendo compromissos recíprocos”(CARVALHO, José Murilo;1998. p.131). Muito comum nas regiões do semi-árido cearense dessa época, o que se viu

foi a formação de uma estrutura política baseada no mandonismo local, sob o comando de uma família tradicional da região.

Com a degeneração da elite de poder “Paraíbas” na década de 80, uma outra família, principalmente a partir da década de 90, assume o poder político no município reproduzindo o modelo similar de dominação. A oligarquia dos “Carneiros”, como a oligarquia anterior, governa sem praticamente nenhuma oposição na Câmara Municipal. Na relação com o povo, a manutenção de uma velha prática, o clientelismo visando o apoio político, o que se percebe na realidade em Pentecoste é uma espécie de paternalismo aliado à sujeição agradecida. A oligarquia “Carneiro”, que na década de 90 contou com o apoio do Governo “Cambeba” e manteve boas relações com o então governador Tasso Jereissate, mesmo após o declínio do Governo tucano, se manteve no poder, atualmente com o apoio do governo dos Ferreira Gomes e de sua base aliada.

O coronelismo teve seu período de decadência no Estado do Ceará principalmente a partir da década de 80. “O coronelismo retrata-se com uma curva do tipo sino: surge, atinge o apogeu e cai num período relativamente curto”(CARVALHO, José Murilo; 1998. p.135). Entretanto, o clientelismo político não desapareceu. Mesmo após todas as mudanças econômicas e políticas dos últimos anos, a população, sobretudo a mais carente, ainda é refém dessa prática tradicional nos municípios brasileiros, principalmente no interior. Nos municípios do interior do Nordeste, como é o caso de Pentecoste, políticos de “fachada” reproduzem essa prática aproveitando-se da ignorância da população. Em Pentecoste é comum a cultura da “troca de favores” aliada a sujeição agradecida. A população desassistida de direitos básicos como educação e saúde de qualidade se torna dependente de políticos que buscam maximizar seus votos e manter o *status quo*, e uma pequena parcela da população pentecostense se beneficia dessa estrutura, retratada em práticas como empreguismo e nepotismo.

Entretanto, nesses últimos quatro anos Pentecoste vem passando por uma fase de transição. É possível notar algumas mudanças, mesmo que lentamente, no que diz respeito à organização da sociedade civil. Pode-se dizer que no governo Bosco (atual prefeito) está acontecendo uma abertura política no que diz respeito à maior participação da sociedade civil. Isso é possível, pois o prefeito não consegue pôr totalmente em prática os mecanismos de seu antecessor. Podemos notar uma Câmara Municipal com mais independência em relação ao executivo contando com

vereadores compondo uma oposição, mesmo que ainda timidamente. Um outro indicativo é a atuação do SINDSEP (Sindicato dos Servidores Públicos de Pentecoste), que mesmo ainda engatinhando, tem certa autonomia e vem realizando um bom trabalho na luta dos direitos do servidor público. Na época do ex-prefeito Antônio Carneiro não era possível certa atuação, pois os canais de comunicação eram fechados.

Pentecoste possui um extenso tecido social comunitário. O número de organizações associativas é bem elevado, são associações comunitárias em grande parte das áreas rurais e nos bairros da sede (zona urbana). Infelizmente a maioria não está organizada suficiente para atuarem de forma mais ativa e autônoma na obtenção de melhorias para suas comunidades, principalmente no que diz respeito à gestão e planejamento, algumas delas ainda sofrem a influência de políticos da região. A COAMPE (Central das Organizações Associativas do Município de Pentecoste) tem 34 associações filiadas e a UAVRC (União das Associações do Vale do Rio Canindé) possui 12 filiações. Vale ressaltar o trabalho do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que vem realizando um trabalho importante na luta pelos direitos dos trabalhadores rurais.

Uma iniciativa inédita no município no que se refere à organização da sociedade civil foi a criação em agosto de 2008, paralelo as campanhas eleitorais, do Movimento em Defesa da Escola Pública. O Movimento foi encabeçado pelo os estudantes secundaristas, universitários e graduados do PRECE que conseguiram mobilizar outras entidades da sociedade civil organizada. O resultado foi a criação de um movimento social apartidário que teve como principal objetivo utilizar o período eleitoral para sensibilizar e mobilizar os eleitores, candidatos a prefeito e a vereador para participarem de debates sobre a educação pública em Pentecoste e construir propostas para melhorá-la. O Movimento em Defesa da Escola pública reuniu representantes das entidades associativas do PRECE, Agência de Desenvolvimento Econômico Local (ADEL), Sindicato dos Servidores Públicos de Pentecoste (SINDSEP), Central das Associações Organizativas de Pentecoste (COAMPE), Sindicato dos Trabalhadores Rurais, além da adesão de mais de três mil pessoas que através de um abaixo assinado se dispuseram a construir propostas em prol da melhoria da educação pública. Foram realizados Fóruns de Educação nas comunidades e confeccionados cartazes, adesivos, camisas para divulgar as idéias do Movimento. O programa de Rádio do PRECE foi utilizado como

importante veículo de informação. Foi produzido coletivamente um Manifesto com as principais propostas e demandas da educação pública a serem apresentados pelos candidatos a prefeito que se comprometeram com as propostas.

Uma outra iniciativa importante do Movimento em Defesa da Escola Pública foi a parceria com a Justiça Eleitoral no combate à corrupção eleitoral. Foi realizado um trabalho de educação política buscando conscientizar os eleitores dos malefícios que alguns vícios políticos, como a compra de voto, trazem para as comunidades. O Movimento organizou entrevistas e um debate com os candidatos a prefeito, colaborando sobremaneira para as eleições e para o exercício da cidadania dos pentecostenses.

Após as eleições, depois de alguns meses, os estudantes do PRECE mobilizaram e reuniram as entidades que compõem o movimento. Atualmente as demandas do movimento e reivindicações foram ampliadas. As entidades estão unidas na busca da melhoria da educação pública, dos direitos dos servidores públicos municipais, da melhoria de direitos básicos nas comunidades intensificando o trabalho junto as Centrais de Associações Comunitárias. Estão sendo organizados Fóruns sobre temas importantes e um trabalho de educação política através de informativos e dos programas de rádio. Nesse ano, o Movimento está realizando um Ciclo de Debates para que as entidades e organizações da sociedade civil possam discutir o desenvolvimento do município. Uma das grandes metas do Movimento é a participação da população na proposição de políticas públicas e fiscalização das ações dos poder público (controle social).

2. CAPÍTULO II

2.1 – A experiência do PRECE no semi-árido nordestino

A história do PRECE se diferencia da maioria das demais entidades do terceiro setor por ser, genuinamente, uma instituição autóctone, ou seja, todos os seus gestores pertencem às comunidades que por ela são assistidas e, eles, ao mesmo tempo em que, são frutos da iniciativa, são também propositores e protagonistas dessas ações.

O PRECE nasceu como uma simples ação educacional em 1994 na comunidade rural de Cipó, aproximadamente 120 km de Fortaleza, uma comunidade simples, formada por dez famílias humildes, com algumas casas ainda de taipa. Na época, não tinha energia elétrica, nem água potável, telefone, nem representantes politicamente importantes. Na região a juventude se encontrava sem nenhuma perspectiva de qualquer mobilidade social e de futuro. O sonho da maioria deles era sair da sua terra para ganhar a vida nas cidades grandes. Muitos jovens deixavam suas famílias para morar nas periferias das Capitais, mendigando um subemprego, que quando tinham a sorte de conseguir, na maioria das vezes não remunerava o suficiente nem para a própria alimentação e transporte, quanto mais para bancar os estudos em Fortaleza.

A experiência partiu de uma simples e despreziosa iniciativa de um jovem professor (34 anos) da Universidade Federal do Ceará, nascido naquele torrão, Manoel Andrade Neto, filho de uma família de agricultores da comunidade de Cipó. Esse jovem havia saído do Cipó para estudar em Fortaleza quando ainda era criança, mas nunca perdeu o contato com sua gente. Conseguiu graduar-se em Química, e depois que se tornou professor da Universidade Federal do Ceará se engajou ainda mais fortemente com os problemas da comunidade. Inconformado com a situação educacional dos jovens de seu torrão de origem incentivou um grupo de sete jovens a estudarem, ensinando-os que através da educação o homem pode emancipar-se. Nessa terra, no meio da caatinga nordestina, nasceu o sonho de um grupo de sete estudantes, oriundos da classe popular, filhos de agricultores e

pescadores que estimulados por esse professor formaram o primeiro grupo de estudo, a primeira célula de aprendizagem cooperativa de educação. Essa primeira célula funcionava numa velha casa de farinha desativada. Os estudantes que residiam nas proximidades, começaram a passar o dia nessa casa e se apropriar do espaço aos poucos. A antiga casa de farinha se tornou uma residência estudantil, um espaço de educação mútua. Esse foi o embrião da aprendizagem cooperativa do PRECE.

Interessante salientar que a metodologia de sucesso adotada na rede PRECE foi sendo arquitetada pelo grupo de forma natural e por conta das necessidades. A idéia não nasceu no ambiente acadêmico da universidade, até porque seu idealizador não tinha formação pedagógica e nem foi baseada ou motivada pelas idéias pedagógicas de pensadores e teóricos da educação. Apesar de se saber hoje que seus pressupostos teóricos estão de acordo com as concepções filosóficas e ideológicas de muitos renomados educadores, o projeto foi gestado endogenamente.

Os estudantes eram vítimas da precariedade do ensino público nas áreas rurais. No início do programa, muito jovens da região não tinham nenhuma perspectiva de darem continuidade aos estudos, já que não havia escolas de Ensino Médio. Quando estes concluíam o ensino fundamental, se é que chegavam a concluí-lo, normalmente, paravam de estudar, pois a maioria não tinha como se deslocar para a sede do município ou completarem o ensino básico. Reunidos naquela casa de farinha e contando com o apoio do professor universitário, que aos finais de semana se reunia com os sete estudantes para tirar algumas dúvidas, mas, principalmente, estimulá-los a não desistir, eles foram aprendendo, durante o dia reunido, muitas vezes, embaixo do juazeiro e a noite, à luz do lampião, a compartilhar saberes. Quem sabia mais um pouco de uma área compartilhava e assim a célula funcionava como um espaço de discussão e debate onde aqueles com maior compreensão se responsabilizavam a compartilhar seus saberes com os demais. A aprendizagem era coletiva e participativa e a casa de farinha se tornou um espaço de educação mútua.

A aprendizagem cooperativa é um processo onde os integrantes do grupo ajudam e confiam um nos outros na concretização de objetivos comuns. Cada integrante do grupo permite ao outro falar e considera suas contribuições, surge uma interdependência entre os sujeitos. No caso da pequena célula de

aprendizagem na casa de farinha, o número pequeno de estudantes favoreceu um maior envolvimento dos mesmos.

Esses estudantes, usando a simples estratégia da aprendizagem cooperativa, aos poucos foram conseguindo se escolarizar através do antigo sistema supletivo, hoje denominado Educação de Jovens e Adultos. Posteriormente, de forma brilhante, esses jovens do interior do Estado ingressaram na Universidade Federal do Ceará, um dos estabelecimentos públicos de ensino superior mais competitivos do Nordeste. À medida que esses jovens pioneiros iam ingressando na universidade, simultaneamente, regressavam aos finais de semana à comunidade para darem continuidade ao projeto e ajudarem aos seus demais colegas que precisavam de sua colaboração a serem, também, aprovados.

Os primeiros projetos do PRECE foram a Educação de Jovens e Adultos e o Pré-Vestibular Cooperativo, que juntos possibilitavam que jovens e adultos fora da idade escolar pudessem se escolarizar e, posteriormente ingressar na universidade. Eles foram à base de todos os empreendimentos que hoje são desenvolvidos pela rede, e foram através de suas ações, que muitos estudantes de comunidades rurais tiveram acesso à universidade. Vale ressaltar que, como não existiam professores, esses dois projetos estabeleceram a utilização da aprendizagem cooperativa como estratégia de aprendizagem, os estudantes ao mesmo tempo em que ensinavam, também aprendiam e coordenavam as ações educacionais.

Durante seis anos do projeto (1994 a 2000) essa casa de farinha tinha apenas um quarto, uma ampla área aberta e manteve-se com a mesma estrutura. Quase sem portas, com piso de tijolo sem cimento, com muitas telhas quebradas, e ainda com os seus instrumentos originais de trabalho (forno, prensa e tanques), construída no solo árido e sob o sol do sertão nordestino, a velha casa testemunhou o esforço dos primeiros estudantes. No início os primeiros precisistas tiveram que enfrentar muitos preconceitos e desestímulos, até mesmo da própria família, que por não acreditarem no valor da educação, preferiam que seus filhos fossem para a cidade para arranjar algum emprego ou trabalhar na roça. Entretanto, este período foi de bastante convivência, construíram-se laços de amizade e um forte espírito de cooperação que os ajudou a vencer os seus próprios medos e a se estimularem, mutuamente. Um tempo que se forjou o caráter do grupo e estabeleceu a casa de

farinha como um espaço dedicado à aprendizagem cooperativa, um patrimônio imaterial que se configurou como a verdadeira riqueza daquele lugar.

Em 1996, o primeiro estudante do PRECE é aprovado na UFC (Universidade Federal do Ceará), o estudante Francisco Rodrigues, filho de pescador, um dos sete primeiros estudantes, é aprovado em primeiro lugar no curso de Pedagogia. O fato foi um orgulho para a comunidade e uma grande motivação para aqueles jovens, que apesar de acreditarem no que estavam fazendo, ainda tinham muitas dúvidas. Eles ouviam falar de vestibular e de universidade, mas boa parte deles nem imaginava o que seria, apenas acreditavam que deveria ser alguma coisa que os ajudaria a mudar de vida. Vale salientar que este momento foi um verdadeiro divisor de águas na história do projeto. Francisco Rodrigues, conhecido popularmente como Toinho, matriculou-se na universidade e foi morar na residência universitária, passando a alimentar-se no restaurante universitário, serviços este oferecido, gratuitamente, pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFC para estudantes de baixa renda. Com a auto estima elevada, este estudante pioneiro, juntamente, com o idealizador do projeto, passa a retornar aos finais de semana para a comunidade, para dar continuidade ao projeto. Sua presença entre os outros estudantes que ficaram na comunidade se tornou muito mais importante, não somente porque ele ensinaria os outros, mas, principalmente por ser um elemento estimulador para os outros jovens.

Na universidade as pessoas perguntavam onde Toinho havia estudado e ele relatava que havia sido em uma casa onde não havia água, nem energia elétrica e não tinha professor, os estudantes compartilhavam o pouco do conhecimento que tinham e que através da mútua educação ele havia ingressado na universidade.

Depois do Toinho veio o Francisco, e depois o Noberto, o Beto e mais outros. Todos foram vitoriosos e seguiram o mesmo caminho do primeiro. Foram aprovados no Vestibular, moraram em residência universitária e retornaram aos finais de semana e férias para a comunidade (os estudantes retornam até hoje), alimentando um ciclo de cooperação e solidariedade. Em 1998 já haviam ingressado quatro estudantes universitários na UFC, estes juntamente com alguns secundaristas fundaram uma ONG denominada, inicialmente, Projeto Educacional Coração de Estudante, inspirado na música de Milton Nascimento “Coração de Estudante”.

O sucesso desses jovens, aliado à eficácia da metodologia e à nova onda de protagonismo, solidariedade e cooperação que se formou na região após esses primeiros resultados, injetou motivação em outros jovens de outras comunidades rurais da região, inclusive algumas bem distantes, para se engajarem nesse movimento local de educação cooperativa e alimentarem os seus sonhos de melhores condições de vida.

Entre 1996 e 2000, o projeto já atendia 30 estudantes das áreas rurais próximas à comunidade de Cipó, dez já haviam ingressado na UFC, moravam em Fortaleza, mas continuavam retornando aos finais de semana para o Cipó, e assim dar continuidade ao programa. Os estudantes que ingressaram na universidade através do projeto eram todos carentes e recebiam o apoio do Programa de Assistência Estudantil da UFC com residência universitária e alimentação. Em 1998 o projeto PRECE foi inscrito na Pro - Reitoria como projeto de extensão da UFC.

Em 2000, o PRECE faz uma parceria com o CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos) de Itapipoca. Essa parceria foi de grande importância haja vista que até esse ano, os primeiros estudantes do PRECE, que em sua maioria estavam fora da faixa etária escolar, tinham que se deslocar para Fortaleza para se matricular no supletivo e fazer as provas. A partir dessa parceria os professores passaram a se deslocar até a comunidade rural de Cipó para aplicar as provas, os estudantes não precisavam mais se deslocar até Fortaleza. No Início de 2001, depois de seis anos de atividade, o programa já havia colocado 10 estudantes na Universidade Federal do Ceará e contava com mais outros 30 que participavam ou do sistema supletivo, já citado anteriormente, ou de um curso preparatório para a universidade para atender aos que concluíam o ensino básico pelo sistema supletivo.

Os resultados do PRECE não se limitaram apenas a formação de capital intelectual. A geração de protagonismo juvenil e social, alimentados pelos princípios da mútua educação e da solidariedade, inevitavelmente conduziu a formação de capital social. Com o sucesso do programa, muitos jovens vieram de distantes comunidades para aprenderem a como passar no vestibular, alimentados pelos princípios da mútua educação e da solidariedade, se envolviam cada dia mais, o que os transformava em protagonistas do processo através da metodologia. Esse fenômeno, decisivamente, conduziu a uma manifestação ativa de formação de

capital social, já que os jovens passaram a se organizar em suas comunidades para multiplicar as ações do PRECE.

Em 2000, o sucesso da aprendizagem cooperativa atrai o primeiro estudante do distrito sede do município de Pentecoste para estudar no Cipó, o qual é aprovado em agronomia na UFC. Em 2001 mais cinco estudantes da sede vão estudar no Cipó sendo que alguns deles são aprovados na UFC. O curso preparatório aos finais de semana já contava com estudantes de 21 comunidades diferentes e a aprovação dos estudantes da sede do Município que vieram em 2000 e 2001, deu tanta notoriedade as ações do programa, que fez com que em 2002, outros 40 estudantes também da sede do município viessem estudar aos finais de semana no PRECE. Com o excesso de estudantes, as dependências da casa de farinha ficaram superlotadas e as salas construídas foram utilizadas como dormitório. Como a estratégia pedagógica exigia espaço mais amplo para as atividades, já que eles deveriam se reunir em grupo para estudar, os grupos formados tiveram que ocupar os espaços embaixo das árvores desenhando uma paisagem atípica no meio da caatinga sertaneja.

Os estudantes partiam da sede do município, que fica a 18km de Cipó, na sexta à tarde em um caminhão “pau de arara” e retornavam na segunda pela manhã. Entretanto, no Cipó, na casa de farinha, não se tinha salas de aula estruturadas e professores com formação específica em licenciaturas, o que se tinha era, simplesmente, estudantes que compartilhavam seus saberes. Embaixo das árvores, juazeiros e outras árvores típicas da nossa caatinga, eles compartilhavam conhecimento e foram absorvendo a metodologia de educação em células.

A partir de 2003, a comunidade de Cipó se estabelece como uma Incubadora de Células de Aprendizagem Cooperativa, recebendo estudantes de outras comunidades. O PRECE ganha notoriedade e essa ação educacional se multiplica para outras comunidades. No mesmo ano, os estudantes universitários oriundos da sede realizam a primeira multiplicação da iniciativa fundando um núcleo do PRECE na cidade. Nesse tempo, as pessoas já sabiam que na zona rural muitos estudantes já estavam ingressando na universidade, a notícia já havia se espalhado na cidade e naquele ano mais de 350 estudantes da sede do município se matricularam no pré-vestibular cooperativo do PRECE. No final de 2003, nem todos os que permaneceram resolveram enfrentar o vestibular, pois alguns preferiram esperar para se preparar melhor, mas dos 79 que se inscreveram para os

exames (entre os de Cipó e Pentecoste), 20 (25 %) foram, definitivamente, aprovados para Universidade Federal do Ceará.

O ano de 2004 começou paradoxalmente, com a euforia da vitória no vestibular e a falta de recursos para se continuar o trabalho. Para as despesas do núcleo do Cipó, a Fundação Mary Speers e a Igreja Presbiteriana Independente de Fortaleza estavam doando em torno de R\$ 4.000,00 mensais, mas o núcleo de Pentecoste(sede) estava em dificuldades financeiras. Em 2003 ele havia se sustentado com a contribuição mensal de R\$ 10,00 mensais dos estudantes (que mal dava para pagar o material didático), com um prêmio de U\$ 10,000 que foi ganho em um concurso da Brazilfoundation (o projeto ficou entre os 17 melhores dentre os 895 submetidos em todo Brasil) e outras doações esporádicas. Em 2004 não havia perspectiva de recursos e para que o núcleo não fosse desativado, sua coordenação (composta pelos próprios estudantes líderes), teve que fazer algumas mudanças estratégicas. Primeiro, fez uma parceria com o Centro de Pesquisas em Aqüicultura do DNOCS, órgão do governo Federal, para que as atividades pudessem funcionar no seu prédio, sem qualquer ônus para o programa, diminuindo assim o custo, a contribuição dos estudantes passou de 15,00 para R\$ 20,00. Vale salientar que, com o elevado número de estudantes da sede, a solução foi criar um fundo para custear as despesas, principalmente com material didático. Os estudantes chamam de contribuição social e o núcleo presta conta mensalmente. Através dessas ações os estudantes evitaram que as atividades parassem.

A partir desse ano, para diminuir as despesas com transporte, os universitários passaram a se encontrar com os estudantes, apenas aos finais de semana, e durante a semana os veteranos, que permaneciam na cidade por não terem ainda sido aprovados no vestibular, formavam seus grupos de estudos mais avançados, em um expediente, e em outro monitoravam as células de iniciantes. Essa estratégia já estava funcionando na comunidade de Cipó, onde os monitores já haviam adquirido o respeito e a confiança dos estudantes novatos. Neste ano, as lideranças dos núcleos, especialmente, em Pentecoste que era o mais novo, conseguiram se consolidar e desenvolveram mais autonomia na gestão administrativa. Ao final do mesmo ano, 76 estudantes se inscreveram para o vestibular, e novamente, 20 foram definitivamente aprovados.

Nesse ano, a sigla PRECE passa a se chamar Programa de Educação em Células Cooperativas, os estudantes protagonistas mudam o nome da ONG para

Instituto Coração de Estudante (uma entidade filantrópica responsável pela captação de recursos). O PRECE cresce e se multiplica tanto em número de atividades desenvolvidas como em expansão para outros municípios. Os estudantes formam associações autogestionárias denominadas Escolas Populares Cooperativas (EPC's). As EPC's são empreendimentos educacionais geridos pelos estudantes (pré-universitários e universitários) e graduados que ingressaram na universidade através do PRECE, utilizando a mútua educação, cooperação e a solidariedade como princípios e estratégias de ação em todos os programas e projetos desenvolvidos. Os projetos são desenvolvidos nas comunidades assistidas pelas EPC's. O PRECE passa a se estruturar em uma rede de entidades associativas.

Essa simples ação educacional, posteriormente se multiplicou para comunidades de outros municípios vizinhos envolvendo aproximadamente 2000 estudantes. Atualmente, existem 13 EPC's (Escolas Populares Cooperativas) em sete municípios do Estado do Ceará. São eles: Pentecoste, Apuiarés, Paramoti, General Sampaio, Maracanaú, Paracuru, e a capital Fortaleza, que estão adotando a metodologia de educação em células cooperativas nos pré-vestibulares cooperativos. Mais de 350 estudantes de origem popular já ingressaram na universidade através do Programa de Educação em Células Cooperativas, a maioria destes na Universidade Federal do Ceará, sendo que dez estudantes estão cursando mestrado ou doutorado.

No município de Pentecoste o PRECE vêm ampliando as áreas de atuação. Além da utilização da metodologia de educação em células em projetos educacionais, estão sendo desenvolvidos projetos de desenvolvimento econômico com produtores rurais e projetos de desenvolvimento e organização comunitária. O município é pioneiro na formação de uma rede social na região. As sete entidades associativas que compõem a Rede PRECE (a rede traz o nome do principal programa largamente conhecido na região) no município de Pentecoste, vêm desde 2005, ampliando suas ações visando colaborar para com o desenvolvimento local.

Nas eleições de 2004 para o cargo de prefeito, o PRECE realiza na comunidade de Cipó debates de forma separada com cada candidato a prefeito com a participação dos estudantes e moradores de comunidades circunvizinhas. Esse é o primeiro passo para o desenvolvimento do programa de desenvolvimento político.

A partir de 2005, o PRECE reativa um antigo programa de rádio do início da década de 90. Surge o Programa Radiofônico Coração de Estudante veiculado através de uma rádio local.

Em 2006 é criado o projeto Observatório do Eleitor, um projeto de fiscalização e monitoramento do Legislativo e Executivo municipal. Os estudantes participam semanalmente das sessões da Câmara Municipal e veiculam as informações através do programa de rádio. O PRECE inicia o programa de controle social e governança.

Nesse período estava ocorrendo uma série de roubos e furtos de criações e maquinarias de produtores nas comunidades rurais. O PRECE articulou produtores, estudantes, autoridades políticas e da área de segurança pública, presidentes de associações e populares na realização de Fóruns de Segurança na comunidade rural de Cipó. As discussões desse fórum originaram o primeiro Conselho municipal criado com a participação direta da sociedade civil organizada no município de Pentecoste. Após as discussões e debates no Fórum de Segurança e a criação do Conselho Municipal de Segurança diminuiu as ocorrências de roubos e furtos nas comunidades rurais.

Em 2008, foi criado o Movimento em Defesa da Escola Pública, encabeçado pelos estudantes do PRECE em parceria com outras entidades da sociedade civil (Sindicatos, Centrais de Associações, etc) do município de Pentecoste – CE. O movimento surge paralelo às eleições municipais e teve como bandeira a Escola Pública, com a criação de uma carta de reivindicações e demandas referentes à melhoria da educação pública a serem executadas pelo poder público, além de um trabalho de combate a corrupção eleitoral. Nesse período foram realizadas entrevistas com cada candidato a prefeito no programa de rádio Coração de Estudante, além de um debate entre os candidatos a prefeito transmitido ao vivo pela rádio local, uma ação pioneira no município de Pentecoste. Atualmente o Movimento vem intensificando o trabalho junto às Centrais de Associações Comunitárias. Um trabalho de Formação Política vem sendo desenvolvido junto às associações comunitárias e nas Escolas Populares Cooperativas do PRECE, com a participação dos estudantes em cursos de controle social e formação política. O Movimento vem realizando no município um Ciclo de Debates sobre temáticas importantes para o desenvolvimento local. As ações realizadas pelo Movimento, notícias sobre a educação e a conjuntura política local

são divulgadas para as comunidades através do Programa Radiofônico Coração de Estudante.

Além das seis Escolas Populares Cooperativas que desenvolvem projetos sociais no município, em 2008, foi criada a Agência de Desenvolvimento Econômico Local (ADEL), uma agência formada por graduados e graduandos oriundos do PRECE que prestam serviços de diagnóstico setorial, capacitação técnica, incubação de empreendimentos produtivos e assessoria técnica aos pequenos produtores para a formação de arranjos produtivos locais na região do Médio Curú.

A rede PRECE busca contribuir para a formação de sujeitos críticos reflexivos, capazes de realizar desenvolvimento humano integrado junto às suas comunidades de origem, de forma sustentável, através da educação cooperativa e solidária, utilizando os próprios estudantes como atores no processo. O desenvolvimento intelectual dos jovens das comunidades rurais e urbanas criou uma geração de lideranças comunitárias que atuam em três áreas:

- Projetos desenvolvidos de apoio à educação pública e a promoção do ingresso e permanência de estudantes de origem popular na universidade pública através do Programa de Educação em Células Cooperativas - PRECE;
- Programa de Desenvolvimento Econômico através da ADEL - Agência de Desenvolvimento Econômico Local, composto por projetos na área de Caprinovinocultura, Apicultura Integrada Sustentável, Difusão de Tecnologias Agroecológicas, Difusão de Tecnologias de Convivência com a Seca, Jovens Empreendedores Rurais. São desenvolvidos empreendimentos socioeconômicos com a participação de pequenos produtores rurais, estudantes e profissionais das Ciências Agrárias;
- Programa de Controle Social e Governança onde são desenvolvidos os projetos: Observatório do eleitor (acompanhamento e fiscalização das ações do poder público), o Programa Radiofônico Coração de Estudante (responsável pela divulgação das ações da rede PRECE, do poder público e do Movimento em Defesa da Escola Pública), NAJUCOM - Núcleo de Assessoria Jurídica e Contábil (fortalecimento do tecido social comunitário oferecendo às associações comunitárias da região do Vale do Curú assessoria jurídica e contábil).

Todos os programas e projetos são geridos e executados pelos próprios estudantes universitários e graduados oriundos das comunidades assistidas e que ingressaram na universidade através do PRECE.

Quadro II - Rede PRECE – Pentecoste (CE)

ASSOCIAÇÕES ESTUDANTIS	ÁREAS DE ATUAÇÃO	PROJETOS	Nº DE BENEFICIÁRIOS DIRETOS	Nº COMUNIDADES ATENDIDAS
Escola Popular Cooperativa de Pentecoste	Educação Básica; Desenvolvimento Político; Inclusão Digital	-Pré-Vestibular Cooperativo -Estudante Ativo -Prece-Conectado (Inclusão Digital) -Apoio ao Estudante -Estudante Cooperativo -Cinéfilo -Observatório do Eleitor (Formação Política)	145 35 145 180 135 40 30 345	5
Escola Popular Cooperativa de Cipó	Educação Básica; Inclusão Digital	-Pré-Vestibular Cooperativo -EJA – Educação de Jovens e Adultos -Inclusão Digital -Apoio ao Estudante -Curso de Inglês	13 11 15 13 15 40	6
Escola Popular Cooperativa de Boa Vista	Educação Básica; Esporte; Desenvolvimento Político;	-Esporte e Cidadania -Pré-Vestibular Cooperativo -EJA -Educação e Cidadania (Formação Política)	30 48 20 30 108	11
Escola Popular Cooperativa de Providência	Educação Básica; Inclusão Digital;	Pré-Vestibular Cooperativo Reforço Escolar Curso de Inglês	5 15 12 32	6
Escola Popular Cooperativa de	Educação Básica	Pré-Vestibular Cooperativo -Estudante Ativo	15 12	6

Estrela D'Alva			37	
Escola Popular Cooperativa de Ombreira	Educação Básica; Inclusão Digital;	Pré-Vestibular Cooperativo Apoio à Infância Curso de Inglês Karatê Inclusão Digital	15 20 12 15 10 40	3
Escolas Populares Cooperativas			602 estudantes	33

Fonte: Pesquisa Direta - abril de 2009

A seguir uma demonstração dos projetos desenvolvidos pela ADEL nos municípios de Pentecoste e Apuiarés.

Quadro III - ADEL – Agência de Desenvolvimento Econômico Local

Projetos	Público Alvo	Municípios atendidos	Nº Comunidades beneficiadas
Apicultura Integrada Sustentável	45 Produtores	Apuiarés	5
Caprinivocultura	9 produtores 3 produtores	Apuiarés Pentecoste	2 1
Difusão de Tecnologia Agroecológicas	10 AGRICULTORES 7 DE PENTECOSTE	Apuiarés Pentecoste	8 7
Difusão de Tecnologias de Convivência com Seca	95 PRODUTORES 32 DE PENTECOSTE	Apuiarés Pentecoste Tejuçuoca	18 8
Jovens Empreendedores Rurais	18 Jovens 5 Famílias	Apuiarés	1

Fonte: Pesquisa Direta - abril de 2009

No município de Pentecoste são desenvolvidos pela ADEL três projetos de desenvolvimento produtivo com a participação de 42 produtores de 16 comunidades rurais.

O PRECE no município de Pentecoste já proporcionou o ingresso de mais de 150 estudantes de origem popular na universidade, a maioria na UFC. Destes, 138 estudantes universitários estão retornando aos finais de semana para desenvolver projetos de desenvolvimento comunitário através da rede de entidades associativas do PRECE.

Em 2009 houve o reconhecimento pela Universidade Federal do Ceará (UFC) da estratégia utilizada pelo PRECE. A UFC realizou no início desse ano uma seleção para 95 bolsistas de graduação para que estes pudessem desenvolver projetos baseados nessa metodologia da mútua educação em diferentes cursos da universidade. Em alguns cursos da universidade a evasão é gritante, a UFC reconhece a metodologia da aprendizagem cooperativa como um fator que pode reduzir essa evasão escolar.

O PRECE já recebeu vários prêmios e reconhecimentos nacionais e internacionais, vale citar o reconhecimento como uma das melhores 45 experiências de inovação social pela Comissão Econômica para a América Latina(CEPAL) entre 1400 projetos de 33 países da América Latina e Caribe e por três vezes foi selecionada pela BrazilFoundation em concurso nacional envolvendo mais de 1000 projetos de todo Brasil.

Em julho desse ano foi realizada uma audiência pública na Assembléia Legislativa do Estado do Ceará em comemoração aos 15 anos dessa experiência no semi-árido nordestino.

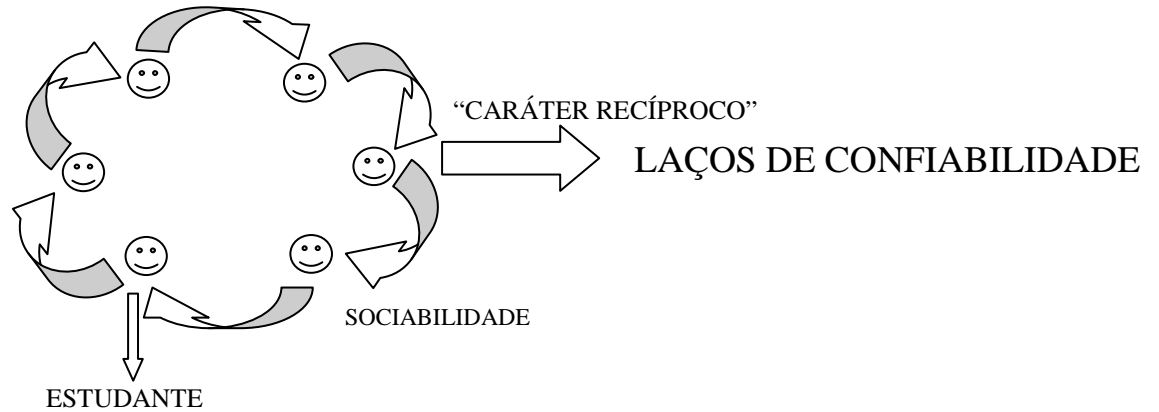
2.2. PRECE – Uma manifestação ativa de capital social no sertão nordestino

Observando a trajetória do PRECE nota-se que se trata de uma experiência rica na formação de capital humano e intelectual. Os resultados e o sucesso da metodologia de aprendizagem cooperativa foram aos poucos gerando protagonismo juvenil e social. Interessante salientar a importância da metodologia que fomentou nos grupos laços de solidariedade e reciprocidade. O fenômeno do PRECE na zona rural de Pentecoste conduziu inevitavelmente a uma manifestação ativa de capital social, os jovens passaram a se organizar em suas comunidades e multiplicar as ações. A multiplicação gerou uma rede de sociabilidade horizontal criando laços de confiabilidade e reciprocidade entre seus membros.

METODOLOGIA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS

figura 1

CÉLULA DE APRENDIZAGEM



Nessas células de aprendizagem, os estudantes compartilham seus saberes, trocam conhecimentos, experiências, saberes, regras e sentimentos em um clima de reciprocidade, cooperação e solidariedade. A aprendizagem é coletiva e participativa. As células de aprendizagem são espaços de desenvolvimento pessoal e de vínculos de amizade, proporcionando a criação de laços de confiança, solidariedade, companheirismo e respeito mútuo.

A maior disposição desse estudo é demonstrar que a Rede PRECE no município de Pentecoste é uma manifestação ativa de capital social. Para tanto, se fez necessário verificar o nível de capital social das entidades que compõem a rede buscando levantar dados sobre confiabilidade e cooperação entre os membros da rede associativa. O Questionário aplicado na pesquisa de campo foi elaborado no sentido de levantar dados considerando algumas categorias e variáveis que integram o conceito (grupos e redes, confiança e solidariedade, ação coletiva, coesão social, etc). Levando em consideração na elaboração do questionário a realidade onde está inserida as entidades associativas, pois a medição dessas variáveis depende de cada contexto local.

Uma dessas variáveis que integram a noção do conceito é a de grupos e redes. As redes são uma estrutura de expansão do capital social, haja vista que elas podem e devem se constituir como meio de articulação dos princípios, virtudes e relações sociais que dão vida ao capital social. O capital social reduz o comportamento oportunista, facilita a tomada de decisões coletivas e ajuda a

disseminar as informações. A eficácia da dimensão estrutural do capital social através de redes depende dos vários aspectos dos grupos que a constitui, entre elas, a densidade de associação, como eles funcionam, ou seja, se possui um nível de funcionamento democrático, a extensão de conexão com outros grupos.

O PRECE é uma extensa rede social onde podemos notar uma diversidade de grupos, de acordo com os projetos sociais que a rede desenvolve. Cada grupo de pessoas desenvolve projetos sociais nas entidades associativas de acordo com sua área na universidade ou / e afinidade. Um ponto importante a salientar é o elevado grau de participação dos membros em mais de um grupo. A pesquisa nos mostra que 54% dos entrevistados participam de três ou mais projetos na entidade associativa do PRECE na comunidade. Conforme tabela 1.

Tabela 1. Participação em Projetos na Rede PRECE

Qt. de Projetos	Qt. cit.	Freq.
I	7	17,07 %
II	10	24,39 %
III	11	26,82 %
IV	11	26,82 %
V	2	4,87 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

O processo de multiplicação do PRECE foi importante no sentido que muitos jovens que absorviam os princípios e a metodologia da mútua educação passaram a ser protagonistas do processo e a replicar a experiência em suas comunidades. O desenvolvimento desses grupos afetou o bem-estar da comunidade a qual estão inscritas. Nesse caso as relações de base para a formação das redes se deram entre iguais, indivíduos similares do ponto de vista de suas características demográficas. É o que Monastério chama de Capital Social Comunitário, aponta a capacidade que os indivíduos possuem para gerar relações sociais baseadas em reciprocidade e confiança em suas comunidades, vale frisar também o caráter organizativo. Entretanto redes constituídas dessa maneira não permitem que a comunidade rompa suas fronteiras, pois reforça as identidades e grupos homogêneos. No caso da Rede PRECE, o primordial é que essas relações não se estabeleceram somente em uma comunidade. É importante frisar que a rede se

ampliou criando ligações com outras comunidades semelhantes ampliando o alcance de suas ações.

O capital social comunitário é importante no sentido de que a identidade dos membros seja reforçada. Cria-se o que Putnam chamou de “supercola sociológica”, um ambiente de lealdade e reciprocidade entre os membros propício na resolução de problemas coletivos e o apoio mútuo intragrupo.

No caso do PRECE, embora a rede tenha sido ampliada em termos de comunidades, esta ainda possui características horizontais. As entidades associativas (EPC's) seguem a metodologia de educação em células e mantém os princípios da cooperação e solidariedade entre os grupos. A rede atua como uma estrutura de expansão do capital social, ela se constitui como meio de articulação dos princípios e relações sociais que geram capital social. Vale frisar que os objetivos em comum entre as entidades associativas é um fator de união. A rede trabalha no sentido de contribuir para o acesso de estudantes de origem popular na universidade, a melhoria da educação pública e a organização comunitária. A pesquisa mostra que os projetos desenvolvidos na Rede PRECE citados como mais importantes foram justamente o Movimento em Defesa da Escola Pública (36,98%) e o Pré-vestibular cooperativo (32,87%), conforme tabela 2.

Tabela 2. Projetos Citados Como Mais Importantes

Projetos	Qt. cit.	Freq.
Movimento em Defesa da Escola Pública	27	36,98 %
Pré-vestibular cooperativo	24	32,87 %
Estudante Cooperativo	9	12,32 %
Estudante Ativo	2	2,73 %
Educação De Jovens e Adultos - EJA	2	2,73 %
Agência de Desenvolvimento Local - ADEL	4	5,47 %
Projeto de Teatro	1	1,36 %
Projeto Censurado – Consciência Ambiental	2	2,73 %
Projeto de inclusão digital	1	1,36 %
Programa de rádio	1	1,36 %
TOTAL	73	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

As redes sociais são uma organização com estrutura horizontal, orgânica e autônoma onde a participação é incentivada e o protagonismo é desenvolvido. O PRECE é um espaço de protagonismo juvenil, os estudantes são os gestores, executores das ações, ao mesmo tempo são, também, beneficiados. O capital social tem uma natureza multidimensional, se manifesta através das ações dos indivíduos em espaços institucionais (sindicatos, associações comunitárias, etc), redes (rede de economia solidária, rede Brasil, etc) e comunitários (atividades educativas, mutirão, ação voluntária). Do ponto de vista do voluntarismo, importante frisar que a pesquisa nos mostra um elevado grau de voluntarismo na Rede PRECE. A maioria dos entrevistados afirmou que ingressaram nos grupos de forma voluntária (64,78%) e desenvolvem os projetos sociais também de forma voluntária, conforme tabela 3.

Tabela 3. Como uma Pessoa Passa a ser Membro do(s) Grupo/Rede

Formas de ingresso	Qt. cit.	Freq.
Já nasce pertencendo grupo	0	0 %
Sua participação é solicitada	2	2,81 %
É convidada	23	32,39%
Por escolha voluntária	46	64,78 %
Outra forma	0	0 %
TOTAL	71	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Outro ponto da pesquisa foi buscar averiguar a diversidade interna dos membros nos grupos das entidades associativas da Rede PRECE a partir de critérios como ocupação, escolaridade, informações sobre parentesco, religião, gênero, idade, etnia e nível de renda. Esses dados parecem não ser relevante, pois não é evidente se um maior grau de diversidade interna é fator positivo ou negativo do ponto de vista do capital social. Entretanto, associações internamente homogêneas facilitam o nível de confiança entre os membros dos grupos, na tomada de decisões e na troca de informações. Além do que, a existência de uma série de associações homogêneas, mas segundo critérios diferentes, poderia tornar o processo de tomada de decisão ao nível da comunidade mais difícil. Análises em vários países sugerem que associações internamente diversificadas produzem maiores benefícios do que outras, embora associações homogêneas facilitem a ação coletiva (Grootaert 1999, 2001).

Na pesquisa observamos alguns critérios relacionados à diversidade interna dos grupos da rede PRECE. No que tange à ocupação, a maioria dos membros da rede são estudantes (80,48%), quanto à escolaridade há uma variação, haja vista que a rede é composta em sua maioria por estudantes de graduação e pós-graduação, conforme tabela 4.

Tabela 4. Quanto à ocupação e nível de escolaridade dos membros dos grupos

Mesma ocupação	Qt. cit.	Freq.
Sim	33	80,48 %
Não	8	19,51 %
TOTAL	41	100 %
Mesmo nível de escolaridade	Qt. cit.	Freq.
Sim	22	55 %
Não	18	45 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Ainda analisando critérios que buscam avaliar a diversidade interna dos grupos da rede observamos, na aplicação do questionário, algumas informações e características dos membros dos grupos. Dados sobre religião, gênero, idade, etnia, parentesco e nível de renda. Um ponto importante é que se trata de uma rede onde se pode notar uma variedade no que diz respeito a gênero, 89,18% dos entrevistados apontaram essa diversidade. Há uma certa variedade quando se fala de idade, haja vista que a maioria da rede é composta por estudantes, vale salientar que se inclui secundaristas, graduandos e pós-graduados, os dois primeiros com um número bem maior. No que diz respeito à etnia nota-se uma diversidade, embora pequena. A amostra da pesquisa aponta que os entrevistados afirmaram que a maioria dos membros dos grupos são da mesma religião (71,23%), da mesma família ou grupo de parentesco (66,21%), e que a grande maioria possui o mesmo nível de renda (91,78%), conforme tabela 5.

Tabela 5. Informações e Características dos Membros do Grupo

Mesmo sexo	Qt. cit.	Freq.
Sim	8	10,81 %
Não	66	89,18 %
TOTAL	74	100 %

Mesmo Grupo étnico	Qt. cit.	Freq.
Sim	31	41,33 %
Não	44	58,66 %
TOTAL	75	100 %
Mesma religião	Qt. cit.	Freq.
Sim	52	71,23 %
Não	21	28,76 %
TOTAL	73	100 %
Mesma família ou grupo de parentesco	Qt. cit.	Freq.
Sim	49	66,21 %
Não	25	33,78 %
TOTAL	74	100 %
Nível de renda	Qt. cit.	Freq.
Mais ou menos o mesmo nível de renda	67	91,78 %
Misturam ricos e pobres	6	8,21 %
TOTAL	73	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Os dados nos mostram no geral uma homogeneidade nas características, principalmente no que diz respeito à religião, parentesco e nível de renda. Indivíduos de características comuns facilitam a formação de laços de confiabilidade. Associações internamente homogêneas facilitam o nível de confiança entre os membros dos grupos.

Um dos pontos importantes que destacamos é sobre as famílias ou os grupos de parentesco da rede PRECE. Bernardo Kliksberg, que associa a idéia de capital social à noção de cultura, afirma que as pessoas, as famílias, os grupos são, para ele, essencialmente, capital social e cultura. São portadoras de atitudes de cooperação, valores, normas, tradições que se potencializados propiciam círculos virtuosos relevantes para o desenvolvimento das comunidades. Interessante salientar em que sentido esses valores, normas e tradições contribuem para o surgimento laços de confiança e reciprocidade entre os membros do grupo. O PRECE atua em comunidades distantes da sede do município e formadas por poucas famílias que guardam valores culturais, tradições, visões da realidade – que constituem a própria identidade do grupo. A cultura cruza todas as dimensões do capital social de uma comunidade. Kliksberg cita a influência positiva de um componente central do capital social, a família. Observou que quanto mais sólido

for este capital básico mais produtivo tendem a ser as outras formas de capital e maiores os resultados no quesito educação. A amostra da pesquisa nos aponta que grande parte (66,21%) dos membros que compõe os grupos da rede PRECE são da mesma família ou do mesmo grupo de parentesco. Nas visitas de campo feitas às comunidades, podemos observar nas EPC's um grande número de parentes, principalmente nas rurais que possuem um número menor de estudantes, haja vista que são comunidades onde, praticamente, todos se conhecem. Atualmente a rede possui vários universitários que são parentes, famílias carentes com praticamente todos os seus filhos cursando a universidade pública e retornando para desenvolver projetos em sua comunidade de origem. O retorno sistemático do universitário mantém os laço de pertença àquela comunidade. Grupos formados por um elevado grau de parentesco fortalece componentes básicos do capital social como é o caso da confiança. Geralmente é mais propício a formação de laços de confiabilidade entre membros do mesmo grupo de parentesco. Além disso, facilita a rede de informações e o trabalho comunitário.

A existência de uma série de associações homogêneas, mas segundo critérios diferentes, poderia tornar o processo de tomada de decisão ao nível da comunidade mais difícil. A amostra da pesquisa nos mostra uma certa homogeneidade nas características dos membros que estão inseridos nos grupos da rede PRECE. As entidades associativas da rede PRECE estão localizadas espacialmente numa localidade e beneficiam comunidades localizadas no entorno, numa determinada região. Possuem uma certa homogeneidade, seguem os meus princípios, estão localizadas e beneficiam, em sua maioria, comunidades rurais, e seus membros, predominantemente, são estudantes de origem popular. Um ponto importante é que mesmo espacialmente divididas, os grupos que desenvolvem projetos através das entidades associativas seguem, em sua maioria, um mesmo padrão de tomada de decisão. Uma das observações do questionário refere-se a como acontece a tomada de decisões nos grupos da rede PRECE. A pesquisa mostra um padrão democrático na tomada de decisões, conforme tabela 6.

Tabela 6. Em relação à tomada de decisão nos grupos

Tomada de decisão	Qt. cit.	Freq.
A decisão é imposta de fora	0	0 %

O líder decide e informa os outros membros do grupo	0	0 %
O líder pergunta aos outros membros do grupo o que eles acham e então decide	6	8,21 %
Os membros do grupo discutem o assunto e decidem em conjunto	67	91,78 %
Outra forma de decisão	0	0 %
TOTAL	73	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Os grupos da rede PRECE seguem, majoritariamente, um mesmo padrão de tomada de decisões, haja vista que os dados apontam que 91,78% dos entrevistados informaram que a decisão nos grupos é tomada de forma coletiva e democrática. Vale salientar que se acredita que organizações que seguem um padrão democrático de tomada de decisão sejam mais eficazes que outras.

Participar da rede PRECE possibilita aos seus membros acesso à informações, serviços, favores e benefícios institucionais que uma rede de relações de conhecimento e reconhecimento mútuo podem trazer, inclusive posições de status nas comunidades, entretanto, esses benefícios não ficam restritos à um determinado grupo ou classe social. O capital social manifestado na rede PRECE atua como um ativo coletivo disponível para todos os membros dos grupos, seja um grupo social ou uma comunidade. O PRECE desenvolve projetos visando o desenvolvimento das comunidades, o benefício coletivo. Nesse sentido se afasta do pensamento de Bourdieu e tem certo respaldo nas colocações de Coleman e Putnam. Nesse caso, fatores como normas, confiança, reciprocidade, são importantes para sua manutenção. No questionário da pesquisa, quando abordado qual seria o maior benefício de se fazer dos grupos da rede PRECE, 94,52% dos entrevistados apontaram o benefício às comunidades através dos projetos sociais desenvolvidos, conforme tabela 7.

Tabela 7. Maior Benefício de se fazer parte da Rede PRECE

Benefícios	Qt. cit.	Freq.
Melhora a renda atual dos membros do grupo ou a acesso a serviços	2	2,73 %
É importante em situações de emergência/no futuro	2	2,73 %
Beneficia a comunidade	69	94,52 %

Prazer/Diversão	0	0 %
Espiritual, posição social, auto-estima	0	0 %
Outros	0	0 %
TOTAL	74	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

No tocante à ampliação da rede PRECE, a multiplicação possibilitou a criação de ligações com outras comunidades de características semelhantes através da criação de novas entidades associativas guardando às características das antecessoras. Associações horizontais semelhantes que possibilitaram a manutenção das interações entre os grupos, inclusive nas relações de trabalho, que pertencem a essas entidades, no caso as EPC's. A mobilização nas comunidades propiciou uma rede de sociabilidade horizontal (associações estudantis) criando laços de confiabilidade e reciprocidade entre seus membros. O capital social comunitário, a tal supercola sociológica a que se refere Robert Putnam propício na resolução de problemas coletivos e o apoio mútuo intragrupo. Importante frisar que a rede atuou, dessa maneira, como uma estrutura de expansão do capital social, constituindo-se como meio de articulação dos princípios. Na pesquisa, 93,14% dos entrevistados afirmaram que existe interação com grupos de objetivos semelhantes fora da comunidade, sendo que, 61,64% afirmaram que essa interação ocorre freqüentemente. Um exemplo que pode retratar esse dado é a interação entre os grupos dos projetos educacionais do PRECE, principalmente o Pré-vestibular Cooperativo e o Projeto de Apoio ao Estudante, esses grupos de EPC's diferentes, inclusive, se reúnem semanalmente para discutir e trocar experiências. Ver, conforme tabela 8.

Tabela 8. Interação com Grupos de Objetivos Semelhantes fora do bairro/localidade

Interação/relação de trabalho	Qt. cit.	Freq.
Não	5	6,84 %
Sim, ocasionalmente	23	31,50 %
Sim, freqüentemente	45	61,64 %
TOTAL	73	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Putnam também recorre à distinção entre "*bonding social capital*" (capital social comunitário), que tende a fortalecer, acima de tudo, o próprio grupo e reforçar as identidades excludentes e os grupos homogêneos, e o "*bridging social capital*" (capital social extracomunitário) que visa fortalecer as relações com o mundo fora do grupo e que abarcam pessoas de diferentes setores sociais.

O capital social comunitário, além de reforçar a identidade e os grupos homogêneos, não permite que a comunidade rompa sua fronteira, apesar dessa ruptura ser fundamental na construção de metas comuns e confiança entre os indivíduos. Ampliar para criar ligações com outras comunidades semelhantes. De certa maneira, essa ligação já ocorre na própria rede PRECE através das EPC's (*bridging social capital* ou "capital social de ponte"). No entanto o fato que reforça o capital social de ponte é a relação do PRECE com outros grupos sociais do município. Principalmente a interação entre as entidades que compõem o Movimento em Defesa da Escola Pública. Essa estrutura de expansão do capital social é de grande importância, pois esse segundo tipo pode gerar reciprocidade e identidades mais abrangentes e criar laços de conectividade entre diferentes grupos sociais. A pesquisa mostra a relação dos grupos da rede PRECE com grupos de objetivos diferentes fora da comunidade, as Centrais das Associações e Sindicatos. A pesquisa mostra que 71,42% dos entrevistados afirmam haver essa relação próxima com outros grupos, sendo que, 42,85% afirmam que essa interação ocorre frequentemente. Conforme tabela 9.

Tabela 9. Interação com Grupos de Objetivos Diferentes fora do Bairro/Localidade

Interação/relação de trabalho	Qt. cit.	Freq.
Não	20	28,57 %
Sim, ocasionalmente	20	28,57 %
Sim, frequentemente	30	42,85 %
TOTAL	70	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Vale salientar, também a relação próxima de grupos da rede com grupos de objetivos diferentes dentro da comunidade. No caso dos grupos de EPC's rurais, essa relação se dá com as associações comunitárias locais e grupos

religiosos. No caso das EPC's da sede do município, a relação próxima com os sindicatos, central de associação e rádio local. A pesquisa mostra que 64,86% dos entrevistados afirmam haver essa relação próxima com outros grupos, sendo que, 41,89% afirmam que essa interação ocorre freqüentemente. Conforme tabela 10.

Tabela 10. Interação com Grupos de Objetivos Diferentes dentro do Bairro/Localidade

Interação/relação de trabalho	Qt. cit.	Freq.
Não	26	35,13 %
Sim, ocasionalmente	17	22,97 %
Sim, freqüentemente	31	41,89 %
TOTAL	74	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Vale salientar que a relação da rede PRECE com outros grupos sociais, centrais de associações comunitárias, Sindicato dos Servidores Públicos (SINSEP), Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o que mostra o fluxo de capital social da rede, importante na formação de uma rede social de desenvolvimento comunitário. O capital social de “ponte” ou do tipo “bridging” trata-se de um ‘óleo lubrificante social’. As informações sobre o comportamento de outros agentes e oportunidades disponíveis fluem por meio dessa forma de capital. “Quando o capital social do tipo “bridging” é abundante, tem-se uma sociedade fluída e integrada na qual, por exemplo, a despeito das diferenças sociais, pobres e ricos confiam uns nos outros e compartilham informações” Monastério(2000).

A relação da rede PRECE com outras entidades se trata de uma expansão do capital social para além das fronteiras da rede. Além de gerar reciprocidade, identidades mais abrangentes, criar laços de conectividade entre diferentes grupos sociais, possibilita a ampliação das demandas e ações. E para se promover desenvolvimento comunitário o capital social é imprescindível. “Isso é o capital social: cooperação ampliada socialmente. Cooperação que se reproduz socialmente” FRANCO(2004).

Nas entrevistas com algumas lideranças comunitárias de entidades que desenvolvem trabalho em conjunto com a rede, entidades do Movimento em Defesa da Escola Pública, observou-se um elevado nível de confiança desses grupos em relação aos nos grupos da rede PRECE. O SINDSEP (Sindicato dos Servidores

Públicos de Pentecoste), entidade ligada ao Movimento em Defesa da Escola Pública, vêm colaborando com a rede no projeto de formação com os professores. O PRECE, atualmente, articula alguns cursos de extensão através da Universidade Federal do Ceará, como o Ciclo de Palestras e Oficinas, destinados, principalmente, para os professores da rede pública. O SINDSEP é parceiro nesse trabalho responsável na parte de organização, inscrição e mobilização dos professores. O SINDSEP colabora com o Programa de Controle Social e Governança, na mobilização dos Ciclos de Debates “Construindo o Município que Queremos”, um espaço de debates e discussões sobre temáticas importantes para o desenvolvimento do município criado pelo PRECE em Pentecoste. Os encontros acontecem quinzenalmente e são verdadeiros espaços de participação popular com a presença de estudantes e lideranças comunitárias.

(...) desde que o sindicato se firmou como entidade, lógico depois de ter superado dificuldades, como existem em movimentos sociais, a gente ver que ter uma parceria com o PRECE seria assim de grande importância pra nós, tanto para o crescimento da entidade, como para o crescimento de todos os membros, de todos os servidores, melhorar como pessoa. E agente tá acreditando, continuará acreditando, visto que nós temos muito a ganhar, já que o PRECE é um movimento que não está interessado, não só no estudo do jovem em si, mas sim no crescimento social, no desenvolvimento intelectual de cada pessoa. Pra que nós possamos ter cidadãos melhores no futuro, e com cidadãos melhores, com certeza, crescerá também o movimento sindical no nosso país, no nosso município, principalmente. Quando a gente resolveu ter uma parceria com o PRECE, quando o sindicato foi procurado, o sindicato abriu as portas para o PRECE porque um movimento ele só funciona bem quando ele tem ligação com outro movimento, (...) a gente abriu essa parceria, e através disso nós já temos cursos de extensão da UFC, que as pessoas estão muito interessadas em fazer, interessadas em si informar. Eu acho que o crescimento das entidades, de todo o crescimento, vai depender sempre dessa parceria, ninguém trabalha sozinho, ninguém vive sozinho, como diz a frase: uma andorinha só não faz verão. (**Auxiliadora Estevan** - Diretora fundadora, Secretária Financeira do SINDSEP e professora da rede pública estadual e municipal em Pentecoste)

Uma outra relação próxima do PRECE atualmente, é com as Centrais de Associações do município, a COAMPE (Central Organizativa do município de Pentecoste) e a UAVRC (União das Associações do Vale do Rio Canindé), juntas essas Centrais possuem 48 associações filiadas. Na COAMPE o PRECE vem atuando há algum tempo, com membros participando assiduamente das reuniões e planejamentos. Contando com NAJUCOM (Núcleo de Assessoria Jurídica e

Contábil) órgão criado no PRECE que colabora com a parte contábil das associações. Na UAVRC, o PRECE teve participação direta em sua formação contando com a ajuda e o apoio do NUCOM (Núcleo de Psicologia Comunitária da UFC) estimularam e apoiaram os presidentes de associação a formarem uma União de Associações. Atualmente o PRECE desenvolve um Projeto, em parceria com outras entidades, de Fortalecimento da Gestão Comunitária das associações que compõem a UAVRC (13 no total). Nas visitas que fiz, através da observação participante, nas próprias entrevistas com as lideranças pude perceber o elevado nível de confiança das lideranças comunitárias nos grupos de trabalho do PRECE.

“Eu acho assim que nós como presidente, como associação e os outros afiliados, eu acho que a gente tem visto assim um trabalho muito grande através do PRECE, porque hoje a gente tem que colocar o PRECE porque a ADEL nasceu do PRECE e tantas outras entidades que está apoiando também vem através do PRECE, então vejo que a UAVRC está sendo beneficiada por essas entidades e que a gente tem total confiança nesse pessoal que está nos ajudando (...) as associações elas também tem uma confiança na União e a gente trata da melhor maneira possível pra que a gente não perca a confiança dessas associações (...) acredito que todas as associações que estão aqui afiliada à União elas também confia no PRECE, confia no trabalho dos meninos que fazem a ADEL. (Sr. **Francisco Julião**, agricultor, Presidente da UAVRC, Vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, membro do Conselho Municipal de Assistência Social, Presidente da Associação Comunitária de Carrapato).

A pesquisa demonstra como o capital social gerado na rede PRECE está se expandindo e se ligando à outras entidades, um fluxo de capital social no interior das comunidades. A rede PRECE reforça laços de confiança e reciprocidade que são as bases do capital social. Putnam (2002) afirma que a confiança é um componente básico do capital social, e que ela é uma promotora da cooperação, que por sua vez gera mais confiança. Para Putnam (1993), a confiança é criada e reforçada pelas densas redes horizontais ligadas à sociedade civil.

Na perspectiva de que a confiança é um componente básico do capital social, a pesquisa busca levantar dados sobre confiabilidade e cooperação em relação aos membros que compõem a rede associativa, no intuito de avaliar o estoque de capital social na rede PRECE.

Na pesquisa, o questionário abordou algumas questões relacionadas às relações de confiança dos membros dos grupos da rede PRECE. Os dados mostram que 57,50% dos entrevistados afirmam que se pode confiar totalmente na maioria

das pessoas dos seus grupos. Numa outra situação, 57,50% dos entrevistados afirmam que não existe relação desigual entre os membros dos grupos, no sentido de alguém buscar somente tirar vantagem um do outro. Um dado relevante é que 73,50% dos entrevistados afirmaram que a maioria das pessoas estão sempre dispostas a ajudar caso o grupo precise. Conforme tabela 11.

Tabela 11. Relação de Confiança nos Grupos

Pode-se confiar na maioria das pessoas do seu(s) grupo(s)	Qt. cit.	Freq.
Concordo totalmente	23	57,50 %
Concordo em parte	16	40 %
Nem concordo, nem discordo	1	2,50%
Discordo em parte	0	0 %
Discordo totalmente	0	0 %
TOTAL	40	100 %
No seu(s) grupo(s) é preciso estar atento ou alguém pode tirar vantagem de você	Qt. cit.	Freq.
Concordo totalmente	0	0 %
Concordo em parte	3	7,50 %
Nem concordo, nem discordo	4	2,50 %
Discordo em parte	10	10 %
Discordo totalmente	23	57,50 %
TOTAL	40	100 %
A maioria das pessoas do seu(s) grupos (s) estão dispostas a ajudar caso você precise	Qt. cit.	Freq.
Concordo totalmente	29	73,50 %
Concordo em parte	11	27,50 %
Nem concordo, nem discordo	0	0 %
Discordo em parte	0	0 %
Discordo totalmente	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Além das questões quantitativas, o questionário abordou questões de cunho qualitativo. Os dados anteriores, no geral, abordaram um elevado nível de confiança. Basta observar que 0% dos entrevistados desconfiam da maioria das pessoas do seus grupos. Perguntamos diretamente aos entrevistados as causas desse

elevado nível de confiança no interior dos grupos e tivemos respostas das mais variadas. Algumas respostas, a saber:

1. “Nos ajudamos, ajuda mútua e a formação de laços de amizade”
2. “Existe um ciclo de ajuda mútua dentro do grupo”
3. “O grau de convivência, ajuda mútua e a formação de laços de amizade”
4. “Um trabalha em prol do outro, existe cooperação e interação”
5. “Os objetivos em comuns, cria-se relações de companheirismo e confiança no grupo”
6. “Atividades voltadas para o benefício do coletivo, do grupo, da comunidade”
7. “Formação de laços de amizade, respeito mútuo, objetivos comuns”
8. “Comprometimento do grupo nas atividades”
9. “O trabalho em conjunto, a ajuda mútua e a cooperação”
10. “Pelo profissionalismo nas relações de trabalho, o cooperativismo”
11. “Buscamos um ideal comum, relação de mutualismo, não vejo pessoas tirando vantagem, estamos ali pra nos ajudar”
12. “Vejo confiança nas relações de trabalho, não vejo ninguém tirar vantagem”
13. “Relações estabelecidas, convívio, o ato de compartilhar experiências, nunca ninguém tirou vantagens de mim no grupo”
14. “Nas ocasiões e discussões, a coerência do grupo no que se fala e no que se faz”
15. “Grupo prestativo, disposto a ajudar, cooperação”
16. “Muitos grupos de parentesco, laços de amizade, compartilham os mesmos objetivos e idéias”
17. “Pessoas cooperativas e de boa índole”

(Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

Um ponto que foi bastante abordado pelos entrevistados que contribuem para um elevado grau de confiança nos grupos da rede PRECE são as relações de ajuda mútua. Na pesquisa abordamos questões sobre as relações de ajuda mútua entre os membros que compõem a rede PRECE. Os dados mostram que 55% dos entrevistados afirmam que os membros sempre se ajudam nas relações de trabalho nos grupos, 45% dos entrevistados afirmaram que quase sempre isso acontece, e 0% afirmaram que algumas vezes, raramente ou nunca ajudam. Conforme tabela 12.

Tabela 12. Relação Ajuda Mútua Entre os Membros do(s) Grupo(s)

Relação de ajuda	Qt. cit.	Freq.
Sempre ajudam	22	55 %
Quase sempre ajudam	18	45 %
Algumas vezes ajudam	0	0 %
Raramente ajudam	0	0 %
Nunca ajudam	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

James Coleman (1999), enxerga o capital social como um recurso para as pessoas, ele é produzido a partir das mudanças das relações interpessoais que facilitam determinadas ações; dessa forma, o capital social depende da ação individual para a produção de um bem coletivo e é sustentado por dois pilares, a confiança e a reciprocidade. Putnam aplicou o conceito na compreensão da participação e engajamento da sociedade e os seus efeitos nas instituições democráticas e na qualidade do governo em algumas regiões da Itália. Tanto ele como Coleman tratam o capital social como um recurso coletivo baseado nas normas e redes de intercâmbio entre os indivíduos. Importante frisar que o capital social manifestado na rede PRECE atua como um ativo coletivo disponível para todos os membros dos grupos, seja um grupo social ou da comunidade. O PRECE desenvolve projetos visando o desenvolvimento das comunidades, o benefício coletivo. O retorno dos estudantes universitários do PRECE todos os finais de semana às comunidades mantém os laços de pertença àquela comunidade, além do mais, os projetos sociais que são desenvolvidos por esses estudantes contribuem para um bom nível de confiança dos membros das comunidades em relação à rede PRECE.

Na pesquisa observamos como é forte a relação dos estudantes com suas comunidades, seu engajamento cívico e trabalho comunitário desenvolvido através dos projetos sociais e o sentimento de pertença àquele lugar, afinal eles também fazem parte da comunidade. Na pesquisa uma das perguntas do questionário abordava qual seria a relação de um membro da rede com um projeto que não lhe beneficia diretamente, mas beneficia a comunidade. Todos os entrevistados (100%) afirmaram que apoiariam e colaborariam, seja com tempo ou outro tipo de apoio (logístico, financeiro, etc) com projetos que visem o benefício das comunidades. Conforme tabela 13.

Tabela 13. Qual Seria a Relação do Membro do PRECE com um Projeto que não lhe Beneficia Diretamente mas Beneficia a Comunidade

Apoio com tempo	Qt. cit.	Freq.
Não contribuiria com tempo	0	0 %
Contribuiria com tempo	40	100 %
TOTAL	40	100 %
Outro tipo de apoio	Qt. cit.	Freq.

Não contribuiria com outro tipo de apoio	0	0 %
Contribuiria com outro tipo de apoio	40	100 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Quanto à confiança das comunidades em relação à rede PRECE, abordamos na pesquisa quais foram ou são as ações ou eventos que contribuem para intensificar o grau de confiança das comunidades em relação à rede. Conforme tabela 14.

Tabela 14. Ações ou Eventos que Intensificaram o Grau de Confiança das(s) Comunidades(s) em Relação ao PRECE

Ação ou eventos	Qt. cit.	Freq.
Criação do Movimento em Defesa da Escola Pública	15	37,5 %
Fórum de Segurança realizado na comunidade de Cipó	5	12,5 %
Desenvolvimento de projetos de apoio à infância	1	2,5 %
Aniversário do PRECE de 13 anos na sede do município	9	22,5 %
Inauguração do Estudantório na comunidade de Cipó	3	7,5 %
Lançamento oficial do Movimento na comunidade de Cipó	1	2,5 %
Aniversário do PRECE de 10 anos na comunidade de Cipó	3	7,5 %
O retorno contínuo dos universitários para desenvolver projetos nas suas comunidades	2	5 %
As primeiras aprovações dos estudantes na UFC	1	2,5 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

A criação do Movimento em Defesa da Escola Pública foi, segundo a maioria dos entrevistados, a ação do PRECE que mais intensificou a confiança das comunidades em relação à rede. O Movimento é uma ação política de participação popular. A rede PRECE, além de apresentar normas de reciprocidade generalizadas, estimula o engajamento cívico nas comunidades. Segundo Putnam (1995) “Normas de reciprocidade generalizadas e redes de engajamento cívico

estimulam a confiança social e a cooperação porque reduzem os incentivos à defecção, reduzem a incerteza e fornecem modelos para a cooperação futura”. Voltaremos a essa discussão à posteriori.

Segundo a pesquisa, todos os entrevistados afirmaram que o grau de confiança das comunidades em relação à rede PRECE a partir dessas ações ou eventos, melhorou em 100%. Conforme tabela 15.

Tabela 15. Confiança da(s) Comunidades(s) na Rede PRECE a partir dessas Ações ou Eventos

Grau de confiança das comunidades	Qt. cit.	Freq.
Melhorou	40	100 %
Piorou	0	0 %
Permaneceu o mesmo	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

No questionário perguntamos diretamente aos entrevistados, quais seriam as causas que fizeram com que essas ações ou eventos fortalecessem o grau de confiança das comunidades em relação à rede PRECE. Tivemos variadas respostas, a saber:

A criação do Movimento em Defesa da Escola Pública:

1. “quando começamos a intervir na política através de atividades de formação (debates, entrevistas, etc) pautar o enfoque em defesa da escola pública democrática e de qualidade a confiança das comunidades melhorou”.
2. “por conta das ações em relação á educação, desenvolvimento comunitário e educação política. E os resultados em relação à assistência estudantil”
3. “as idéias do movimento, algo que a população anseava e estava esperando que acontecesse”.
4. “momento onde o PRECE apareceu mais, dialogamos com a classe política e a população que perceberam que o Movimento era para ajudar a comunidade”
5. “a população passou a ver que o PRECE não visava apenas colocar estudante na universidade, mas o desenvolvimento das comunidades e conscientizar a população do papel de seus representantes”
6. “a comunidade passou a nos enxergar como um grupo que realmente se importa com a educação do município”
7. “a comunidade percebeu os reais interesses do Movimento de conscientizar a comunidade de seus problemas”

(Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

Aniversário do PRECE de 13 anos na sede do município:

“A comunidade passou a conhecer as ações e projetos do PRECE desenvolvidas pelas pessoas da classe popular que visam o benefício da comunidade”
 “Foi um dos primeiros eventos que juntou todas as associações e grupos do PRECE, A comunidade passou a conhecer e valorizar nossas ações”

(Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

Fórum de Segurança realizado na comunidade de Cipó:

“a partir dessa ação as pessoas passaram a acreditar que o PRECE desenvolvia projetos em benefício da comunidade”

“mexeu muito com a comunidade, envolvem não somente os estudantes, mas os pais, agricultores, políticos. O PRECE não está preocupado só com a educação. O fórum uniu”

(Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

Evento de Inauguração do Estudantório na comunidade de Cipó:

“houve uma maior divulgação das ações do PRECE, as pessoas passaram a conhecer e acreditar”

(Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

Aniversário do PRECE de 10 anos na comunidade de Cipó:

“conheci as ações e cheguei na minha comunidade e falei que naquele grupo podíamos confiar, em todos os setores a seriedade e a vontade de ajudar”

(Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

O retorno contínuo dos universitários para desenvolver projetos nas suas comunidades:

“a comunidade passou a enxergar que nós éramos cooperativos, que queriam ajudar a comunidade”

(Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

Desenvolvimento de projetos de apoio à infância:

“os pais passaram a ver que o PRECE era um ponto de apoio para seus filhos”

(Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

Lançamento oficial do Movimento na comunidade de Cipó:

“as pessoas passaram a conhecer as ações do PRECE e seus objetivos”

(Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

O capital social é elevado onde as pessoas confiam umas nas outras e onde essa confiança é exercida pela aceitação mútua de obrigações. Essa visão se aproxima de Coleman (1999), o capital social depende da ação individual para a produção de um bem coletivo que é sustentado, sobretudo, pela confiança. Nesse

sentido, o capital social torna-se um componente fundamental na produção de laços de reciprocidade dentro das comunidades. Importante frisar que essas ações da rede PRECE, pautadas por laços de confiança, reforça a visão do capital social como um recurso para as pessoas, a partir das mudanças das relações interpessoais que facilitam determinadas ações.

Para Coleman, um outro aspecto importante é que, nas associações de indivíduos com finalidade comuns, como organizações sociais (as associações estudantis da rede PRECE, por exemplo), as relações sociais de confiança mútua são desenvolvidas na busca do objetivo comum. Importante salientar que na visão de Coleman essas relações de confiança, o capital social, gera externalidades positivas, perpassando os fins daquela organização social, assumindo o caráter de bem público. Quanto mais essas relações são ativadas mais o capital social se torna cada vez mais consolidado (Coleman,1990).

James Coleman é adepto da teoria da ação racional, ou seja, os indivíduos agem racionalmente para atingir seus fins, acredita que os intercâmbios sociais seriam o somatório de interações individuais. Para Holanda (2003), Coleman busca explicar como indivíduos racionais agem visando ao bem estar coletivo, algumas vezes até renunciando voluntariamente a realizar ações que possam lhe beneficiar imediatamente. Segundo Holanda, na construção do capital social, Coleman leva em consideração as ações racionais e irracionais das pessoas, ou seja, ele sabia que os atores sociais agem racionalmente e que as ações humanas tem muitas irracionalidades (afeto, moral, tradições), considerando as normas sociais vigentes. Importante essa forma de norma, pois facilitam o desenvolvimento de movimentos e redes sociais através de grupos de membros dedicados e influencia as pessoas das comunidades a trabalhar para o bem estar comum. Um exemplo para simplificar, numa comunidade onde todas as pessoas seguem normas tácitas de cuidar do outro e de não agressão, as crianças poderão ir para escola com segurança, e o capital social estará produzindo ordem pública. Na própria rede PRECE, a construção do capital social através de ações racionais, as associações estudantis (EPC's) são organizações com a finalidade de atingir os mesmos fins e as relações sociais entre os membros da rede são desenvolvidas na busca do objetivo comum. A manifestação ou construção do capital social na rede PRECE também perpassa a questão da afetividade, normas de reciprocidade e solidariedade que favorecem os laços de confiança nos grupos.

Coleman afirma que quando há interdependência entre os atores sociais, eles só conseguem satisfazer seus interesses agindo conjuntamente através de relações sociais que o autor insere no conceito do capital social. Relações de autoridade, um indivíduo concorda em ceder a outro o direito sobre suas ações em troca de uma compensação; relações de expectativas e obrigações entre indivíduos que trocam favores; em todas está presente a confiança mútua entre os indivíduos.

[...] fazer um favor confiando que o outro retribuirá quando tiver oportunidade; submeter-se a normas confiando que o outro também submeter-se-á ou será punido se não o fizer; trabalhar para alguém confiando que receberá o pagamento ajustado ou, vice-versa, contratar alguém confiando que executará o trabalho proposto (COLEMAN, 1990, p.305).

Vale frisar, que essa questão da confiança nos remete à Teoria dos Jogos, segundo a qual um indivíduo só age em benefício do outro se souber que o outro fará o mesmo, caso isso não aconteça, esse indivíduo, para defender-se, irá prejudicar o outro, antes que este o faça. Um ponto importante nessa discussão é que, se a confiança prevalece entre digamos os “jogadores”, a transgressão às normas diminui, portanto, nenhum vai buscar prejudicar o outro. Como diz Putnam (2002, p.188), “... coopere com pessoas que cooperam com você (ou que cooperam com pessoas como você), e não seja o primeiro a transgredir”. Entretanto, Monastério (2000) refuta a relação entre tal teoria e o capital social haja vista que esta não leva em consideração uma característica fundamental do capital social, a rede de interações entre os atores sociais.

Na pesquisa sobre o capital social da rede PRECE é possível observar a rede de contatos sociais e o capital social que se apresenta como um recurso com vista à promoção de um bem coletivo através dos projetos sociais desenvolvidos pela rede que trazem benefícios que perpassam o benefício dos membros da rede. São relações de confiança favoráveis à ação coletiva organizada e desenvolvida entre membros de um grupo. Coleman traz uma definição sobre capital social que é possível compreender essas relações de confiança: “o conjunto das relações sociais em que um indivíduo se encontra inserido e que o ajudam a atingir objetivos que, sem tais relações, seriam inalcançáveis ou somente alcançáveis a um custo mais elevado” (COLEMAN, 1990: p.304).

Segundo Putnam uma comunidade onde se tem um alto índice de associativismo significa uma comunidade que atua cooperativamente, armar redes e coalizões. Formula indicadores de capital social, intensa vida associativa (associações horizontais), participação cívica que inclui a participação em atividades voluntárias. Na pesquisa sobre a rede PRECE foi perguntado aos entrevistados se participaram de atividades comunitárias nos últimos doze meses. Todos os entrevistados afirmaram ter participado de atividades comunitárias nos últimos 12 meses. Conforme tabela 16.

Tabela 16. Participação dos Membros do(s) Grupo(s) em Atividades Comunitárias nos últimos 12 meses

Participou de atividades comunitárias	Qt. cit.	Freq.
Sim	40	100 %
Não	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Importante frisar que as principais atividades, ou melhor, as mais citadas pelos entrevistados do PRECE nos últimos 12 meses, foram atividades da área do Programa de Controle Social e Governança da rede, área de empoderamento comunitário, o que denota o engajamento cívico dos membros da rede em suas comunidades. Um outro fator importante é que, segundo os entrevistados, 96,55% dos membros dos grupos participaram das atividades de forma voluntária. Conforme tabela 17.

Tabela 17. Principais Atividades da rede nos últimos 12 meses e a forma de participação

Principais atividades	Qt. cit.	Freq.
Audiência Pública do PRECE na Câmara Municipal de Pentecoste	18	16,66 %
Ações do Movimento (fóruns, divulgações, panfletagem, etc.)	19	17,59 %
Elaboração pelos estudantes dos projetos da Ashoka	7	6,48 %
Observatório do eleitor	4	3,70 %
Debate e entrevista com os candidatos à prefeito nas eleições passadas em Pentecoste - CE	21	19,44 %
Programa de Rádio Coração de Estudante	3	2,77 %

Ações do projeto Estudante Cooperativo	11	10,18 %
Projetos desenvolvidos pela ADEL	4	3,70 %
Projetos de inclusão digital	1	0,92 %
Lançamento oficial do Movimento no Cipó	8	7,40 %
Ações do projeto de apoio ao estudante	1	0,92 %
Criação do pré-vestibular no assentamento de Erva-Moura	2	1,85 %
Oficinas de xadrez com a juventude	1	0,92 %
Atividades culturais	4	3,70 %
Construção do espaço físico da EPC Boa Vista	1	0,92 %
Encontro com os pais na EPC Estrela D Alva	2	1,85 %
Semana Pedagógica EPC Pentecoste	1	0,92 %
TOTAL	108	100 %
Forma de participação	Qt. cit.	Freq.
Voluntária	112	96,55 %
Solicitada	4	3,44 %
TOTAL	116	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

A pesquisa analisou uma outra variável importante para se avaliar o estoque de capital social da rede PRECE, ação coletiva e cooperação. No interior dos grupos e das comunidades, a ação coletiva só terá efetividade quando houver um nível satisfatório de capital social à disposição. É claro que a ação coletiva ela deve ser analisada à luz do contexto social e político daquela determinada região ou sociedade, haja vista que, já assistimos várias vezes, governos totalitários que forçavam as pessoas a trabalharem juntas em projetos do Estado ou outro tipo de atividades comuns. Essa observação, obviamente, não é o nosso caso, vivemos em um Estado Democrático de Direito. Entretanto, é interessante observar que esse grupo de estudantes que iniciaram essa experiência foram influenciados pelo contexto social onde viviam. Foi por conta da precariedade do ensino público nas áreas rurais, falta de professores e infra-estrutura, de qualidade, que eles passaram a atuar de forma cooperativa para atingir os objetivos comuns. A expansão e multiplicação dessa experiência e a conseqüente manifestação ativa de capital social, a densidade e participação em associações voluntárias e o alto nível de confiança contribuíram para o aumento dos níveis de ação coletiva.

No questionário abordamos aos entrevistados quantas pessoas nos seus grupos contribuem na rede PRECE com tempo ou outra forma de apoio para com atividades de desenvolvimentos comuns e problemas comunitários. A maioria dos entrevistados afirmou que mais da metade, ou seja, a maioria contribui com

atividades de desenvolvimento comuns e que se envolvem na resolução de problemas que afetam suas comunidades. Conforme tabela 18.

Tabela 18. Contribuição dos membros dos(s) Grupos(s) nas Atividades de Desenvolvimento Comuns e Problemas Comunitários

Participação das pessoas	Qt. cit.	Freq.
Todas	15	37,5 %
Mais da metade	18	45 %
Cerca da metade	6	15 %
Menos da metade	1	2,5 %
Ninguém	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Além de buscar analisar elementos chaves que integram o conceito, como redes e confiança mútua, a pesquisa buscou, também, um outro elemento chave, a coesão social. Foi perguntado aos entrevistados como eles descreveriam o grau de comunhão e coesão em seus grupos na rede PRECE. Uma percepção geral sobre o sentimento de comunhão e unidade social na rede PRECE. A maioria dos entrevistados (57,5%) afirmou que o grau de comunhão e coesão na rede é relativamente próximo, sendo que 42,5% dos entrevistados afirmaram ser muito próximo. O interessante observar é que, nenhum dos entrevistados afirmou que o grau de comunhão ou coesão na rede seja distante ou até mesmo relativamente distante. Conforme tabela 19.

Tabela 19. Grau de Comunhão ou Coesão do(s) Grupo(s)

Grau de coesão no grupo	Qt. cit.	Freq.
Muito distante	0	0 %
Relativamente distante	0	0 %
Nem distante nem próximo	0	0 %
Relativamente próximo	23	57,5 %
Muito próximo	17	42,5 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Perguntamos diretamente aos entrevistados quais seriam as causas desse nível de comunhão e coesão social da rede PRECE. Tivemos respostas das mais variadas. Algumas, a saber:

1. “Objetivos comuns e vão se criando laços de amizade”
2. “Somos próximos porque confiamos uns nos outros”
3. “Os graus de convivência e os laços de amizade, confiança e respeito”.
4. “Convivência, graus de cumplicidade, cooperação e laços de amizade”.
5. “Convivência muito forte, percepção sobre o outro, objetivos comuns, buscamos o bem comum”.
6. “Atuamos em rede, enfrentamos dificuldades em comum, ajuda mútua que cria laços de amizade”.
7. “Formação de laços de amizade, objetivos comuns e o espírito de ajuda mútua”.
8. “Ajuda mútua e laços de cooperação”.
9. “Ajuda mútua e objetivos comuns”.
10. “Elevado grau de participação nas atividades”.
11. “Os objetivos em comum e por conta da metodologia de aprendizagem cooperativa que absorvemos”.
12. “Os objetivos em comum, vontade de contribuir com a comunidade”.
13. “Os objetivos comuns e o trabalho em conjunto”.
14. “As conversas e discussões. O grupo unido por benefícios comuns”.
15. “No momento da ação o grupo responde, temos objetivos comuns”.
15. “A maioria são parentes, grau de convivência na comunidade”.
16. “Vejo companheirismo no grupo e laços de amizade”.
17. “Devido a grande convivência, estamos sempre nos reunindo, os interesses comuns contribuem”.
18. “O grau de participação das pessoas no grupo e discussões de questões da comunidade que unem o grupo”.
19. “O processo é contínuo, os mais antigos são mais próximos, os mais novos estão no processo de acompanhamento do grupo”.
20. “A troca de conhecimento, a clareza, grupo que se pode contar”.
21. “Objetivos comuns e laços de fraternidade”.
22. “Os mesmos ideais e laços de amizade”.

(Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

Na perspectiva comunitária o capital social pode referir-se a laços estritamente no âmbito de um grupo ou comunidade, as chamadas redes internas, que pressupõem forte coesão interna. Daí a importância do capital social atuando como uma rede, onde as pessoas se conectam umas às outras na consecução de objetivos comuns. Essa foi a mais citada entre os entrevistados que facilitaram à coesão nos grupos que compõem a rede PRECE. Observando esses dados qualitativos da pesquisa, mais uma vez retornamos à James Coleman(1990) , quando ele aponta o que seria três formas específicas de capital social e que podemos observar inseridas nas relações entre os membros da rede PRECE. A primeira tem relação com o nível de confiança e a real extensão das obrigações existentes em um ambiente social, ou seja, quando as pessoas confiam uma nas outras o capital social é elevado e a confiança é exercida pela aceitação mútua de

obrigações. Uma outra está relacionada à canais de troca de informações e idéias, a própria filosofia de trabalho do PRECE através de sua metodologia facilita essas trocas. E a última, adesão às normas (capital social cognitivo) constituem capital social quando elas encorajam indivíduos a lutarem por um bem comum. Na rede PRECE os membros seguem normas de reciprocidade que são inseridas obrigatoriamente em todas as ações da rede. Reiteramos aquela visão de capital social, que segundo Coleman, se apresenta tanto no plano individual como no coletivo, o primeiro relacionado ao grau de integração social do indivíduo com suas redes de contatos sociais que implica expectativas de reciprocidade e comportamentos confiáveis e, a segunda, quando o capital social produz um bem coletivo que transcende os objetivos individuais. Os projetos desenvolvidos na rede seguem essa perspectiva de desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida das pessoas nas comunidades.

Um outro ponto analisado na pesquisa tem relação às diferenças entre as pessoas que compõem os grupos da rede PRECE. Perguntamos aos entrevistados até que ponto as pessoas são diferentes em relação à características pessoais (diferença de riqueza, posição social, origem étnica). As informações anteriores (ver tabela 5) nos demonstram uma homogeneidade nas características dos membros dos grupos. O que revela que Associações homogêneas facilitam os laços de confiabilidade. Importante citar que um grupo de pessoas extremamente diferentes pode dificultar a coesão no interior dos grupos. Geralmente as interações entre pessoas de posição social, nível de renda ou até mesmo opção sexual diferentes, são dificultadas ou até mesmo pode gerar exclusão e conflitos dentro do(s) grupo(s). Vale salientar que as manifestações positivas de um alto grau de capital social é a ocorrência de freqüentes interações sociais. A diferença entre os membros pode dificultar essas interações e conseqüentemente a coesão do(s) grupos(s). A pesquisa apontou que a maioria das pessoas são relativamente diferentes (55%) e pouco diferentes(35%) no que tange às características, comprovando, também, uma certa homogeneidade nas características. Entretanto, um fato que podemos observar é que este capital social comunitário, ao mesmo tempo que reforça a identidade do grupo pode gerar exclusão, principalmente em relação às pessoas de características diferentes. Somente 5% dos entrevistados afirmaram que as pessoas são extremamente diferentes. Conforme tabela 20.

Tabela 20. Diferença nas Características das Pessoas que compõem a rede PRECE

Diversidade entre as pessoas	Qt. cit.	Freq.
Extremamente diferentes	2	5 %
Muito diferentes	2	5 %
Relativamente diferentes	22	55 %
Pouco diferentes	13	35 %
Muito pouco diferentes	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Um ponto importante é que mesmo com as diferenças, o grupo mantém os laços de confiança e se mantém coeso. No que tange às diferenças em relação à algumas características, as informações demonstram que não afetam elementos ou indicadores importantes de capital social como a confiança e a coesão social. Quanto à exclusão, a rede PRECE possui um capital social estrutural apropriado (redes e contatos sociais) para gerenciar conflitos. Além do mais, o capital social gerado na rede é um recurso, uma propriedade, ao mesmo tempo, individual e de um grupo. Os benefícios são para as pessoas, independente de características diferentes, o capital social é um bem coletivo.

Perguntamos diretamente aos entrevistados quais as causas dessa homogeneidade quanta as características das pessoas que compõem a rede PRECE. Algumas respostas, a saber:

1. “Existe uma predominância em algumas características (riqueza, renda e posição social), em outras as diferenças são gritantes (origem étnica, crenças religiosas e políticas, opção sexual)”.
2. “As características não são tão atenuantes, são poucas pessoas que se tangenciam em posição social, opção sexual, em outras são homogêneas”
3. “Algumas características são homogêneas (renda, posição social) outros heterogêneos (religião, origem étnica)”
4. “Na maioria do grupo não vejo diferenças discrepantes levando em consideração o conjunto das características”
5. “Existem poucas diferenças, a cultura muito parecida e comunidades fechadas”
6. “Atendemos pessoas de todas as classes, etnias e religiões. Existem diferenças de classe, etnia e religião, mas sempre trabalhando em prol de objetivos comuns”

(**Fonte:** Pesquisa Direta - maio/junho de 2009)

3. CAPÍTULO III

3.1 – O poder emancipatório do PRECE

A rede PRECE vêm desde 2005, atuando na área de desenvolvimento político através de projetos desenvolvidos pelo Programa de Controle Social e Governança. A oportunidade dos estudantes, após ingressarem na universidade, de retornarem às suas comunidades todos os finais de semana para desenvolverem projetos comunitários, propicia que estes não percam os laços de pertença às suas comunidades. O capital intelectual que está sendo reinvestido nas comunidades colabora com o desenvolvimento das mesmas. Os participantes do PRECE perceberam que o trabalho de colaborar com o acesso de estudantes de origem popular a universidade pública é um grande impacto. Entretanto, todo esse esforço não teria tanto sentido se eles não retornarem e buscarem à melhoria da qualidade de vida das pessoas que estão vivendo nas suas comunidades de origem. O capital social gerado tem que ser traduzido em um recurso que beneficie os indivíduos que compõem a rede e, ao mesmo tempo, também às comunidades, um benefício coletivo.

A pesquisa demonstrou que a manifestação ativa de capital social na rede PRECE está se expandindo e se ligando à outras entidades, um fluxo de capital social no interior das comunidades. A rede vem reforçando os laços de confiança e reciprocidade que são as bases do capital social. Para Putnam, a confiança é criada e reforçada pelas densas redes horizontais ligadas à sociedade civil.

A rede PRECE atualmente busca ampliar esse capital social, o Movimento em Defesa da Escola Pública que agrega às associações estudantis, Centrais de Associações Comunitárias e os Sindicatos demonstram esse capital social de ponte.

[...]. Os sistemas horizontais de participação cívica (cooperativas, associações, partidos, clubes desportivos, sindicatos, associações culturais e de ajuda mútua) ajudam os participantes a solucionar os dilemas da ação coletiva, então quanto mais horizontalizada for a estrutura de uma organização, mais ela favorecerá o desempenho institucional na comunidade em geral [...]. Um sistema vertical, por mais ramificado e por mais importante que seja para seus membros, é

incapaz de sustentar a confiança e a cooperação sociais. (PUTNAM, 1996, p. 185)

A rede PRECE, além de apresentar normas de reciprocidade generalizadas, estimula o engajamento cívico nas comunidades. Segundo Putnam (1995) “Normas de reciprocidade generalizadas e redes de engajamento cívico estimulam a confiança social e a cooperação porque reduzem os incentivos à defecção, reduzem a incerteza e fornecem modelos para a cooperação futura”. As principais atividades, citadas pelos entrevistados do PRECE nos últimos 12 meses, foram atividades da área do Programa de Controle Social e Governança da rede, área de empoderamento comunitário, o que denota um forte engajamento cívico dos membros da rede em suas comunidades. (ver tabela 17).

A ação coletiva deve ser analisada à luz do contexto social e político daquela determinada região ou sociedade. O grupo de estudantes que iniciou essa experiência foi influenciado pelo contexto social onde vive. Vitimado pela precariedade do ensino público nas áreas rurais ele passou a atuar de forma cooperativa para atingir objetivos comuns. A visão de se buscar o desenvolvimento de sua comunidade também foi influenciada pelo contexto social, sobretudo político da região onde viviam.

Mesmo com a decadência do coronelismo no Estado do Ceará, principalmente a partir da década de 80, práticas tradicionais ainda se perpetuam em muitos municípios do interior. Em Pentecoste, o clientelismo e até a perseguição política, mesmo que disfarçadamente, ainda é muito forte. Políticos de “fachada” reproduzem essa prática e se aproveitam da ignorância política da população. É comum no município a cultura da “troca de favores” aliada a sujeição agradecida. De fato, a população desassistida de seus direitos básicos se torna dependente de políticos que buscam maximizar seus votos para se manter no poder constituído. Uma pequena parcela da população se beneficia através de práticas políticas tradicionais como empreguismo e nepotismo. Esse contexto fica claro na entrevista com um professor e líder sindicalista de Pentecoste:

“Como a gente sabe a política de Pentecoste é uma ‘política doente’, eu poderia dizer que é uma política de pernas quebradas, que anda a passos de tartaruga e pra trás. Uma política que não anda de acordo com o tempo, com as necessidades de nosso tempo no século XXI. A gente percebe que aqui no Pentecoste não há uma visão de futuro, uma visão

de progresso, a visão dos políticos nossos é aquela visão míope, em ver muito pouco a sua frente, não consegue projetar um progresso de dez, quinze, vinte anos, tem que ser marcado pelo aquele espaço curto de tempo de quatro ou oito anos, que é uma desgraça, porque não se tem a visão de promover o município para o bem do povo, muitas vezes essa visão fica restrita a um grupinho de pessoas, o que acaba marcando negativamente nossos jovens, nossas crianças, porque as pessoas têm a visão de que política é roubalheira, política é falcatura, e a impressão que a gente tem que é isso mesmo(...) pensando aqui no PRECE, no Movimento em Defesa da Escola Pública, é isso, exatamente fazer com que as pessoas despertem para uma nova forma de governo, uma nova forma de política, porque a política ela é boa, a política ela está presente em todos nós, a política é participar, fazer com que a coisa aconteça em todos os âmbitos da sociedade (...) fazer com que os jovens entendam que nós não podemos viver sobre os caprichos dessas política desgraçada, miserável, que tem destruído, que tem impedido o progresso do nosso município. Embora demore, e eu tenho dito algumas vezes que custe o que custar, essa política doente, essa política de pernas quebradas há de se dismantelar, no sentido de que uma nova política vai surgir, novas pessoas com uma nova visão, de que com um novo caráter, de que com novas possibilidades possam realmente de fato um dia marcar esse nosso município com algo extraordinário, algo que fique marcado não por fatos individuais, não por características que deixem a desejar, mas por algo que possa contemplar a todos”.
(Valdenir Cruz, Professor da rede pública municipal e Vice-presidente do SINDSEP - Pentecoste)

O PRECE iniciou um trabalho de desenvolvimento político, de educação política somente a partir de 2004. Vale salientar que a multiplicação do PRECE e a formação de uma rede de associações voluntárias tem seu início em 2002. Até esse ano o PRECE era somente uma experiência enclausurada em uma comunidade rural.

Amaral Filho assinala a importância das associações voluntárias, e não verticais “(...) as primeiras criam redes de solidariedade e desenvolvem relações generalizadas de reciprocidade, facilitando a cooperação espontânea e criando antídotos contra o clientelismo e o oportunismo” (Amaral Filho,2000,p.9).

Em 2005 é formado um grupo de pessoas na rede para discutir uma participação mais ativa do PRECE do ponto de vista de ações políticas nas comunidades. Os estudantes decidiram que o PRECE deveria trabalhar, além dos assuntos direcionados ao vestibular, a formação política nas associações estudantis (EPC's) que compõem a rede. Nesse período é reativado um programa de rádio, apresentado na década de 90 pelo professor idealizador do PRECE, Manoel Andrade Neto, o Programa Radiofônico Coração de Estudante. Essa ação é de grande importância para a rede. Os estudantes assumem a apresentação do

programa que passa a ser o principal veículo de informações, tanto políticas como educacionais, junto às comunidades.

Um outro projeto importante criado pelos estudantes é o Observatório do Eleitor, um projeto de fiscalização e monitoramento das ações do Legislativo. Um grupo de estudantes participa assiduamente das sessões da Câmara Municipal de Pentecoste colhendo informações sobre projetos a serem votados e implementados e a ação parlamentar de seus representantes. Essas informações são divulgadas às comunidades através do Programa Radiofônico Coração de Estudante, que funciona em uma rádio local.

Uma ação política que colaborou inclusive para intensificar o grau de confiança das comunidades em relação à rede PRECE foi o Fórum de Segurança encabeçado pelo Programa de Controle Social e Governança da rede em 2006 (ver tabela 14). Nesse período estava ocorrendo uma série de roubos e furtos de criações e maquinarias de produtores nas comunidades rurais de Pentecoste. O PRECE articulou produtores, estudantes, autoridades políticas e da área de segurança pública, presidentes de associações e populares na realização de Fóruns de Segurança na comunidade rural de Cipó. As discussões desse fórum originaram o primeiro Conselho Municipal criado com a participação direta da sociedade civil organizada no município de Pentecoste. Após as discussões e debates no Fórum de Segurança e a criação do Conselho Municipal de Segurança, as ocorrências de roubos e furtos nas comunidades rurais diminuíram. A importância do Fórum foi relatada por uma das entrevistadas: “mexeu muito com a comunidade, envolveu não somente os estudantes, mas os pais, agricultores, políticos. O PRECE não está preocupado só com a educação. O fórum uniu”.

Em Pentecoste os conselhos municipais, órgãos diretos de controle social, não atuam de maneira satisfatória. Vejamos o que disse na entrevista uma conselheira:

“Os conselhos infelizmente eles não fazem o papel do conselho, o que o conselho deveria fazer, infelizmente, mas de certa forma houve uma pequena mudança, porque, por exemplo, hoje no Conselho de Segurança Pública nós temos hoje membros que são do PRECE, nós temos duas pessoas do sindicato, então nunca houve em conselhos anteriores pessoas que tinham uma visão diferenciada da administração, geralmente os conselhos eles eram compostos pela administração, por pessoas indicadas pela administração, por isso não acontecia nada, então hoje tanto o PRECE como o sindicato que faz esse controle social, que tem uma visão diferenciada da administração pública, nós estamos no Conselho de Segurança Pública, no Conselho da Merenda Escolar, nós estamos no Conselho do FUNDEB, então assim, de certa

forma, nós estamos começando a mudar um pouco(...),eu como Presidente do Conselho do FUNDEB hoje, eu tenho uma grande dificuldade, porque apesar de estar no conselho do FUNDEB a administração pública ela tem a sua maioria, por sinal tinha uma mamãe de família que representava os pais no conselho, ela não era da administração, mas já recebeu um convite pra arranjar um emprego na administração pública, já me disse que vai sair do conselho, então, eles tem um poder e eles conseguem fazer uma série de manobras, que tipo de poder eu falo, poder político, financeiro mesmo, que a partir do momento que ele oferece emprego, oportunidade de dinheiro, as pessoas não pensam duas vezes, infelizmente. Então assim é isso que acontece hoje nos conselhos do município, mas de qualquer forma só o fato de pessoas que representam o PRECE, pessoas do sindicato estarem envolvidas, pensam diferente da administração, já são grandes passos, provavelmente nós na próxima gestão dos outros conselhos a gente possa fazer um trabalho melhor” (Claúdia Melo, professora da rede pública, Presidente do SINDSEP, Presidente do Conselho do FUNDEB)

A iniciativa do Movimento em Defesa da Escola Pública foi a principal ação da rede no que diz respeito à participação cívica. Criado paralelo às eleições municipais de 2008, o PRECE articulou entidades da sociedade civil organizada para reivindicar junto aos candidatos a prefeito uma série de demandas importantes relacionados à melhoria do ensino público. Ao mesmo tempo, o PRECE articulou uma parceria com a Justiça Eleitoral no combate à corrupção nas eleições. Assim tem buscado ampliar a rede de conexões com outras entidades e reforçar os laços de participação e engajamento cívico.

A criação do Movimento em Defesa da Escola Pública foi a ação que mais intensificou o grau de confiança das comunidades em relação à rede PRECE (ver Tabela 14). Alguns entrevistados responderam diretamente a causa dessa confiança, a resposta de um dos entrevistados evidencia o que estamos relatando: “quando começamos a intervir na política, através de atividades de formação (debates, entrevistas, etc) pautar o enfoque em defesa da escola pública democrática e de qualidade, a confiança melhorou”.

Um outro ponto que denota o engajamento cívico da rede foi quando perguntamos aos entrevistados quais as principais atividades desenvolvidas nos últimos 12 meses. As principais atividades foram relacionadas ao Programa de Controle Social e Governança: Debates e entrevistas com os candidatos à prefeitos nas últimas eleições municipais, uma ação do Movimento em Defesa da Escola Pública, transmitido ao vivo para todo o município através do Programa Radiofônico do PRECE; outras ações do Movimento em Defesa da Escola Pública

(fóruns, divulgações, panfletagens); a Audiência Pública do PRECE na Câmara Municipal de Pentecoste. (ver tabela 17). Foram citados também o Observatório do Eleitor, o programa Radiofônico Coração de Estudante e o lançamento oficial do Movimento na comunidade rural de Cipó.

O Movimento em Defesa da Escola Pública vêm intensificando suas ações junto às Centrais de Associações Comunitárias do município. O objetivo é minar a influência de políticos locais que buscam utilizar as associações como “trampolim” político. Além de contribuir com o planejamento e fortalecimento da gestão das associações. Na COAMPE (Central das Organizações Associativas do Município de Pentecoste) que congrega 35 associações, o PRECE vem há dois anos colaborando com membros da rede participando das reuniões de planejamento e contribuindo com a parte contábil das associações. Na UAVRC (União do Vale do Rio Canindé) que congrega 13 associações na região, o PRECE desenvolve um Projeto de Fortalecimento da Gestão Comunitária das associações com participação ativa através de visitas às comunidades e participando das assembléias extraordinárias, além de cursos na área de gestão. A pesquisa demonstrou que 71,42% dos entrevistados afirmam haver uma relação próxima da rede com outros grupos, sendo que, 42,85% afirmaram que essa relação ocorre freqüentemente (ver tabela 9). A pesquisa demonstrou, também, um nível satisfatório de confiança desses grupos em relação à rede PRECE. Esse fato pode ser comprovado na entrevista com um líder comunitário:

“A parceria do PRECE a cada dia que passa, vem engrandecendo tanto as associações como outros movimentos do município de Pentecoste, já que é um movimento que está em benefício da escola pública de Pentecoste. Lá na COAMPE nós temos a participação do NAJUCOM (Núcleo de Assessoria Jurídica e Contábil) que foi formado no PRECE, e temos a parceria da ADEL que também foi formado no PRECE, junto com o Adriano e o Wagner que ta com uma parceria muito boa conosco lá e está dando certo. Eu analiso como uma parceria positiva que vai nos engrandecer, nos ajudar bastante na COAMPE. Eu já participei do PRECE quando era no Cipó, quando tinha poucos estudantes lá, também já vi a metodologia, uma metodologia diferente de trabalho, e o PRECE cada dia que passa ta engrandecendo mais, ta valorizando muito o município de Pentecoste, deixando as pessoas com mais capacidade crítica, de pensamento, dando oportunidade para aquelas pessoas que não tinha condição de um dia de cursar uma faculdade e hoje estão na universidade cursando uma faculdade gratuita graças ao PRECE”.
(Carlos Antônio dos Santos - Presidente da COAMPE, Presidente da Associação de Malhada, Professor da rede pública municipal).

No Movimento em Defesa da Escola Pública, o PRECE juntamente com outras entidades, elaborou um manifesto com propostas aos candidatos a prefeito relacionadas à melhoria do ensino público (política de formação e qualificação dos professores, implementação do piso nacional, reformulação do plano de cargos e carreiras, efetivação do Conselho Municipal de Educação, etc) a serem implementadas pelo candidato eleito. Foi elaborado também um abaixo assinado de apoio popular ao Movimento que contou com mais de três mil assinaturas de pessoas das comunidades.

A relação da rede PRECE com outras entidades se trata de uma expansão do capital social para além das fronteiras da rede. Além de gerar reciprocidade, identidades mais abrangentes, criar laços de conectividade entre diferentes grupos sociais, possibilita a ampliação das demandas e ações. A rede PRECE colabora no apoio às demandas e reivindicações importantes que dizem respeito não só educação, na luta por uma escola pública de qualidade, mas na valorização do servidor público, no apoio ao produtor rural e aos presidentes de associação nas comunidades, além das questões relacionadas à segurança pública.

A rede PRECE desenvolve um importante trabalho de formação política com os estudantes nas Escolas Populares Cooperativas. Os estudantes educados politicamente levam essas informações direto para as reuniões das Centrais de Associações. O Programa Radiofônico realiza um importante trabalho no sentido de promover debates e discussões sobre formação política cidadã. Os estudantes do PRECE participam de cursos de controle social e formação política, além de encontros de temas afins. A rede atualmente tem uma parceria com a Associação Cearense Escola de Formação de Governantes do Estado do Ceará. Através da parceria entre o Movimento em Defesa da Escola Pública e a Escola de Formação de Governantes estão sendo desenvolvidos esse ano o Ciclo de Debates: “Construindo o Município que Queremos”, um espaço de discussões e debates contando com a participação de especialistas em temáticas sobre o desenvolvimento local. O ciclo ocorre quinzenalmente em Pentecoste e conta com a participação de estudantes, professores, presidentes de associações, líderes comunitários e população em geral. O ciclo é transmitido ao vivo pela rádio local. Convém observarmos a opinião de um líder comunitário local sobre o trabalho desenvolvido no PRECE:

“Eu acho que além do PRECE ser uma entidade que tem dado uma colaboração muito grande na questão da educação no município de Pentecoste, acho que o PRECE também com esse trabalho que vem sendo feito no Movimento em Defesa da Escola Pública e de todo esse movimento nas associações e junto com as entidades, eu acho que o PRECE ta servindo também pra abrir a mente, pra clarear a mente das pessoas o que são seus direitos, você ver que a gente participa em defesa desse movimento, em defesa da escola pública, um movimento como esse aqui das associações do rio Canindé, e a gente ver que as pessoas hoje estão abrindo a mente o que é, quais são os seus direitos, direito à saúde, direito à segurança, direito à moradia, á vida, á escola, (...) eu acho que o PRECE vem contribuindo muito pra que a política, como se diz política, não é a politicagem mas sim política, a política é aquela coisa, que tudo é política, é a política social, é a política partidária, todo cidadão é político, então eu acho que o PRECE tem feito muito pra que essa política melhore”. (**Valdemir Almeida Marques** - agricultor, presidente da associação da comunidade de Capivara, Presidente do Conselho Municipal de Segurança, membro e representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais no Movimento em Defesa da Escola Pública).

Segundo líderes comunitários da rede, o PRECE é o movimento social que mais tem contribuído para a organização comunitária no município. Além disso, o trabalho de educação política que o PRECE realiza nas comunidades incomoda a classe política. Os laços de pertença à comunidade, o engajamento cívico, o trabalho de educação política fortalecem a ação política. A própria cultura política enraizada em vícios e práticas tradicionais favorece esse tipo de ação de contestação ao *status quo* vigente.

Na pesquisa abordamos uma visão que transcende o capital social, a questão do empoderamento, a capacidade das pessoas em tomar parte, influenciar, reivindicar, controlar e responsabilizar instituições que afetam suas vidas, de se emancipar. A ação política é uma das atitudes que aumentam esse empoderamento. O empoderamento se define, também, como uma habilidade para tomar decisões que afetam as atividades cotidianas e podem mudar o curso de vida das pessoas. Na pesquisa relacionamos esse empoderamento à questão da emancipação e ação política. Quando indagamos aos entrevistados qual o poder que eles têm de tomar

decisões que mudem sua vida, 55% afirmaram serem capazes de tomar tais decisões. Importante salientar que nenhum dos entrevistados afirmou não ter a habilidade de tomar tais decisões. Conforme tabela 21.

Tabela 21. Poder de Tomada de Decisão do(s) Membro(s) DO Grupo(s)

Poder de tomar decisão que mude sua vida	Qt. cit.	Freq.
Totalmente incapaz de mudar minha vida	0	0 %
Geralmente incapaz de mudar minha vida	0	0 %
Nem capaz, nem incapaz	2	5 %
Geralmente capaz de mudar minha vida	16	40 %
Totalmente capaz de mudar minha vida	22	55 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

A ação política é um meio de aumentar a habilidade para tomar decisão que afetam as atividades cotidianas e mudam o curso de vida das pessoas. Uma ação política importante que denota a participação ativa dos estudantes no que diz respeito à luta por seus direitos foi a iniciativa de reivindicar junto ao poder público um recurso, uma emenda junto ao orçamento público destinada à assistência estudantil. Os estudantes já participam das sessões da Câmara através do projeto Observatório do Eleitor, entretanto, há dois anos seguidos, que os estudantes vem, através da mobilização, realizando manifestações na Câmara, reivindicando junto aos vereadores a aprovação da emenda e junto ao prefeito sua execução. Vale ressaltar que esse recurso é destinado ao transporte dos universitários da rede PRECE de Fortaleza à Pentecoste aos finais de semana para desenvolver os projetos sociais nas comunidades. Interessante salientar que a manutenção dos projetos sociais da rede não é um benefício individual, mas sim, coletivo. Basta observar nos dados sobre a rede PRECE (ver subtítulo 2.1), a rede beneficia diretamente através de seus projetos 642 estudantes de 33 comunidades e 42 produtores rurais de 16 comunidades do município de Pentecoste. Um outro dado que podemos observar é que dos mais de 150 estudantes de origem popular que

ingressaram na universidade através da rede PRECE, 138 destes retornam aos finais de semana para desenvolver projetos sociais nas comunidades de Pentecoste. Em entrevista, um líder comunitário fala sobre o retorno dos estudantes à sua região:

“Eu vejo o PRECE hoje como uma das instituições não-governamental mais importantes na nossa região, porque é do PRECE que sai as lideranças comunitárias, eu tô vendo hoje que o PRECE está lançando uma parte muito bem informada pro seu aluno, o aluno do PRECE hoje quando termina sua faculdade ele está com a vista voltada para sua região, então isso é muito importante porque só tem a ganhar a nossa região, uma região de pessoas carentes, uma região de pessoas analfabetas, então seus filhos hoje eles vão na universidade e voltam para atuar na sua região (...) é o PRECE que sabe, que descobre o capital humano, por que hoje você criar liderança capacitada pra desenvolver um trabalho na comunidade não é muito fácil, e é exatamente o PRECE que faz isso, o PRECE eu considero um centro de pesquisa de capital humano” (Gilberto Bezerra da Costa, agricultor, sócio fundador da UAVRC, primeiro Presidente da União, representante da UAVRC no Conselho Municipal de Segurança, Presidente da Associação Comunitária da comunidade de Canafístula).

Na pesquisa inquirimos aos entrevistados quantas vezes, nesses últimos 12 meses, as pessoas dos seu(s) grupo(s) se reuniram para reivindicar junto ao governo local melhorias em benefício das comunidades. Os entrevistados afirmaram que 65% das pessoas já reivindicaram junto ao poder público melhorias para as comunidades, 35% já realizou tal feito algumas vezes. Interessante salientar que nenhum entrevistado afirmou de alguém de seus grupos não ter realizado alguma reivindicação. Os dados demonstram um elevado nível de participação política, o potencial emancipatório do PRECE através do protagonismo e do engajamento cívico dos membros que compõem a rede. Conforme tabela 22.

Tabela 22. Mobilização das Pessoas do(s) Grupo(s) para Reivindicar Junto ao Governo Local Melhorias em Benefício(s) das Comunidades(s)

Reivindicações/petições ao governo	Qt. cit.	Freq.
Nunca	0	0 %
Uma vez	0	0 %
Algumas vezes	14	35 %
Muitas vezes	26	65 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Perguntamos aos entrevistados sobre o sucesso dessas reivindicações e petições junto ao governo. Muitos deles afirmaram (50%) que as reivindicações

obtiveram sucesso. Estes, mesmo o governo local não executando às demandas, enxergavam nas mobilizações e manifestações um espaço e exercício de formação política para os estudantes no que tange ao exercício da cidadania. Interessante notar que, 47,5% dos entrevistados afirmaram que a maioria não teve sucesso. Estes, estavam frustrados com a não execução das demandas, principalmente relacionadas à melhoria da escola pública, postas no manifesto elaborado pelo Movimento em Defesa da Escola Pública. Conforme tabela 23.

Tabela 23. Sucesso das Reivindicações/Petições da rede nos últimos 12 meses

Sucesso das reivindicações/petições	Qt. cit.	Freq.
Sim, todas tiveram sucesso	1	2,5 %
A maioria teve sucesso	20	50 %
A maioria não teve sucesso	19	47,5 %
Nenhuma teve sucesso	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Em entrevista, o pedagogo Ednaldo Firmiano, que desenvolve ações educacionais e de formação política numa EPC da rede, o PRECE, além da influência positiva nas escolas rurais, influencia na questão política com a realização de fóruns educacionais nas comunidades. “Não está nas estatísticas, ou seja, não é possível enxergar de forma quantitativa, mas qualitativa”. Segundo o pedagogo, Edílson da Costa, que desenvolve trabalho no Programa de Controle Social e Governança da rede, não existe nenhuma pesquisa científica que comprove tal fato, mas “o PRECE, no campo da educação influencia na cultura educacional do município, um maior interesse da população para lutar por uma educação pública de qualidade”.

Uma outra reivindicação na emenda destinada à assistência estudantil se refere ao aluguel de uma residência universitária em Fortaleza. Ednaldo afirma que 25 a 30% dos residentes universitários da Universidade Federal do Ceará são do PRECE. O Programa de Assistência Estudantil da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFC já não consegue comportar o número de estudantes, que mesmo estando no perfil sócio-econômico, correm o risco de não obter o auxílio de residência universitária, já que o programa atende estudantes de todo o Estado do

Ceará. Daí a demanda dos estudantes para que se tenha um recurso público destinado ao transporte e aluguel de uma casa para servir de residência universitária em Fortaleza.

O sucesso do impacto de estudantes de origem popular na universidade pública através do PRECE gera um paradoxo: estudantes carentes que conseguem romper o paradigma de conseguir aprovação no vestibular de uma das universidades mais concorridas do Norte-Nordeste, correm o risco de não conseguirem cursar um ensino superior pela falta de condições da própria universidade de assisti-los, ou simplesmente, pela falta de vontade política do poder público municipal de Pentecoste, mesmo com todo o trabalho desenvolvido pelo PRECE nas comunidades do município de forma voluntária há quinze anos.

Ao longo de 2009, mesmo a emenda tendo sido aprovada na Câmara Municipal pelos vereadores, a administração só havia executado, em parte, a demanda. Haja vista que a casa para servir de residência não foi alugada. Após o Sr. João Bosco ter sido reeleito prefeito de Pentecoste, cortou todos os canais de diálogo com os estudantes, os quais, para conseguirem algum benefício em prol das comunidades precisam partir para mobilização e manifestação popular, ou seja, uma ação política ativista.

A relação com o governo local não é das melhores. Segundo lideranças do PRECE, o poder emancipatório da rede incomoda o *modus operandi* de se fazer política em Pentecoste. Essa questão é bem retratada na entrevista com o pedagogo Edílson da Costa:

“Um município dominado por oligarquias e com vícios políticos enraizados. O PRECE surge no anonimato e à margem. Depois do crescimento e dos resultados no campo da educação, a partir de 2005 começa um trabalho de desenvolvimento político e o PRECE começa a pautar que tipo de projeto queremos para o município. Passa a incomodar indiretamente a classe política. A atual gestão não são nossos parceiros. Temos muitos aliados, mas também temos ‘inimigos’. Os ‘inimigos’ é que têm comandado a gestão pública do município. Não querem caminhar com o PRECE no seu projeto para o município”.

Na pesquisa questionamos os entrevistados até que ponto o governo local e as lideranças políticas locais levam em consideração as preocupações

manifestadas pelos membros dos grupos da rede PRECE, quando realizam ações políticas, quando tomam decisões que afetam a todos. Para 55% dos entrevistados o governo leva pouco em consideração e 42,5% afirmaram que o governo local não leva em consideração. Conforme Tabela 24.

Tabela 24 – Consideração do governo local em relação às preocupações manifestadas pelo PRECE quando realizam ações e tomam decisões que afetam a todos

Consideração do governo e líderes locais	Qt. cit.	Freq.
Muito	1	2,5 %
Um pouco	22	55 %
Não leva em consideração	17	42,5 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta – Maio/Junho de 20

Na relação com o poder público, com os vereadores, existe um diálogo. Com as manifestações na Câmara, ou seja, com a atuação dos grupos de “pressão” da rede, as demandas são aprovadas. O mesmo não se pode dizer da relação com o executivo, que insiste em não abrir canais de diálogos com a rede. Interessante notar como se configura o capital social institucional, na visão de Monastério, ou seja, aquele que descreve as relações entre a sociedade civil e o Estado, ou melhor, as ligações verticais entre os pobres e as pessoas que ocupantes de posto de decisão em organizações formais, laços com indivíduos que estejam em posição de autoridade, isto é, que podem intermediar recursos adicionais para o desenvolvimento da comunidade. Na rede PRECE, esse também chamado capital social de conexão, não é abundante, o que dificulta o intermédio de recursos para o desenvolvimento das comunidades.

O fomento ao exercício do civismo, presente nas ações do Programa de Controle Social da rede PRECE, poderia ser visualizado sob a ótica do que escreveu Putnam (2002). O autor infere que, quanto maior for o sistema de participação cívica em determinada comunidade, maior a probabilidade de haver uma cooperação mútua entre seus integrantes. Para Putnam a densidade de associações e a existência de laços de reciprocidade são premissas de uma democracia ativa e um engajamento cívico efetivo. Putnam sustenta a hipótese de

que a cultura cívica exige níveis elevados de confiança interpessoal, ou seja, quanto mais confiança, mais gregários são os indivíduos, mais associativa são as comunidades, mais politizados e envolvidos são seus membros e, conseqüentemente, a democracia se torna mais estável. Robert Putman, afirma que “uma comunidade cívica tem sua união mantida através de relações horizontais de reciprocidade e cooperação entre cidadãos e não por relações verticais de dependência e autoridade” Putnam (2000, p.102). Nesse sentido Putnam traz uma importante contribuição para o estudo em questão.

Entretanto, afirma que existem mecanismos de retroalimentação que reforçariam constantemente as normas e comportamentos existentes ao longo do tempo e em ciclos intermináveis, levando todo o sistema sociocultural a um equilíbrio positivo, de acumulação de capital social, ou a um equilíbrio negativo, o de sociedade ‘acívica’. Nesse sentido se apóia num excessivo determinismo cultural. Jawdat Abu-El-Haj, em sua interessante crítica sobre o capital social, nos mostra como o ponto de vista de Putnam acaba sendo de profundo ceticismo:

“associando as possibilidades de avanço democrático à existência de ingredientes culturais naturais a certas sociedades, o autor destitui a grande maioria dos países em desenvolvimento da possibilidade de alcançar a civilidade”. (Abu-El-Haj, 1999:71).

Importante destacar que esse estudo não se baseia nessa visão determinista mas, numa manifestação ativa de capital social em um município dominado por oligarquias e com vícios políticos enraizados como o clientelismo. Nossa abordagem é a de promover uma reflexão do capital social como fator de transformação, não apenas em espaços comunitários favoráveis à participação, mas, também, em um ambiente desfavorável politicamente ao desenvolvimento, como é o caso de Pentecoste.

Segundo Baquero (2004, p.169), o tema do capital social tem se institucionalizado como tema de assunto das Ciências Políticas. Os estudos sobre capital social nessa área se refere ao conjunto de esforços (institucional, político, cultural e econômico) que procuram viabilizar uma ação mais qualificada e coletiva por parte das pessoas. São as chamadas novas formas de organização cidadã nas quais figura o capital social, estruturado na forma de redes sociais que não só empoderam o indivíduo, mas agem no sentido de promover a ação coletiva. São as

chamadas redes sociais de engajamento cívico, são fundamentais no sentido de possibilitarem a criação de normas de reciprocidade generalizada, estimulam a confiança social, e além de facilitar a informação e a comunicação, reduzem os dilemas da ação coletiva.

Mesmo com o caráter multidimensional do conceito de capital social, as teorias sobre o tema convergem para o princípio de que, segundo Marcelo Baquero (2004, p.170):

“este conceito implica a existência de um conjunto de expectativas institucionalizadas de que os cidadãos serão recíprocos em atividades cooperativas. Associada a este princípio, está a idéia de fortalecer a democracia, promover a cidadania ativa, fomentar formas alternativas de participação política e institucionalizar a democracia participativa”.

Podemos citar a experiência da rede PRECE no município de Pentecoste como uma rede social de engajamento cívico na perspectiva de contribuir para a construção de uma cultura política de participação popular. Ao mesmo tempo, contribuir para expurgar vícios políticos e práticas tradicionais como o clientelismo, colaborando para uma comunidade de eleitores mais politizados, governos mais eficientes, contribuindo, sobremaneira, para o fortalecimento da democracia.

3.2 - Rede PRECE – Uma experiência de desenvolvimento comunitário e indução na perspectiva de desenvolvimento local

No final da década de 90, Woolcock (1999, 2002) observou que a temática do capital social começou a fazer parte da literatura que enfatiza o papel das instituições e organizações comunitárias no desenvolvimento. Para o autor, as propostas de desenvolvimento devem investir em normas e redes que gerem conseqüências positivas, combatendo as negativas, propiciando que as pessoas tenham acesso a recursos-chave. Para Castilhos (2002, p.09), “a expressão capital social procura dar significado, essencialmente, à importância da presença e da ‘qualidade’ das relações sociais para o desencadeamento do processo de desenvolvimento”.

Parte de Amartya Sen, prêmio Nobel de Economia, uma das definições mais belas de desenvolvimento. Em sua obra “Desenvolvimento enquanto liberdade” Sen aborda, primeiramente, duas visões antagônicas de desenvolvimento, uma que sustenta que o desenvolvimento é um processo envolvido necessariamente em “sangue, suor e lágrimas” (Sen, 1999:35), ou seja, acumular riqueza o mais rápido possível para satisfazer o sacrifício imediato do bem-estar. E a outra abordagem, onde Sen afirma que o desenvolvimento é um processo “essencialmente amigável” “pode ser exemplificado por coisas como trocas ou pelo trabalho de redes de segurança social, ou por liberdades políticas ou por desenvolvimento social – ou uma ou outra combinação destas atividades de apoio” (Sen, 1999:34, 35). Para o autor é fundamental ampliar a capacidade de realização das atividades livremente escolhidas e valorizadas por cada sujeito do desenvolvimento; portanto, o desenvolvimento não é consequência automática do crescimento econômico. Ele deve “ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam” (Sen, 2000, p.17). Daí decorre uma das mais significativas definições de desenvolvimento: é o aumento da capacidade de os indivíduos fazerem escolhas.

Franco também comunga da idéias que desenvolvimento implica sempre uma ampliação da esfera da liberdade humana. Pode haver crescimento econômico sem mais-liberdade, mas não pode haver desenvolvimento. Ao contrário do que pensam muitos técnicos de instituições de fomento e de apoio ao desenvolvimento, este tem tudo a ver com liberdade.

“o essencial é devolver às pessoas a capacidade de sonhar e de correr atrás dos próprios sonhos e fortalecer a sua capacidade de comunidade, quer dizer, de compartilhar seus sonhos e de cooperar na busca de objetivos comuns, exercendo seu protagonismo para alavancar seus próprios recursos na solução de problemas locais, conectando-se horizontalmente em rede, democratizando decisões e procedimentos e inaugurando novos processos participativos de caráter público” (FRANCO, 2004:96)

Segundo Franco (2004: 96), da mesma forma que há um potencial humano que precisa de liberdade individual, existe, também, um potencial social que necessita de liberdade coletiva para ser desenvolvido.

A metodologia de análise de redes sociais vem se difundindo rapidamente nos últimos anos, trazendo contribuições significativas para a

compreensão do papel do capital social no desenvolvimento. As chamadas redes sociais de desenvolvimento comunitários são organizações autônomas e horizontalizadas pautadas pela ética, onde a participação é incentivada e o protagonismo é desenvolvido.

A rede PRECE em Pentecoste atua como uma rede social de desenvolvimento comunitário, através de suas associações estudantis voluntárias onde o protagonismo juvenil é promovido, estruturadas a partir de estoques de capital social cognitivo, ou seja, relações de confiança mútua e normas de reciprocidade entre seus membros na consecução de objetivos comuns.

Para se entender desenvolvimento comunitário é preciso analisar por que determinada comunidade não consegue se desenvolver, quais são os entraves. O que está acontecendo para que as pessoas não tomem iniciativas coletivas na promoção de seu desenvolvimento.

A definição de capital social de Holanda (2003) nos remete para a realidade do nosso estudo, ou seja, perspectiva de desenvolvimento no semi-árido nordestino, haja vista que esse autor desenvolveu uma importante pesquisa sobre capital social na agricultura familiar em assentamentos rurais numa região do Estado do Ceará.

“Capital social é um instrumento capaz de criar um processo de empoderamento à medida que fortalece laços de coesão, cria espaços de socialização de conhecimentos e informações, fortalece a auto-estima dos indivíduos credibilizando-os para a construção do auto-desenvolvimento” (HOLANDA, 2003, p. 20)

Na rede PRECE as pessoas acreditam nas outras e confiam uma nas outras quando decidem fazer juntas uma coisa qualquer. O capital social é essa “força” social que impele, empodera as pessoas para agirem de forma cooperativa na construção do autodesenvolvimento. O PRECE busca expandir o capital social para além das fronteiras da rede, gerando reciprocidade, identidades mais abrangentes, criando laços de conectividade entre diferentes grupos sociais. Pois se ampliarmos as redes sociais e, concomitantemente, houver processos democrático-participativos (fóruns, conselhos, com a participação das organizações da sociedade civil organizada, de pessoas do governo e das agências de desenvolvimento) certamente o nível de capital social será elevado. Pois quanto mais rede e democracia participativa houver, maior será o fluxo de capital social de uma comunidade. Franco exemplifica muito bem essa afirmativa:

“Ora, quanto menor o capital social de uma localidade, menor o seu desenvolvimento. Aqui não tem erro nem exceção. Uma localidade com nível insuficiente de capital social também terá um nível insuficiente de desenvolvimento. Não importa se você levar para essa localidade uma empresa enorme, que dê emprego para todas as pessoas. Do ponto de vista do desenvolvimento essas pessoas continuarão pobres e a localidade continuará pobre. Porque, desse ponto de vista – e ao contrário do que tanto se repete –, pobreza não é insuficiência de renda e sim insuficiência de desenvolvimento” (FRANCO, 2004:19).

Um dos grandes entraves ao desenvolvimento em Pentecoste diz respeito a como o sistema político é engendrado. Sistemas políticos organizados de forma autocrática, de forma vertical, só conseguem se manter desativando a participação política e o protagonismo. Nesse sentido, o clientelismo é uma das práticas que corroem e exterminam o capital social. Para haver desenvolvimento comunitário é preciso investir em capital social. É preciso que se crie uma ambiência necessária para que o capital social seja reproduzido. Se impedimos a participação democrática, então o capital social deixa de ser produzido espontaneamente em quantidade e qualidade necessária para construir uma comunidade bem desenvolvida. Dessa maneira, a cooperação não se amplia e nem se reproduz socialmente.

Se, no município, o governo é centralizador e clientelista, certamente o capital social deixará de se reproduzir em quantidade e qualidade para promover o desenvolvimento comunitário, pois está sendo inviabilizada a ampliação social da cooperação. Entretanto, se estimularmos a existência de redes sociais e processos democráticos participativos, o capital social vai se acumular e se expandir e, conseqüentemente, teremos perspectivas de desenvolvimento comunitário.

Se as pessoas não se organizam e não tomam iniciativas coletivas na promoção de seu desenvolvimento, se ficam paralisadas esperando benefícios de um “poder maior”, então elas não vão se desenvolver nem individual, nem coletivamente. É exatamente nisso que apostam governos autocráticos e clientelistas. Que as pessoas continuem “mendigando” ou mesmo esperando por um intermediário de alguém que atue e despache os recursos públicos. É uma espécie de apadrinhamento em troca de benefícios como votos e outros tipos de apoio que são necessários para quem quer se manter no poder. A cultura da troca de favores aliada à sujeição agradecida que extermina a possibilidade das pessoas atuarem em redes e conseqüentemente, a geração de capital social.

A rede PRECE busca romper com esse sistema político que está enraizado e faz parte da cultura política de Pentecoste. O PRECE busca criar conectividades com outros grupos sociais e assim ampliar e fortalecer as redes sociais de desenvolvimento comunitário. Ao mesmo tempo, criar espaços democráticos participativos, como é o caso do Ciclo de debates “Construindo o Município que Queremos” com a participação de estudantes, professores e lideranças comunitárias, um espaço de discussão de temáticas importantes sobre o desenvolvimento local. Além de fóruns educacionais nas comunidades. O PRECE, através da participação política e do protagonismo, busca ampliar e fortalecer as redes sociais e promover processos democráticos participativos.

Na questão da colaboração da rede PRECE na indução do desenvolvimento local, importante observar o papel da educação como requisito para o desenvolvimento local. Uma educação transformadora e emancipatória no sentido de reinvestir o capital intelectual nas comunidades, a formação humanística, as modernas tecnologias, todo o conhecimento adquirido na universidade, não para serem apropriadas pelo grande capital, mas para estar a serviço das classes populares nas comunidades.

Antes de qualquer coisa é preciso saber de que se trata esse desenvolvimento local. Trata-se da busca por um desenvolvimento local, integrado e sustentável, de tornar dinâmicas as vantagens e potencialidades de cada comunidade, de modo a não somente desenvolver o crescimento econômico, mas de forma simultânea, elevar o capital humano, o capital social e a governança, sem esquecer do uso sustentável do capital natural.

Quando iniciou a discussão sobre desenvolvimento local alguns intelectuais teceram críticas apontando o risco de se pensar o desenvolvimento local de forma autônoma e independentemente de estratégias de desenvolvimento nacional e internacional. Argumentavam que não era possível pensar desenvolvimento econômico sem uma interdependência, por exemplo, com políticas nacionais de ciência e tecnologia ou mesmo com as mudanças no contexto mundial no liberalismo econômico.

Entretanto, o desenvolvimento local ganha força com o processo de globalização econômica, pois ele pode ser o contra-ponto da diversidade frente a um contexto onde os meios e conteúdos são cada vez mais uniformizados. Segundo Milani (2004, p.11), “o local pode ser emancipatório, se tornar fonte de

novas utopias e apresentar potencial transformador”. Essa visão se aproxima da visão de Sen (2000) onde é fundamental ampliar a capacidade de realização das atividades livremente escolhidas e valorizadas por cada sujeito do desenvolvimento; portanto, o desenvolvimento não é consequência automática do crescimento econômico. O desenvolvimento local pensado como potencial de transformação social responde esse critério de Amartya Sen.

Segundo Silveira (2001, p.31) o desenvolvimento local pode se tornar uma importante ferramenta de análise quando posto em relação com as lógicas da desigualdade, quando associado à hipótese de que as dinâmicas geradoras de desigualdade e exclusão não podem ser desconstruídas exclusivamente pelo alto. Se analisarmos o Estado do Ceará, por exemplo, a marca da desigualdade e da concentração de renda atinge dados alarmantes: 10 dos 184 municípios do Estado são responsáveis por 67% do seu Produto Interno Bruto – PIB (IPECE, 2004).

“O desenvolvimento local pode ser visto como um foco de intervenção no contexto da crise do desenvolvimento em condições de desigualdade e pobreza, visando a reconstrução das políticas e das ações a partir das potencialidades endógenas e das brechas do local, além de se caracterizar no território, em torno de três dimensões interligadas: a formação do capital humano, o desenvolvimento produtivo do território e a concentração participativa para gestão do desenvolvimento”. (SILVEIRA, 2001, p. 26).

Portanto, é preciso compreender a dimensão local como espaço geográfico, sujeito às ações sociais nos territórios. Nesse sentido, o local pode ser entendido como qualquer recorte sócio-territorial delimitado por uma característica eletiva definidora de identidades (regiões, distritos, municípios, cadeias produtivas, grupos étnicos).

A tônica é o surgimento de contextos setorializados de desenvolvimento local através do aparecimento de várias experiências de desenvolvimento em curso no momento: desenvolvimento econômico local, desenvolvimento local sustentável, Agenda 21 Local, sistemas sócio-produtivos e redes de sócio-economia solidárias. A rede PRECE se configura como uma dessas experiências dita localizada de desenvolvimento. A própria ADEL (Agência de Desenvolvimento Econômico Local) se inclui nesse contexto. Uma agência criada a partir do PRECE, que presta serviços de promoção e desenvolvimento econômico, assessoria técnica, microcrédito, capacitação e gestão de projetos e pequenos

empreendimentos, ao mesmo tempo em que fomenta a transformação dos municípios onde atua criando oportunidades de emprego e gerando renda para habitantes da micro região do Médio Curú no Estado do Ceará.

O novo modelo difundido DLIS (Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável), um novo conceito de desenvolvimento, com uma nova estratégia de indução do desenvolvimento local, parte do pressuposto que o crescimento econômico pode até ser necessário, mais não é suficiente. O desenvolvimento deve está relacionado à melhoria da qualidade de vida das pessoas de forma integrada e sustentável.

O desenvolvimento deve ser “integrado”, no sentido que é necessário uma articulação entre todos os atores que atuam no âmbito local (governo, sociedade civil organizada, agências de desenvolvimento, setores produtivos). Necessário, também, uma articulação entre fatores que interferem no desenvolvimento, ou seja, fatores sociais, culturais, econômicos, físico-territoriais, políticos-institucionais, científico-tecnológicos. (PAULA, 2008).

A ADEL, Agência de Desenvolvimento Econômico local ligada à rede PRECE, que atua em quatro municípios cearenses, segue essa perspectiva do desenvolvimento integrado, se articulando com setores produtivos, bancos de fomento, instituições do terceiro setor, governos locais, universidade e sociedade civil organizada, com o objetivo de gerar desenvolvimento sustentável no semi-árido cearense.

O desenvolvimento deve ser “sustentável” na perspectiva do desafio de buscar a satisfação das necessidades sem comprometer as necessidades das gerações futuras. O desenvolvimento local valoriza as potencialidades locais que impulsionam um desenvolvimento econômico dotado de sustentabilidade sócio ambiental.

“O desenvolvimento local é um processo endógeno de mobilização das energias sociais na implementação de mudanças que elevam as oportunidades sociais e as condições de vida no plano local (comunitário, municipal ou sub-regional), com base nas potencialidades e no envolvimento da sociedade nos processos decisórios” (Buarque, 1997).

Um dos entraves para a indução de um desenvolvimento local sustentável, para a implementação da estratégia DLIS em Pentecoste, diz respeito a como se configura o poder político instituído. Uma das estratégias que o DLIS se fundamenta é a participação organizada da comunidade local. Nesse sentido, o

PRECE vem contribuindo para a obtenção de um tecido social comunitário coeso através do estoque e fluxo do capital social através da rede. O DLIS é, fundamentalmente uma estratégia de investimento em capital social que se configura através da articulação de redes e de efetivação de processos democrático-participativos praticados em escala local.

Uma outra estratégia é a oferta articulada e convergente de investimentos governamentais e não-governamentais. O DLIS segue alguns passos básicos, como a comunidade ou localidade realizar um diagnóstico participativo para conhecer a realidade, identificar seus problemas e descobrir suas vocações e potencialidades. A partir daí, se elabora um plano de desenvolvimento de forma participativa. O próximo passo é a criação de uma agenda com ações prioritárias que deverão ser executadas por vários parceiros: comunidade local, prefeitura, governo estadual, governo federal, empresas e organizações da sociedade civil. Tudo isso organizado por um fórum democrático formado por lideranças locais (FRANCO 2004, p.12).

No caso de Pentecoste, a cultura política enraizada em práticas políticas conservadoras impedem a formação de modelos de governança que possam fomentar um processo de implementação do DLIS. Historicamente, os grupos que dominam o cenário político de Pentecoste engendram modelos de governo centralizados, o que dificulta a parceria e os canais de diálogo com organizações da sociedade civil. Baseia-se na municipalização conservadora, ainda presente em regiões interioranas do Estado do Ceará, pautada no clientelismo e reforçadora de uma estrutura atrasada de poder local. No processo DLIS, a estratégia é a constituição de um colegiado que seja capaz de planejar, gerenciar, de forma participativa e compartilhada o desenvolvimento local. Para tal, é necessário que o colegiado seja representativo, legítimo e democrático, com a participação de todas as lideranças e segmentos, setores, movimentos sociais e organizações.

A rede PRECE vem buscando induzir esse modelo de desenvolvimento local integrado e sustentável (DLIS) no município. Primeiramente, através da sensibilização das lideranças políticas locais para a construção de parcerias entre atores do governo, do mercado e da sociedade. Outro passo diz respeito à ampliação das redes sociais e a efetivação de processos democráticos participativos, é caso do Ciclo de Debates “Construindo o Município que Queremos” onde a rede mobiliza segmentos, setores e organizações da sociedade

civil para discutir e debater temáticas sobre o desenvolvimento local. A intenção é criar um colegiado que possa iniciar um processo de desenvolvimento na perspectiva da elaboração de um Plano de Desenvolvimento Local para o município.

A rede PRECE esbarra no que Franco denomina de centralismo e a centralização, que juntamente com assistencialismo e clientelismo são exterminadores de capital social. Quanto mais essas práticas forem engendradas nas comunidades, menor será o seu capital social, e, conseqüentemente, seu desenvolvimento.

Segundo Franco (2004), esses três elementos que exterminam o capital social são enfrentados agora de modo mais decisivo nas novas metodologias de indução do desenvolvimento local.

“a) o centralismo e a centralização (conseqüências de padrões piramidais de organização que verticalizam as relações, desestimulam as conexões horizontais entre pessoas, grupos e organizações, isolando-os e deixando-os à mercê de favores de algum indivíduo, grupo ou partido poderoso, inviabilizando a sua participação e anulando o seu direito democrático de decidir sobre as coisas que afetam a sua existência); b) o assistencialismo (que torna as populações beneficiárias passivas e permanentes de programas de oferta de recursos que já vêm prontos); e c) o clientelismo (que substitui a cooperação que mobiliza e alavanca recursos da própria comunidade pela competição por recursos de fora, que serão conseguidos por algum patrono em troca do apoio para a sua – ou do seu grupo, ou do seu partido – manutenção no poder”. (FRANCO, 2004:87)

Esse enfrentamento a tais práticas não pode ocorrer somente no campo do discurso, mas através da articulação das redes e o exercício de processos de democracia participativa. A rede PRECE busca a democratização do poder e o aumento da participação política. Criar uma ambiência onde espaço público comunitário adquiere peso fundamental em contraposição ao governo centralizado, relacionada à evolução da democracia representativa para a participativa. Para tal, é necessário a criação de mecanismos mais diretos da participação dos atores sociais no município, participação em espaços de poder e controle social, por exemplo. Elaborar mecanismos na questão da comunicação e informação cada vez mais ágeis, além do programa radiofônico, criar outros sistemas de comunicação independentes e democráticos, e continuar ampliando o estoque e o fluxo de capital social através da rede, conectando-se e sensibilizando um número cada vez maior

de entidades, segmentos, setores e organizações para a participação no processo de promoção de um desenvolvimento local integrado e sustentável.

III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se perguntarmos a algum precista (como são denominados os membros da rede), qual a missão do PRECE, certamente alguns deles irão resumir numa frase comum entre eles e que está relacionada ao bem viver na comunidade: “que cada cidadão seja um protagonista autônomo e que cada comunidade seja um espaço de cooperação e desenvolvimento igualitário”. Uma missão quase utópica, mas certamente um alvo que estes membros da classe popular perseguem.

Na teoria sobre o capital social, apesar de seu conceito multidimensional, uma definição comum, entre os diversos autores, está relacionada à aspectos da organização social, tais como redes, normas e confiança que facilitam a coordenação e a cooperação para benefício mútuo.

O desenvolvimento requer níveis de crescimento de confiança e cooperação entre as pessoas. O que muitos autores denominam de capital social. Pois não se pode pensar em desenvolvimento sem esses elementos, se não se construir redes de solidariedade e cooperação entre as pessoas.

A realização desse estudo decorre da motivação de saber como estudantes, em sua maioria, filhos de pequenos agricultores e pescadores, vivendo em comunidades rurais tão desassistidas pelo poder público, foram capazes de engendrar de forma sinérgica relações sociais na perspectiva de promover uma educação focada no desenvolvimento e emancipação das comunidades.

Nossas análises comprovam a importância da educação transformadora e emancipatória como um vetor fundamental para o desenvolvimento local. A idéia de que a educação para o desenvolvimento local está diretamente vinculada “à necessidade de se formar pessoas que amanhã possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno, de gerar dinâmicas construtivas” (Dowbor, 2006: p 1). As associações estudantis da rede PRECE buscam cumprir esse papel em Pentecoste.

O PRECE é responsável pela formação de uma rede social pautada em laços de cooperação e solidariedade que propiciou que as pessoas se

conectassem umas às outras buscando alcançar objetivos comuns. Influenciados pelo contexto sócio-político os quais estão inseridos, os membros do PRECE começaram a estimular, organizar e efetivar processos democrático-participativos.

Um dos maiores instrumentos geradores de democracia de um país é a escola pública. É fato que na maioria dos municípios brasileiros a educação pública não está voltada para o exercício da cidadania. A experiência do PRECE busca trabalhar nessa perspectiva, não somente colaborar para o ingresso de estudantes da classe popular na universidade pública, mas, sobretudo, colaborar para a formação de atores sociais comprometidos com a transformação e emancipação social de suas comunidades.

Portanto, o PRECE, na sua rede de Escolas Populares Cooperativas, trabalha uma educação política voltada para o exercício da cidadania, não no sentido tradicional de uma “educação moral e cívica”, mais permitir que jovens tenham acesso ao conhecimento, à informações, na perspectiva de se construir uma visão crítica que regerão suas vidas. Ao mesmo tempo, sem esquecer de colaborar para a melhoria da qualidade da educação pública no município. Pois, educação, informação e cidadania devem estar sempre articuladas.

A rede PRECE é o movimento que mais tem contribuído para a organização comunitária em Pentecoste. Além disso, o trabalho de educação política que o PRECE realiza nas comunidades incomoda a classe política. Os laços de pertença dos membros da rede à comunidade, o engajamento cívico, o trabalho de educação política fortalecem a participação e a ação política. A própria cultura política enraizada em vícios e práticas tradicionais favorece esse tipo de ação. Estudantes de origem popular que conseguem ingressar na universidade pública e retornam para aplicar seus conhecimentos em suas comunidades de origem, um capital intelectual a serviço da emancipação social das comunidades.

Participar de forma ativa de iniciativas capazes de transformar o seu entorno é um desafio, entretanto, os precistas perseguem esse objetivo, mesmo com todos os entraves e dificuldades. Pentecoste ainda sofre com os resquícios de políticas tradicionais, reforçadas por uma estrutura de poder local atrasada. Enquanto a rede PRECE busca o fortalecimento da organização comunitária e o incentivo à participação, a administração local fecha os canais de diálogo com a sociedade civil, reproduzindo práticas, onde o clientelismo é a mais comum delas. A rede PRECE tem um grande desafio pela frente. A visão de um município

desenvolvido não pode acontecer sem a participação dos agentes que estão no poder público. Trata-se de se buscar um novo modelo de governança em contraponto ao *modus operandi* de se fazer política no município que engessa qualquer possibilidade de um processo de DLIS. Pois, uma das premissas do Desenvolvimento Local é que este seja “integrado”, no sentido que é necessário a articulação entre todos os atores que atuam no âmbito local (governo, sociedade civil organizada, agências de desenvolvimento, setores produtivos).

Uma maneira de romper com essa estrutura política de poder local, que inviabiliza o desenvolvimento, é ampliar as redes sociais de desenvolvimento comunitário e engajamento cívico, ou seja, mais pessoas conectadas umas às outras na consecução de objetivos comuns, e promover processos democrático-participativos nas comunidades (conselhos, fóruns, ciclo de debates, etc). Nesse sentido, podemos dizer que o PRECE atua numa dinâmica processual que visa a emancipação das famílias de comunidades populares, buscando novos tempos para o município. É chegado o momento da rede PRECE, através de seus fóruns comunitários, pautar, juntamente com as organizações da sociedade civil, a construção coletiva de um novo perfil de governança em Pentecoste, na perspectiva do ciclo de debates “construindo o município que queremos”.

Uma outra questão relacionada às perspectivas dos protagonistas do PRECE quanto á indução de desenvolvimento local, diz respeito a sustentabilidade desses atores em escala local. Depois da multiplicação e replicação das entidades do PRECE, principalmente nos últimos quatro anos, o número de graduados, a partir do próximo ano, oriundos da região aumentará consideravelmente. A grande maioria ansiosa em conseguir se fixar na região e continuar colaborando com suas comunidades de origens. Um capital intelectual que se não aproveitado na região, certamente irá migrar para outros pólos. Se o poder público tivesse alguma visão desenvolvimentista além de seus interesses de se manter no poder, esta seria uma grande oportunidade de utilizar os atores sociais locais com vista à políticas de desenvolvimento local. É sabido que, mesmo com iniciativas como a ADEL, que visa políticas de apoio à sustentabilidade dos graduados das áreas de ciências agrárias na região, não é suficiente para absorver o número de graduados, principalmente se levarmos em conta os profissionais de outras áreas, como é o caso da educação, os muitos licenciados em áreas específicas.

A sustentabilidade e conseqüente fixação desses graduados na sua região é de grande importância para um projeto de desenvolvimento democrático e participativo utilizando os próprios ativos sociais locais, ou seja, o conhecimento adquirido na universidade a serviço das classes populares nas comunidades. Segundo Ladislau Dowbor:

“Para termos cidadania ativa, temos de ter uma cidadania informada, e isto começa cedo. A educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la”. Dowbor, (2006: p.1)

Os dados da pesquisa (SEDUC) nos mostram uma precariedade no ensino público em Pentecoste, principalmente nas áreas rurais. As escolas rurais funcionam abaixo das condições operacionais mínimas para garantir qualidade no ensino. São problemas como a falta de infra-estrutura física adequada, a dificuldade de acesso de professores e alunos às escolas, o predomínio de classes multiseriadas com educação de baixa qualidade, baixos salários e sobrecarga de trabalho dos professores. Um outro problema no que diz respeito à educação pública no município é quanto à formação de professores, a maioria dos docentes possui formação em pedagogia (grande parte graduado no curso de pedagogia em regime especial da Universidade Vale do Acaraú ofertado em Pentecoste) e são poucos aqueles que possuem habilitação para lecionar em áreas específicas como matemática, física, química, etc.

Mesmo com todos esses problemas e a sinalização em colaborar com o ensino público no município através de seu capital intelectual, as portas da escola pública continuam fechadas na perspectiva de uma ação mais efetiva do PRECE. O poder público não sinaliza em contribuir para a sustentabilidade desses graduados e a fixação desses profissionais na região. Os projetos educacionais de apoio à escola pública desenvolvidos pela rede ocorrem paralelos ao sistema de ensino convencional, sem o apoio do poder público local.

Levantamos um questionamento em relação à atuação do Governo do Estado que, inclusive, conhece o trabalho da rede PRECE. Já não é chegado o momento do governo aproveitar o potencial humano e intelectual do PRECE, no que diz respeito à políticas de desenvolvimento sustentável na microregião do Médio Curú? Nesse sentido, buscar alterar o perfil sócio-econômico de Pentecoste, onde os baixos valores de renda *per capita* (IPECE) reforçam os níveis de pobreza.

No que diz respeito à educação, observando o potencial da aprendizagem cooperativa, qual seria a perspectiva e interesse do Governo do Estado, mediante projetos financiados, em fortalecer e replicar a experiência do Programa de Educação em Células Cooperativas para outros municípios cearenses? Essa metodologia inovadora poderia ser utilizada na própria escola pública, haja vista o sucesso dos resultados da aprendizagem cooperativa quanto ao ingresso de estudantes de origem popular na universidade pública. São somente perspectivas, entretanto, ações que poderiam ser implementadas de forma institucionalizada.

Quanto à Universidade Federal do Ceará (UFC), o PRECE foi inscrito como programa de extensão da pró-reitoria desde 1998. Nesse sentido, a UFC vem influenciando a indução de desenvolvimento local em Pentecoste e na região do Médio Curú, colaborando através dos projetos de extensão para o desenvolvimento comunitário. A UFC induz e promove desenvolvimento local através dos estudantes graduandos, pós-graduandos e egressos. Na região, o PRECE é responsável pelo ingresso de mais 250 estudantes de origem popular na UFC, oriundos dos municípios de General Sampaio, Paramoti, Apuiarés e Pentecoste. Somente em Pentecoste, são mais de 150 estudantes, sendo que destes, 138 estão retornando aos finais de semana para desenvolver projetos sociais beneficiando diretamente mais de 700 pessoas em 33 comunidades.

Levantamos um questionamento em relação à atuação da universidade na região. Já não é chegado o momento da UFC institucionalizar as estratégias e ações do PRECE como um importante programa indutor e promotor de desenvolvimento local na região? O programa de extensão PRECE é praticamente desenvolvido com a participação única dos estudantes ingressos e egressos. Uma das maneiras de potencializar o programa e institucionalizar as ações seria envolver mais docentes da universidade, haja vista que o PRECE desenvolve na região programas em três áreas de atuação e possui estudantes dos mais diferentes cursos da UFC. Inclusive, é possível envolver outros projetos de extensão da universidade aproveitando o potencial de capital humano e intelectual da região. Nesse sentido, seria uma oportunidade da UFC aproveitar esse *locus* de desenvolvimento e potencializar as ações da universidade junto às comunidades populares.

Além disso, são quase 300 estudantes da micro-região Médio Curú que ingressaram na UFC através dessa experiência. Nesse sentido, o PRECE vem contribuindo para a democratização do acesso ao nível superior colaborando para o

significativo aumento de estudantes de origem popular nos mais diversos cursos da UFC. Será que já não é chegado o momento de se pensar a implementação de cursos de graduação da UFC na região? Atualmente a própria UFC possui, através da UFC Virtual, cursos semipresenciais em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) em alguns municípios. É sabido que alguns pólos passam por problemas de evasão, principalmente por falta de apoio.

No entanto, a possível implementação da Universidade Aberta do Brasil, via UFC, em Pentecoste, poderia trazer grandes impactos na educação semipresencial. Primeiramente, que a UFC poderia utilizar o potencial de capital humano e intelectual do PRECE para atuar como monitores e tutores nos cursos de graduação semi-presenciais. Segundo, a UFC poderia implementar o primeiro pólo da universidade aberta utilizando a metodologia da aprendizagem cooperativa. Poderia iniciar com um projeto piloto do pólo da universidade aberta com aprendizagem cooperativa, que inclusive, futuramente, poderia ser replicado para outros pólos e regiões. Importante salientar que, a própria UFC, a partir de 2009, vem utilizando em seus cursos de graduação presenciais a metodologia de aprendizagem cooperativa trabalhada na rede PRECE, um dos principais objetivos é diminuir a evasão e criar uma rede de estudantes cooperativos na universidade. São somente questionamentos e perspectivas, entretanto, ações que poderiam ser implementadas de forma institucionalizadas.

Se pensarmos à atual conjuntura social, educacional, e, principalmente, política de Pentecoste, podemos dizer que o PRECE é um movimento de resistência ao poder tradicional local, pautado pelo fortalecimento da sociedade civil organizada. Uma das experiências mais brilhantes de desenvolvimento comunitário no semi-árido nordestino nos últimos anos, em torno da manifestação ativa de capital social, processos de democracia participativa e de indução de desenvolvimento integrado e sustentável praticado em escala local.

IV - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-EL-HAJ, J. **O debate em torno do capital social: uma revisão crítica.** *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*, Rio de Janeiro, n. 47, p. 65-79, 1. sem. 1999.

ABRAMOVAY, Ricardo. **A formação do capital social para o desenvolvimento sustentável.** Trabalho apresentado no II Fórum Contag de Cooperação Técnica. São Luiz, 1998.

AMARAL FILHO, Jair do. Capital Social e desenvolvimento local no Ceará. **Jornal O Povo.** Fortaleza, 26 de nov. 2000, p.09.

BAQUERO, C. M. J. . Formas alternativas e participação política ou naturalização normativa? Cultura política e capital social no Brasil. *Revista Política e Sociedade*, Florianópolis, v. 5, 2004.

_____. Marcello (Org). **Cultura política e democracia:** os desafios da sociedade contemporânea. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

_____. **Globalização e democracia inercial:** o que o Capital Social pode fazer na construção de uma sociedade participativa. In: BAQUERO, M.; CREMONESE, D. (Org) *Capital Social: Teoria e prática.* Ijuí: Editora Ijuí, 2006.

_____. Marcello. **Construindo uma outra sociedade: o capital social na estruturação de uma cultura política participativa no Brasil.** IN: *Revista Sociologia Política* n° .21 Curitiba Nov. 2003.

COLEMAN, James. Social capital and the creation of human capital. **American Journal of Sociology.** (suplement), n.94, p: 95-120. 1988.

_____. James. **Foundations of social theory.** Harvard University Press, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual**. In: Pontos e bordados – escritos de história e política. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

CASTILHOS, D.S.B. de. **Capital Social e Políticas Públicas**: Um estudo da linha infra-estrutura e serviços aos municípios do PRONAF. 2002.172 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DOWBOR, Ladislau. **Educação e desenvolvimento local**. São Paulo, 03 abr. 2006.
Disponível em: <<http://www.dowbor.org.br>>. Acesso em: 23 de agosto de 2009.

FRANCO, Augusto de. **Capital social**. Brasília: Millenium, 2001.

_____, Augusto de. **O lugar mais desenvolvido do mundo**: investindo em capital social para promover desenvolvimento comunitário. Brasília: AED, 2004.

GROOTAERT, Christiaan *et. al.*. Questionário Integrado Para Medir Capital Social. **Banco Mundial**, 2003.

HOLANDA, Francisco Uribam Xavier. **O Capital Social na Agricultura Familiar: ações cívicas tecendo o desenvolvimento**. *O caso do Assentamento Guriú*. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2003. (tese de doutorado). 258 p.

_____. F. U. X. . **Capital social e desenvolvimento: a participação dos trabalhadores rurais do Mangue Seco**. In: Hubert de Gramont. (Org.). *La construcción de La democracia em El campo latinoamericano*. 1ª Ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais – CLACSO, 2006, cap. 8, p. 181-212

Instituto Coração de Estudante. **Relatório Anual 2004**. Pentecoste, Ceará. Abril 2005.

_____. **Relatório Anual 2005**. Pentecoste, Ceará. Março 2006.

_____. **Relatório Anual 2006**. Pentecoste, Ceará. Fevereiro 2007.

_____. **Relatório Anual 2007**. Pentecoste, Ceará. Abril 2008

SEDUC, **Estatísticas da Educação Básica nos Municípios do Ceará**. Governo do Estado do Ceará, 2006.

IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica do Ceará. **Perfil Básico Municipal: Pentecoste**, 2008.

KLIKSBERG, B. **Falácias e mitos do desenvolvimento social**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, B. Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo. **Revista de la CEPAL** n. 69. Dic. 1999. p. 85-102.

MONASTERIO, L. M. **Capital social e crescimento econômico: mecanismos**. Pelotas/RS: UFPEL, 2000a.

MONASTERIO, L. M. **Putnam no Pampa: Capital social e a Metade Sul do RS**. Pelotas/RS: UFPEL, 2000b.

Programa de Educação em Células Cooperativas. 2009, Pentecoste. Disponível em: <<http://www.prece.ufc.br>>. Acessado em 16/09/2009

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia**. A experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000 (original: Making democracy work. Civic traditions in modern Italy. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993).

_____. (1995) Bowling Alone: America's Declining Social Capital. In: **Journal of Democracy**, Janeiro, v. 6, n. 1, pp. 65-78.

_____. Capital social e democracia: a vida comunitária anima o desenvolvimento político. **Braudel Papers**, São Paulo, n. 10, 1995.

_____, **Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community**. United States of América: Simon & Schuster, 2000.

MILANI, Carlos. **Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)**. Salvador, BA: UFBA 2002. Disponível em <<http://www.adm.ufba.br/capitalsocial>>.

NARAYAN, Deepa, and Lant Pritchett. 1999. “**Cents and Sociability: Household Income and Social Capital in Rural Tanzania.**” *Economic Development and Cultural Change* 47(4): 871-97.

SILVEIRA, Caio Márcio e DA COSTA REIS, Liliane (orgs.). (2001), **Desenvolvimento Local, Dinâmicas e Estratégias**. Rede DLIS/RITS, 26 p

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WOOLCOCK, Michael e NARAYAN, Deepa. **Capital social: implicaciones para la teoría, la investigación y las políticas sobre desarrollo**. 2002. Disponível em: http://poverty.worldbank.org/files/_/13030_implicaciones.pdf acesso em 21/08/2009.

UNESCO (1996). Nuestra diversidad creativa. Informe de la Comisión Mundial de Cultura e Desarrollo.

WORLD BANK. 2000. World Development Report 2000/2001: *Attacking Poverty* New York: Oxford University Press.

V – APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA MEDIR CAPITAL SOCIAL

QUESTIONÁRIO CAPITAL SOCIAL - REDE PRECE – PENTECOSTE (CE)

Data de aplicação

		-			-				
--	--	---	--	--	---	--	--	--	--

Nome do entrevistado

Data de nascimento

Sexo-M - F

--	--

		-			-				
--	--	---	--	--	---	--	--	--	--

Profissão

Comunidade a que pertence

Nível de escolaridade

<input type="checkbox"/>	Fundamental Incompleto
<input type="checkbox"/>	Fundamental Completo
<input type="checkbox"/>	Médio Incompleto
<input type="checkbox"/>	Médio Completo
<input type="checkbox"/>	Superior Incompleto
<input type="checkbox"/>	Superior Completo
<input type="checkbox"/>	Outros(mestrando,doutorando)

Grupos e Redes

1. Eu gostaria de começar perguntando a você sobre os grupos, associações ou área de atuação a que você pertence na rede. Esses grupos podem ser formalmente organizados, como os grupos de pessoas que se reúnem regularmente para praticar alguma atividade ou projeto comunitário. De quantos grupos você faz parte na rede?

2. De todas as áreas de atuação ou projetos comunitários de que você faz parte na rede, qual o mais ou os dois mais importantes para a sua comunidade?

[ENTREVISTADOR: ANOTE OS NOMES DOS GRUPOS OU ÁREAS DE ATUAÇÃO]

Grupo 1 _____

Grupo 2 _____

3. Como uma pessoa passa a ser um membro deste grupo/rede?

1 Já nasce pertencendo ao grupo

2 Sua participação é solicitada

3 É convidada

4 Por escolha voluntária

5 Outros (especifique) _____

Grupo 1

Grupo 2

4. Os membros do grupo/rede têm, em sua maioria, a mesma...

1 Sim

2 Não

A. Ocupação	
B. Formação educacional ou grau de escolaridade	

5. Qual é o maior benefício de se fazer parte deste grupo/rede?

1 Melhora a renda atual dos membros do grupo ou o acesso a serviços

2 É importante em situações de emergência/no futuro

3 Beneficia a comunidade

4 Prazer/Diversão

5 Espiritual, posição social, auto-estima

6 Outros (especifique) _____

Grupo 1

Grupo 2

6. Pensando nos membros deste grupo/rede, a maioria deles é do (a) mesmo (a)...

1 Sim

2 Não

	Grupo I	Grupo II
A. Bairro/localidade		
B. Família ou grupo de parentesco		
C. Religião		
D. Sexo		
E. Idade		
F. Grupo étnico ou lingüístico/ raça/casta/tribo		

7. Alguns membros são mais ricos ou mais pobres do que os outros, ou todos têm mais ou menos o mesmo nível de renda?

- 1 Mais ou menos o mesmo nível de renda
2 Misturam ricos e pobres

Grupo 1

Grupo 2

8. Quando há uma decisão a ser tomada no grupo, geralmente, como isso acontece?

- 1 A decisão é imposta de fora
2 O líder decide e informa os outros membros do grupo
3 O líder pergunta aos outros membros do grupo o que eles acham e então decide
4 Os membros do grupo discutem o assunto e decidem em conjunto
5 Outros (especifique _____)

Grupo 1

Grupo 2

9. Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos semelhantes, **fora** do(a) bairro/localidade?

1 Não

- 2 Sim, ocasionalmente
- 3 Sim, freqüentemente

Grupo 1

Grupo 2

10. Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos semelhantes, **dentro** do(a) bairro/localidade?

- 1 Não
- 2 Sim, ocasionalmente
- 3 Sim, freqüentemente

Grupo 1

Grupo 2

11. Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos diferentes, **fora** do(a) bairro/localidade/município?

- 1 Não
- 2 Sim, ocasionalmente
- 3 Sim, freqüentemente

Grupo 1

Grupo 2

12. Esse grupo trabalha ou interage com outros grupos, com objetivos diferentes, **dentro** do(a) bairro/localidade/município?

- 1 Não
- 2 Sim, ocasionalmente
- 3 Sim, freqüentemente

Grupo 1

Grupo 2

Confiança e Solidariedade

13. Você diria que se pode confiar na maioria das pessoas que fazem parte do seu grupo, ou que nunca é demais ter cuidado ao lidar com as pessoas?

1. Pode-se confiar nas pessoas
2. Nunca é demais ter cuidado

14. Em geral, você concorda ou discorda das seguintes afirmações?

- | | |
|---|----------------------------|
| 1 | Concordo totalmente |
| 2 | Concordo em parte |
| 3 | Nem concordo, nem discordo |
| 4 | Discordo em parte |
| 5 | Discordo totalmente |

A. Pode-se confiar na maioria das pessoas que fazem parte do seu(s) grupo.	
B. No seu(s) grupos é preciso estar atento ou alguém pode tirar vantagem de você.	
C. A maioria das pessoas do seu(s) grupo estão dispostas a ajudar caso você precise.	

Por quê?

—

15. Com que frequência você diria que as pessoas que fazem parte do seu grupo ajudam umas às outras? Utilize uma escala de 5 pontos, onde 1 quer dizer “sempre ajudam” e 5 “nunca ajudam”.

- 1 Sempre ajudam
- 2 Quase sempre ajudam
- 3 Algumas vezes ajudam
- 4 Raramente ajudam
- 5 Nunca ajudam

16. Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas tem benefícios para muitas outras pessoas do (a) bairro/localidade, você contribuiria com seu tempo ou outra forma de apoio material/logístico para o projeto?

1. Não contribuiria com o tempo
2. Contribuiria com o tempo

A. Tempo

1. Não contribuiria com outro tipo de apoio
2. Contribuiria com outro tipo de apoio

B. Outras

17. A partir de que ação ou evento no PRECE você acha que o grau de confiança da comunidade em relação aos projetos desenvolvidos na rede se intensificou?

18. A partir desse evento ou ação o grau de confiança na rede:

- 1 Melhorou
- 2 Piorou
- 3 Permaneceu mais ou menos o mesmo

Porquê?

Ação coletiva e Cooperação

19. Nos últimos 12 meses, você ou alguém do seu grupo participou de alguma atividade comunitária, em que as pessoas se reúnem para realizar algum trabalho em benefício da comunidade?

1. Sim
2. Não (vá para a questão 21)

20. Quais foram as três principais atividades nos últimos 12 meses? A participação nessas atividades foi voluntária ou solicitada?

	Voluntária	Solicitada

21. Qual tem sido o retorno para a sua comunidade através dos benefícios e/ou ações no projeto que você recebeu?

22. Quantas pessoas no seu grupo contribuem com tempo ou outra forma de apoio para objetivos de desenvolvimento comuns e resolução de problemas comunitários?

- 1 Todas
 2 Mais da metade
 3 Cerca de metade
 4 Menos da metade
 5 Ninguém

Coesão

23. Como você descreveria o grau de comunhão ou coesão em seu grupo/rede? Utilize uma escala de 5 pontos, em que 1 quer dizer “muito distante” e 5 “muito próximo”.

- 1 Muito distante
 2 Relativamente distante
 3 Nem distante nem próximo
 4 Relativamente próximo
 5 Muito próximo

Justifique sua resposta

24. Muitas vezes há diferenças nas características entre as pessoas que convivem num (a) mesmo (a) grupo. Por exemplo, diferenças de riqueza, renda, posição social, origem étnica, raça, casta ou tribo. Também pode haver diferenças em relação às crenças religiosas e políticas, ou pode haver diferenças devido à idade ou o sexo. Até que ponto você diria que as pessoas são diferentes no(s) seu(s) grupo?

Utilize uma escala de 5 pontos, em que 1 quer dizer “extremamente diferentes” e 5 quer dizer “muito pouco diferentes”.

1. Extremamente diferentes
2. Muito diferentes
3. Relativamente diferentes
4. Pouco diferentes
5. Muito pouco diferentes

Justifique sua resposta

Emancipação e Ação Política

25. Você sente que tem poder para tomar decisões que podem mudar o curso da sua vida? Faça uma avaliação de você mesmo em uma escala de 1 a 5, em que 1 quer dizer “totalmente incapaz de mudar minha vida”, e 5 quer dizer “totalmente capaz de mudar minha vida”.

1. Totalmente incapaz de mudar minha vida
2. Geralmente incapaz de mudar minha vida
3. Nem capaz, nem incapaz
4. Geralmente capaz de mudar minha vida
5. Totalmente capaz de mudar minha vida

26. Nos últimos 12 meses, quantas vezes as pessoas no seu grupo se reuniram para entregar conjuntamente uma petição a membros do governo ou a líderes políticos pedindo algo em benefício da comunidade?

1. Nunca
2. Uma vez
3. Algumas vezes (<5)
4. Muitas vezes (>5)

27. Alguma dessas petições teve sucesso?

- 1 Sim, todas tiveram sucesso
- 2 A maioria teve sucesso
- 3 A maioria não teve sucesso
- 4 Nenhuma teve sucesso

28. Até que ponto o governo local e os líderes locais levam em consideração as preocupações manifestadas por você ou por outras pessoas do seu grupo, quando tomam decisões que afetam a todos?

- 1 Muito
 2 Um pouco
 3 Não levam em consideração

APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1- ENTIDADES: Central das Associações Organizativas do Município de Pentecoste (COAMPE); União das Associações do Vale do Rio Curú e Canindé (UAVRC); Sindicato dos Servidores Públicos do Município de Pentecoste (SINDSEP);

2-ENTREVISTA COM LIDERANÇAS – Nome e Posição na Instituição. Realizar essa pequena entrevista com pelo menos três lideranças de cada entidade.

3 - ROTEIRO

2.1 – Como você ver a atuação do PRECE no município de Pentecoste? Sondar qual o maior benefício do PRECE na região.

2.2 – A sua instituição confia nos diversos grupos do PRECE? Justifique.

2.3 – Como a sua instituição tem participado, apoiado ou se envolvido com as ações do PRECE?

2.4 – Que tipo de ações, lutas ou reivindicações a sua entidade pratica (especificar, quem dirige e resultados)?

2.5 – Como você está vendo hoje a atuação dos conselhos municipais no município de Pentecoste?

2.6 - Que sugestões a sua entidade faria para melhorar as ações do PRECE no município de Pentecoste?

LIDERANÇAS ENTREVISTADAS

Sr. Gilberto Bezerra da Costa (agricultor, sócio fundador da UAVRC, primeiro Presidente da União, representante da UAVRC no Conselho Municipal de Segurança, Presidente da Associação Comunitária da comunidade de Canafístula).

Sr. Valdemir Almeida Marques (agricultor, presidente da associação da comunidade de Capivara, Presidente do Conselho Municipal de Segurança, membro e representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais no Movimento em Defesa da Escola Pública).

Sr. Francisco Julião (agricultor, Presidente da UAVRC, Vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, membro do Conselho Municipal de Assistência Social, Presidente da Associação Comunitária de Carrapato).

Claudia Melo (professora, Presidente do Sindicato dos Servidores Públicos de Pentecoste - SINDSEP, Presidente do Conselho do FUNDEB, membro do Conselho Municipal de Assistência Social).

Valdenir Cruz (Professor da rede pública municipal, Vice-presidente do SINDSEP, membro do Conselho Municipal de Alimentação Escolar e Apresentador do programa “A voz do SINDSEP” na rádio comunitária).

Maria Auxiliadora Estevan (Secretaria Financeira do SINDSEP e Diretora fundadora, professora da rede pública estadual e municipal em Pentecoste)

Carlos Antônio dos Santos (Presidente da COAMPE, Presidente da Associação de Malhada, Professor da rede pública municipal)

APÊNDICE C – ENCONTRO COM LIDERANÇAS ESTUDANTIS DO PRECE (CONVERSA LIVRE).

PARTICIPANTES:

Professor Eduardo Girão – Professor do Departamento de Ciências Sociais - UFC Orientador da Pesquisa sobre o nível de Capital Social do PRECE no município de Pentecoste - CE.

Tony W Ramos – estudante de Ciências Sociais - UFC , orientando e pesquisador.

Edílson da Costa – Graduado em Pedagogia – UFC, Coordenador de articulação política do PRECE, atuou na área de educação; Vice-Diretor da Central de Associações de Pentecoste (COAMPE) e representante do PRECE na Central; Atua também como representante em outra Central de Associações (União dos Vales do Rio Curú e Canindé-UAVRC); Membro e coordenador do Movimento em Defesa da Escola Pública em Pentecoste; Coordenador do Projeto Observatório do Eleitor. Apresentador do Programa do PRECE na Rádio Comunitária em Pentecoste. Desenvolve ações políticas e educacionais no PRECE.

Shirlene de Castro – Graduanda em Geografia – UFC; Coordenadora do Programa de Rádio do PRECE; Participa de um Projeto de Conscientização Ambiental (Censurado) do PRECE; Membro do Movimento em Defesa da Escola Pública em Pentecoste; Facilitadora de Geografia do Projeto Estudante Cooperativo; Residente Universitária e Diretora do Conselho dos Residentes Universitários – COREU-UFC.

Jocélio Simplicio – Graduando em Ciências Sociais – UFC; Apresentador do Programa do PRECE na Rádio Comunitária em Pentecoste; Coordenador do Projeto Observatório do Eleitor; Membro do Movimento em Defesa da Escola Pública em Pentecoste; Presidente da associação estudantil do PRECE - Escola Popular Cooperativa de Pentecoste; Membro do Conselho de Segurança Municipal de Pentecoste – representante do PRECE.

Ednaldo Firmiano – Graduado em Pedagogia – UFC; Membro da coordenação da Associação estudantil do PRECE – Escola Popular Cooperativa de Boa Vista; Facilitador da disciplina de História no Projeto Pré-Vestibular Cooperativo; Trabalha no Programa da Ashoka Geração Muda Mundo – GMM orientado jovens do PRECE na elaboração de projetos de desenvolvimento comunitário; membro da Associação Comunitária na comunidade rural de Parnaíba em Pentecoste; Participa da central de Associações da União dos Vales do Rio Curú e Canindé-UAVRC e da Central de Associações de Pentecoste (COAMPE); membro do Movimento em Defesa da Escola Pública em Pentecoste.

VI – ANEXOS

Quadro I – Entidades Associativas da Rede PRECE – Pentecoste - CE

Fonte: Pesquisa Direta - maio de 2009

Entidade Associativa	Nº de beneficiados diretos	Nº de questionários aplicados
EPC Pentecoste	180 estudantes	18
EPC Cipó	40 estudantes	4
EPC Boa Vista	108 estudantes	8
EPC Providência	37 estudantes	1
EPC Estrela D'Alva	32 estudantes	2
EPC Ombreira	40 estudantes	3
ADEL	42 agricultores	4
TOTAL	479 beneficiados	40 questionários

Quadro II - Rede PRECE – Pentecoste (CE)

ASSOCIAÇÃO ESTUDANTIS	ÁREAS DE ATUAÇÃO	PROJETOS	Nº DE BENEFICIADOS DIRETOS	Nº COMUNIDADES ATENDIDAS
Escola Popular Cooperativa de Pentecoste	Educação Básica; Desenvolvimento Político; Inclusão Digital	-Pré-Vestibular Cooperativo	145	5
		-Estudante Ativo	35	
		-Prece-Conectado (Inclusão Digital)	145	
		-Apoio ao Estudante	180	
		-Estudante Cooperativo	135	
		-Cinéfilo	40	
		-Observatório do Eleitor (Formação Política)	30	
345				
Escola Popular Cooperativa de Cipó	Educação Básica; Inclusão Digital	-Pré-Vestibular Cooperativo	13	6
		-EJA – Educação de Jovens e Adultos	11	
		-Inclusão Digital	15	
		-Apoio ao Estudante	13	
		-Curso de Inglês	15	
40				

Escola Popular Cooperativa de Boa Vista	Educação Básica;Esporte; Desenvolvimento Político;	-Esporte e Cidadania -Pré-Vestibular Cooperativo -EJA -Educação e Cidadania (Formação Política)	30 48 20 30 108	11
Escola Popular Cooperativa de Providência	Educação Básica; Inclusão Digital;	Pré-Vestibular Cooperativo Reforço Escolar Curso de Inglês	5 15 12 32	6
Escola Popular Cooperativa de Estrela D'Alva	Educação Básica	Pré-Vestibular Cooperativo -Estudante Ativo	15 12 37	6
Escola Popular Cooperativa de Ombreira	Educação Básica; Inclusão Digital;	Pré-Vestibular Cooperativo Apoio à Infância Curso de Inglês Karatê Inclusão Digital	15 20 12 15 10 40	3
Escolas Populares Cooperativas			602 estudantes	33

Fonte: Pesquisa Direta - abril de 2009

Quadro III - ADEL – Agência de Desenvolvimento Econômico Local

Projetos	Público Alvo	Municípios atendidos	Nº Comunidades beneficiadas
Apicultura Integrada Sustentável	45 Produtores	Apuiarés	5
Caprinivocultura	9 produtores 3 produtores	Apuiarés Pentecoste	2 1
Difusão de Tecnologia Agroecológicas	10 AGRICULTORES 7 DE PENTECOSTE	Apuiarés Pentecoste	8 7
Difusão de Tecnologias de Convivência com Seca	95 PRODUTORES 32 DE PENTECOSTE	Apuiarés Pentecoste Tejuçuoca	18 8
Jovens Empreendedores Rurais	18 Jovens 5 Famílias	Apuiarés	1

Fonte: Pesquisa Direta - abril de 2009

Tabela 1. Participação em Projetos na Rede PRECE

Qt. de Projetos	Qt. cit.	Freq.
I	7	17,07 %
II	10	24,39 %
III	11	26,82 %
IV	11	26,82 %
V	2	4,87 %
TOTAL	41	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 2. Projetos Citados Como Mais Importantes

Projetos	Qt. cit.	Freq.
Movimento em Defesa da Escola Pública	27	36,98 %
Pré-vestibular cooperativo	24	32,87 %
Estudante Cooperativo	9	12,32 %
Estudante Ativo	2	2,73 %
Educação De Jovens e Adultos - EJA	2	2,73 %
Agência de Desenvolvimento Local - ADEL	4	5,47 %
Projeto de Teatro	1	1,36 %
Projeto Censurado – Consciência Ambiental	2	2,73 %
Projeto de inclusão digital	1	1,36 %
Programa de rádio	1	1,36 %
TOTAL	73	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 3. Como uma Pessoa Passa a ser Membro do(s) Grupo/Rede

Formas de ingresso	Qt. cit.	Freq.
Já nasce pertencendo grupo	0	0 %
Sua participação é solicitada	2	2,81 %
É convidada	23	32,39%
Por escolha voluntária	46	64,78 %
Outra forma	0	0 %
TOTAL	71	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 4. Quanto à ocupação e nível de escolaridade dos membros dos grupos

Mesma ocupação	Qt. cit.	Freq.
Sim	33	80,48 %
Não	8	19,51 %
TOTAL	41	100 %
Mesmo nível de escolaridade	Qt. cit.	Freq.
Sim	22	55 %
Não	18	45 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 5. Informações e Características dos Membros do Grupo

Mesmo sexo	Qt. cit.	Freq.
Sim	8	10,81 %
Não	66	89,18 %
TOTAL	74	100 %
Mesmo Grupo étnico	Qt. cit.	Freq.
Sim	31	41,33 %
Não	44	58,66 %
TOTAL	75	100 %
Mesma religião	Qt. cit.	Freq.
Sim	52	71,23 %
Não	21	28,76 %
TOTAL	73	100 %
Mesma família ou grupo de parentesco	Qt. cit.	Freq.
Sim	49	66,21 %
Não	25	33,78 %
TOTAL	74	100 %
Nível de renda	Qt. cit.	Freq.
Mais ou menos o mesmo nível de renda	67	91,78 %
Misturam ricos e pobres	6	8,21 %
TOTAL	73	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 6. Em relação à tomada de decisão nos grupos

Tomada de decisão	Qt. cit.	Freq.
A decisão é imposta de fora	0	0 %
O líder decide e informa os outros membros do grupo	0	0 %
O líder pergunta aos outros membros do grupo o que eles acham e então decide	6	8,21 %
Os membros do grupo discutem o assunto e decidem em conjunto	67	91,78 %
Outra forma de decisão	0	0 %
TOTAL	73	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 7. Maior Benefício de se fazer parte da Rede PRECE

Benefícios	Qt. cit.	Freq.
Melhora a renda atual dos membros do grupo ou a acesso a serviços	2	2,73 %
É importante em situações de emergência/no futuro	2	2,73 %
Beneficia a comunidade	69	94,52 %
Prazer/Diversão	0	0 %
Espiritual, posição social, auto-estima	0	0 %
Outros	0	0 %
TOTAL	74	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 8. Interação com Grupos de Objetivos Semelhantes fora do bairro/localidade

Interação/relação de trabalho	Qt. cit.	Freq.
Não	5	6,84 %

Sim, ocasionalmente	23	31,50 %
Sim, freqüentemente	45	61,64 %
TOTAL	73	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 9. Interação com Grupos de Objetivos Diferentes fora do Bairro/Localidade

Interação/relação de trabalho	Qt. cit.	Freq.
Não	20	28,57 %
Sim, ocasionalmente	20	28,57 %
Sim, freqüentemente	30	42,85 %
TOTAL	70	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 10. Interação com Grupos de Objetivos Diferentes dentro do Bairro/Localidade

Interação/relação de trabalho	Qt. cit.	Freq.
Não	26	35,13 %
Sim, ocasionalmente	17	22,97 %
Sim, freqüentemente	31	41,89 %
TOTAL	74	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 11. Relação de Confiança nos Grupos

Pode-se confiar na maioria das pessoas do seu(s) grupo(s)	Qt. cit.	Freq.
Concordo totalmente	23	57,50 %
Concordo em parte	16	40 %
Nem concordo, nem discordo	1	2,50%
Discordo em parte	0	0 %
Discordo totalmente	0	0 %
TOTAL	40	100 %
No seu(s) grupo(s) é preciso estar atento ou alguém pode tirar vantagem de você	Qt. cit.	Freq.
Concordo totalmente	0	0 %
Concordo em parte	3	7,50 %
Nem concordo, nem discordo	4	2,50 %
Discordo em parte	10	10 %
Discordo totalmente	23	57,50 %

TOTAL	40	100 %
A maioria das pessoas do seu(s) grupos (s) estão dispostas a ajudar caso você precise	Qt. cit.	Freq.
Concordo totalmente	29	73,50 %
Concordo em parte	11	27,50 %
Nem concordo, nem discordo	0	0 %
Discordo em parte	0	0 %
Discordo totalmente	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 12. Relação Ajuda Mútua Entre os Membros do(s) Grupo(s)

Relação de ajuda	Qt. cit.	Freq.
Sempre ajudam	22	55 %
Quase sempre ajudam	18	45 %
Algumas vezes ajudam	0	0 %
Raramente ajudam	0	0 %
Nunca ajudam	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 13. Qual Seria a Relação do Membro do PRECE com um Projeto que não lhe Beneficia Diretamente mas Beneficia a Comunidade

Apoio com tempo	Qt. cit.	Freq.
Não contribuiria com tempo	0	0 %
Contribuiria com tempo	40	100 %
TOTAL	40	100 %
Outro tipo de apoio	Qt. cit.	Freq.
Não contribuiria com outro tipo de apoio	0	0 %
Contribuiria com outro tipo de apoio	40	100 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 14. Ações ou Eventos que Intensificaram o Grau de Confiança das(s) Comunidades(s) em Relação ao PRECE

Ação ou eventos	Qt. cit.	Freq.
------------------------	-----------------	--------------

Criação do Movimento em Defesa da Escola Pública	15	37,5 %
Fórum de Segurança realizado na comunidade de Cipó	5	12,5 %
Desenvolvimento de projetos de apoio à infância	1	2,5 %
Aniversário do PRECE de 13 anos na sede do município	9	22,5 %
Inauguração do Estudantório na comunidade de Cipó	3	7,5 %
Lançamento oficial do Movimento na comunidade de Cipó	1	2,5 %
Aniversário do PRECE de 10 anos na comunidade de Cipó	3	7,5 %
O retorno contínuo dos universitários para desenvolver projetos nas suas comunidades	2	5 %
As primeiras aprovações dos estudantes na UFC	1	2,5 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 15. Confiança da(s) Comunidades(s) na Rede PRECE a partir dessas Ações ou Eventos

Grau de confiança das comunidades	Qt. cit.	Freq.
Melhorou	40	100 %
Piorou	0	0 %
Permaneceu o mesmo	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 16. Participação dos Membros do(s) Grupo(s) em Atividades Comunitárias nos últimos 12 meses

Participou de atividades comunitárias	Qt. cit.	Freq.
Sim	40	100 %
Não	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 17. Principais Atividades da rede nos últimos 12 meses e a forma de participação

Principais atividades	Qt. cit.	Freq.
Audiência Pública do PRECE na Câmara Municipal de Pentecoste	18	16,66 %
Ações do Movimento (fóruns, divulgações, panfletagem, etc.)	19	17,59 %
Elaboração pelos estudantes dos projetos da Ashoka	7	6,48 %
Observatório do eleitor	4	3,70 %
Debate e entrevista com os candidatos à prefeito nas eleições passadas em Pentecoste - CE	21	19,44 %
Programa de Rádio Coração de Estudante	3	2,77 %
Ações do projeto Estudante Cooperativo	11	10,18 %
Projetos desenvolvidos pela ADEL	4	3,70 %
Projetos de inclusão digital	1	0,92 %
Lançamento oficial do Movimento no Cipó	8	7,40 %
Ações do projeto de apoio ao estudante	1	0,92 %
Criação do pré-vestibular no assentamento de Erva-Moura	2	1,85 %
Oficinas de xadrez com a juventude	1	0,92 %
Atividades culturais	4	3,70 %
Construção do espaço físico da EPC Boa Vista	1	0,92 %
Encontro com os pais na EPC Estrela D Alva	2	1,85 %
Semana Pedagógica EPC Pentecoste	1	0,92 %
TOTAL	108	100 %
Forma de participação	Qt. cit.	Freq.
Voluntária	112	96,55 %
Solicitada	4	3,44 %
TOTAL	116	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 18. Contribuição dos membros dos(s) Grupos(s) nas Atividades de Desenvolvimento Comuns e Problemas Comunitários

Participação das pessoas	Qt. cit.	Freq.
Todas	15	37,5 %
Mais da metade	18	45 %
Cerca da metade	6	15 %
Menos da metade	1	2,5 %
Ninguém	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 19. Grau de Comunhão ou Coesão do(s) Grupo(s)

Grau de coesão no grupo	Qt. cit.	Freq.
Muito distante	0	0 %

Relativamente distante	0	0 %
Nem distante nem próximo	0	0 %
Relativamente próximo	23	57,5 %
Muito próximo	17	42,5 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 20. Diferença nas Características das Pessoas que compõem a rede PRECE

Diversidade entre as pessoas	Qt. cit.	Freq.
Extremamente diferentes	2	5 %
Muito diferentes	2	5 %
Relativamente diferentes	22	55 %
Pouco diferentes	13	35 %
Muito pouco diferentes	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 21. Poder de Tomada de Decisão do(s) Membro(s) DO Grupo(s)

Poder de tomar decisão que mude sua vida	Qt. cit.	Freq.
Totalmente incapaz de mudar minha vida	0	0 %
Geralmente incapaz de mudar minha vida	0	0 %
Nem capaz, nem incapaz	2	5 %
Geralmente capaz de mudar minha vida	16	40 %
Totalmente capaz de mudar minha vida	22	55 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 22. Mobilização das Pessoas do(s) Grupo(s) para Reivindicar Junto ao Governo Local Melhorias em Benefício(s) das Comunidades(s)

Reivindicações/petições ao governo	Qt. cit.	Freq.
Nunca	0	0 %

Uma vez	0	0 %
Algumas vezes	14	35 %
Muitas vezes	26	65 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 23. Sucesso das Reivindicações/Petições da rede nos últimos 12 meses

Sucesso das reivindicações/petições	Qt. cit.	Freq.
Sim, todas tiveram sucesso	1	2,5 %
A maioria teve sucesso	20	50 %
A maioria não teve sucesso	19	47,5 %
Nenhuma teve sucesso	0	0 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta - maio/junho de 2009

Tabela 24 – Consideração do governo local em relação às preocupações manifestadas pelo PRECE quando realizam ações e tomam decisões que afetam a todos

Consideração do governo e líderes locais	Qt. cit.	Freq.
Muito	1	2,5 %
Um pouco	22	55 %
Não leva em consideração	17	42,5 %
TOTAL	40	100 %

Fonte: Pesquisa Direta – Maio/Junho de 2009